



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Charles Nascimento Tavares

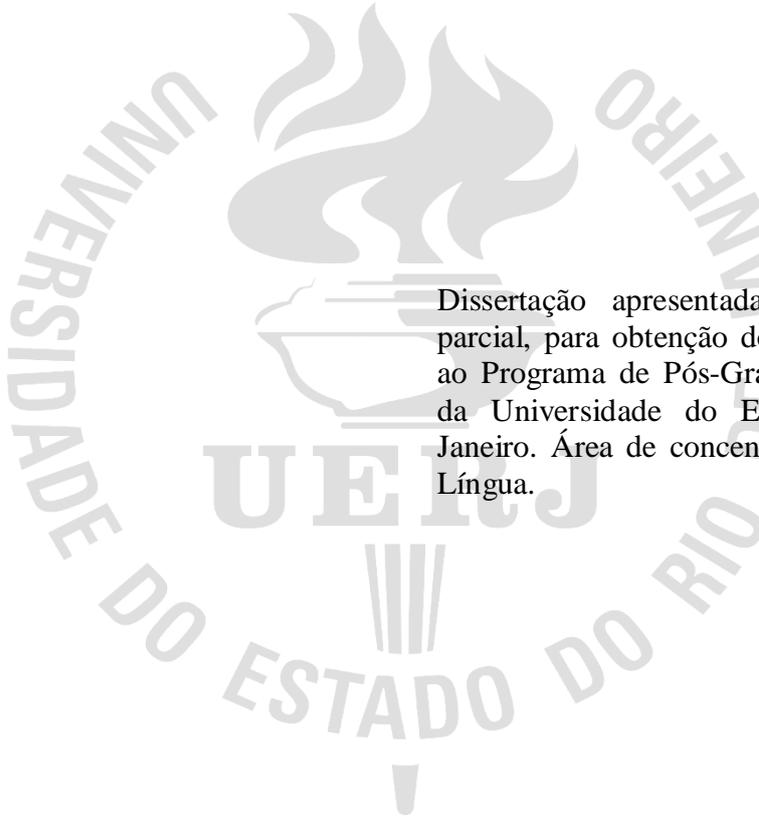
Uma análise discursiva de criminalidades nas manchetes do *Meia Hora* e do *Crônica*: produção de sentidos em enunciados e a sua aplicação no Ensino

Rio de Janeiro

2018

Charles Nascimento Tavares

**Uma análise discursiva de criminalidades nas manchetes do *Meia Hora* e do *Crônica*:
produção de sentidos em enunciados e a sua aplicação no Ensino**



Dissertação apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Poliana Coeli Costa Arantes

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

T231	<p>Tavares, Charles Nascimento. Uma análise discursiva de criminalidades nas manchetes do Meia Hora e do Crônica: produção de sentidos em enunciados e a sua aplicação no ensino / Charles Nascimento Tavares. - 2018. 142 f. : il.</p> <p>Orientadora: Poliana Coeli Costa Arantes. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras..</p> <p>1. Análise do discurso – Teses. 2. Jornais - Manchetes – Teses. 3. Língua – Estudo e ensino – Teses. 4. Criminalidade – Teses. 5. Sociolinguística – Teses. 6. Jornalismo e linguagem – Teses. I. Arantes, Poliana Coeli Costa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 82.085:070</p>
------	---

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Charles Nascimento Tavares

**Uma análise discursiva de criminalidades nas manchetes do *Meia Hora* e do *Crônica*:
produção de sentidos em enunciados e a sua aplicação no Ensino**

Dissertação apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovado em 18 de Setembro de 2018.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Poliana Coeli Costa Arantes (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Décio Orlando Soares da Rocha
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a Dra. Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow
da Fonseca

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

À minha querida Professora Poliana Arantes.

AGRADECIMENTOS

Já dizia um dos meus admiráveis professores: “nenhuma pesquisa é feita sozinho”. Isso porque minhas palavras não são plenamente minhas; meus pensamentos são frutos de um emaranhado de outros. Ainda que esta dissertação seja produto de uma pesquisa que escolhi realizar, meus encontros e muitos desencontros são experiências concretas de trocas e da colaboração de muitos. Quero e vou agradecer, dessa forma, várias pessoas.

Com toda certeza, começarei por aquela que segurou a minha mão, incentivando-me inúmeras vezes, quem acreditou em mim desde a entrevista: minha orientadora querida Poliana Arantes. Sem sua ajuda, apoio, colaboração e atenção, eu não chegaria aqui. Foi você quem me escolheu como orientando, quem me disse que viraria realidade, quem me deu condição de progresso. Poli, você me ajudou a pensar os problemas tratados nesta dissertação. Receba meu muito obrigado em razão dos ensinamentos, dos conhecimentos compartilhados e da generosidade.

Quero tecer um agradecimento especial também para um querido professor. Meu apreço por ele é enorme, tanto é que escolhi iniciar estes agradecimentos por meio da recuperação de suas falas edificantes e construtivas de sala de aula. Professor Décio, eu sinto um carinho muito grande pelo senhor. O senhor é aquele exemplo que jamais esquecemos, é aquele ser humano atencioso de todas as horas, é, sem dúvida, a inspiração de minha alma docente, o professor com qualidades imensuráveis. Muito obrigado por ter sido o primeiro a ler minhas ainda confusas ideias, muito obrigado por aulas indescritíveis e memoráveis, muito obrigado pelos conselhos e por me fazer falar quando minha timidez gritava mais alto. Obrigado por ter acreditado também em mim desde o meu começo!

De igual modo, quero agradecer meu amigo Rodrigo Campos. Você, Rodrigo, foi quem também me incentivou a continuar quando percebi que tínhamos o mesmo desejo por manchetes, e também pelo mesmo jornal. Lembro-me que fui conversar com você, já meio desanimado, sobre esse interesse investigativo, por acaso, nas manchetes do Jornal Meia Hora. E, com tamanha esperteza, solidariedade e visão investigativa, você me explicou que nossas pesquisas jamais se invalidariam, pois trazemos conosco outros olhares, outras vivências, outras leituras, outras pesquisas. Foi, então, graças ao seu apoio que dei sequência em meus propósitos. Meu muito obrigado pelas palavras, pelas ligações, pelo seu ouvido amigo!

Agradeço, da mesma forma, o professor Bruno Deusdará, a professora Maria Cristina Giorgi, minha mentora em tantos outros contextos, e a professora Janaína Cardoso, porque, de fato, vocês colaboraram muito com este trabalho. Eu não chegaria até aqui sem vocês! Muito, muito obrigado! Eu devo muito de minha aprendizagem aos nossos permanentes diálogos e as inúmeras trocas, sobretudo diante do aterrorizante descaso que vivemos contra nossa UERJ. Mas nossa casa e todos nós juntos resistiremos a esses atentados!

Agradeço também todos os colegas de sala e de pesquisa, sobretudo minha amiga Evânia Nascimento, porque juntos construímos possibilidades de investigação. Eu me sinto muito orgulhoso por fazer parte desse Programa que integra seus alunos, que estimula debates. Por meio de conflitos individuais – que se tornam plurais – sobre quais caminhos de investigação percorrer, percebemos o carinho e a solidariedade dos amigos de caminhada.

Por fim, mas que não são menos importantes, agradeço as contribuições de minha família e amigos de infância. Vocês são o princípio de tudo! Foram em seus braços que encontrei apoio e colo em momentos de grande abalo emocional que vivi nos últimos anos. Todos esses problemas hoje estão solucionados porque vocês estiveram comigo. Muito obrigado por me criarem em um seio simples e muito amoroso! Vocês me formaram para a vida!

RESUMO

TAVARES, Charles Nascimento. *Uma análise discursiva de criminalidades nas manchetes do Meia Hora e do Crónica*: produção de sentidos em enunciados e a sua aplicação no ensino. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Esta investigação objetiva analisar manchetes de capa de jornais populares pertencentes a duas regiões metropolitanas distintas: Buenos Aires, de um lado, através do jornal *Crónica – Firme junto al pueblo*, e Rio de Janeiro, de outro lado, por meio do jornal *Meia Hora de Notícias*. O recorte do *corpus* privilegiou textos vinculados ao campo discursivo da criminalidade, datados ao longo do segundo semestre de 2016, a fim de explorar modos de produção de subjetividades que se entrecruzam ao se referir a sujeitos comuns em contextos criminais. A pesquisa buscou entender como sujeitos que não estão diretamente envolvidos com o mundo midiático eram assumidos nesses jornais. Identificamos vozes que os caracterizavam e suas relações com determinadas formações discursivas (MAINGUENEAU, 1997). Além disso, a investigação ressaltou como necessária a manutenção de uma visão crítica sobre o contexto de ensino e aprendizagem, com vistas à formação de alunos conscientes de seu papel social. Com Campos (2013), reconhecemos manchete como texto chamariz que sintetiza e encapsula a notícia de maior destaque do dia para o jornal, sendo, pois, aquele que ocupa maior tamanho e destaque jornalístico. Foi importante explorar não apenas como esses enunciados cumpriam sua função social de chamar a atenção do leitor para a notícia de maior destaque, mas também analisar de que modo efeitos enunciativos foram produzidos e processados, que vozes estavam interconectadas nessas produções. Seguimos o referencial teórico da Análise do Discurso de base enunciativa, referenciando-nos em Maingueneau (2004, 2008, 2010) para sustentar nossa visão sobre a língua e a constituição de discursos, em diálogo com os estudos de Ducrot (1987) no que se refere ao seu esboço de uma teoria polifônica da enunciação. No âmbito desse debate, consideramos Authier-Revuz (1990), no que toca aos desdobramentos acerca de heterogeneidades enunciativas, Bakhtin (2003), quanto à noção de polifonia. À luz das considerações de Ducrot (1987), analisamos essas vozes circundantes por intermédio da operacionalização do conceito de pressuposto e de subentendido. Com vistas ao processo de ensino de línguas, recuperamos as contribuições de Rocha (2016), Rocha e Daher (2015), Mouffe (2001) e Orlandi (1998, 2003), porque entendemos que este estudo pode ser útil aos contextos de aprendizagem, justo por favorecer a construção da consciência crítica a favor da quebra de paradigmas e da desconstrução de preconceitos sociais.

Palavras-chave: Discurso jornalístico. Gênero manchete. Criminalidade. Implícitos. Ensino de língua.

RESUMEN

TAVARES, Charles Nascimento. *Un análisis discursivo de criminalidades en los titulares de Meia Hora y de Crónica: producción de sentidos en enunciados y su aplicación en la enseñanza*. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Este trabajo investigativo objetiva analizar titulares de portada de diarios populares pertenecientes a dos regiones metropolitanas distintas: Buenos Aires, por un lado, por medio del periódico *Crónica – Firme junto al pueblo*, y Rio de Janeiro, por otro, por medio del periódico *Meia Hora de Notícias*. El recorte del *corpus* privilegió textos vinculados al campo discursivo de la criminalidad, fechados en el segundo semestre de 2016, a fin de explorar modos de producción de subjetividades que se entrelazan al hacer referencia a sujetos comunes en contextos criminales. La investigación busca entender como sujetos que no están directamente involucrados en el mundo mediático eran reconocidos en estos periódicos. Identificamos posibles voces que los caracterizaban y sus relaciones con determinadas formaciones discursivas (MAINGUENEAU, 1997). Además, se resalta la manutención de una mirada crítica sobre el contexto de enseñanza y aprendizaje como necesaria, objetivando la formación de alumnos conscientes de su papel social. Junto a Campos (2013), reconocemos titular como texto que llama la atención, que sintetiza y encapsula la noticia de mayor énfasis en el día, siendo, pues, aquel que ocupa más espacio en la portada. Fue importante explorar no solo como estos enunciados cumplían su función social de llamar la atención del lector para la noticia de mayor énfasis, sino también analizar de qué modo fueron producidas y desarrolladas efectos enunciativos, qué voces estaban interconectadas en estas producciones. Seguimos el aporte teórico del Análisis del Discurso de corte enunciativo, basándonos en Maingueneau (2004, 2008, 2010) para sostener nuestra percepción de lengua y la constitución de discursos, en diálogo con los estudios de Ducrot (1987) en lo que se refiere a su esbozo de una teoría polifónica de la enunciación. En el ámbito de esa reflexión, consideramos Authier-Revuz (1990), sobre los desdoblamientos acerca de heterogeneidades enunciativas, Bakhtin (2003), en cuanto a la noción de polifonía. A partir de Ducrot (1987), analizaremos esas voces circundantes por medio de la instrumentalización del concepto de presupuesto y de subentendido. En lo que se refiere al proceso de enseñanza de lenguas, recuperamos las contribuciones de Rocha (2016), Rocha y Daher (2015), Mouffe (2001) y Orlandi (1998), porque entendemos que este estudio puede ser provechoso para los contextos de aprendizaje, justo por favorecer la construcción de la conciencia crítica a favor del rompimiento de paradigmas y de la deconstrucción de prejuicios sociales.

Palabras-clave: Discurso periodístico. Titular. Criminalidad. Implícitos. Enseñanza de lengua.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	<i>Panorama geral</i>	63
Quadro 2 –	<i>Crónica</i> – 01/06/2016	65
Quadro 3 –	<i>Crónica</i> – 24/09/2016	66
Quadro 4 –	<i>Crónica</i> – 31/07/2016	68
Quadro 5 –	<i>Meia Hora</i> – 10/08/2016	70
Quadro 6 –	<i>Meia Hora</i> – 14/07/2016	72
Quadro 7 –	<i>Meia Hora</i> – 03/09/2016	73
Quadro 8 –	<i>Crónica</i> – 02/06/2016	76
Quadro 9 –	<i>Crónica</i> – 03/08/2016	78
Quadro 10 –	<i>Crónica</i> – 24/07/2016	79
Quadro 11 –	<i>Meia Hora</i> – 17/06/2016	81
Quadro 12 –	<i>Meia Hora</i> – 06/07/2016	83
Quadro 13 –	<i>Meia Hora</i> – 12/10/2016	84
Quadro 14 –	<i>Meia Hora</i> – 13/07/2016	85
Quadro 15 –	<i>Crónica</i> – 05/06/2016	87
Quadro 16 –	<i>Crónica</i> – 06/06/2016	88
Quadro 17 –	<i>Crónica</i> – 10/09/2016	89
Quadro 18 –	<i>Meia Hora</i> – 08/07/2016	90
Quadro 19 –	<i>Meia Hora</i> – 12/07/2016	92
Quadro 20 –	<i>Meia Hora</i> – 08/12/2016	93
Quadro 21 –	<i>Meia Hora</i> – 07/10/2016	94
Quadro 22 –	Contraste entre os jornais	97
Quadro 23 –	Traços em comum	98
Quadro 24 –	Cenas enunciativas	99

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	Estudos linguísticos: língua e discurso	17
1.1	Atravessando historicamente os estudos linguísticos: primeiros passos	17
1.1.1	<u>Língua: princípio de tudo?</u>	18
1.1.2	<u>Teoria da Enunciação: atribuição de referências</u>	22
1.1.3	<u>Discurso: reformulação do objeto</u>	25
1.1.4	<u>Teoria e prática: considerações sobre o ensino de línguas</u>	28
1.2	Implícitos no plano da leitura: produção de sentidos no enunciado	32
1.2.1	<u>Heterogeneidade enunciativa</u>	32
1.2.2	<u>Posto, pressuposto e subentendido</u>	33
1.3	Criminalidades: refletindo sobre o discurso midiático	36
1.3.1	<u>Uma relação “rizomática” em manchetes do <i>Meia Hora</i> e do <i>Crônica</i>: trabalhando o conceito de prática discursiva</u>	36
1.3.2	<u>Jornal popular: investigando a ideia de sensacionalismo</u>	39
1.3.3	<u>Sociedade e criminalidade no jornal popular</u>	42
1.3.4	<u>Gênero manchete em contraste com gênero notícia</u>	48
1.3.5	<u>Imagens e cenas enunciativas: seus efeitos discursivos</u>	52
2	Metodologia	57
2.1	Descrição da construção do <i>corpus</i>	57
2.2	Cartografia: a construção da pesquisa	59
3	Análise e discussão dos dados	62

3.1	Eixo 1 – Pistas que possibilitaram o contraste entre as manchetes dos jornais estudados	65
3.2	Eixo 2 – Pistas que apontaram para o ato da justiça pelas próprias mãos	76
3.3	Eixo 3 – Pistas que apontaram para a ênfase no evento trágico/chocante	87
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	102
	ANEXO A – Mapa Investigativo: tabela que contempla todas as manchetes, relacionadas com pistas analíticas, que tratam da criminalidade local	107
	ANEXO B – Capas do jornal <i>Crónica</i> com as manchetes discutidas	123
	ANEXO C – Capas do jornal <i>Meia Hora</i> com as manchetes discutidas	132

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre as construções discursivas e seus efeitos de sentido no enunciado não é pioneira, já que, desde sempre, manifestamos interesses diante das construções e das produtividades do sistema linguístico. Isso porque qualquer falante sempre se importou com o sistema por fazer uso/parte dele. Preocupamo-nos com o que dizemos, como dizemos, com os interesses que dizemos. Por outro lado, diante de um plano científico, filósofos, filólogos, gramáticos, linguistas e estudiosos de diversas áreas circundantes à linguagem, cada um à sua maneira, também contribuíram para a construção de literaturas que versam sobre o assunto (COSTA, 2007; VILELA, 1999; ALI, [1931] (1964); VARELA ORTEGA, 2001). Dessa forma, todos estamos constantemente envolvidos com os usos linguísticos.

Além dessa preocupação, outra que nos é muito cara também já foi objeto de investigações, as quais se dedicaram à análise de títulos/manchetes em jornais populares. Arantes (2010), por exemplo, dedicou-se a tecer análises contrastivas entre o jornal alemão *BILD Zeitung* e o jornal brasileiro *SUPER Notícias*. Esta investigação se preocupou com as diferenças entre as imagens de leitores produzidas em ambos os jornais. Campos (2013), por sua vez, considerou as manchetes dos jornais brasileiros *Meia Hora* e *Expresso*, explorando as construções de imagens de enunciador. Em seu material de pesquisa, foram reconhecidas diferentes imagens que o enunciador tecia sobre si ao enunciar: enunciador religioso, enunciador justiceiro, enunciador debochado, enunciador Homem com H maiúsculo. Emediato (1996; 2000; 2017) desenvolve várias pesquisas sobre o jornalismo popular para compreender o funcionamento do discurso e estratégias de tratamento da notícia.

Dessa forma, reconhecendo essas investigações antecessoras como ponto de partida, propomos dar continuidade aos estudos midiáticos, apresentando como recorte as manchetes de dois jornais populares, por meio dos quais objetivamos analisar as construções discursivas sobre determinados sujeitos, os quais não estão diretamente envolvidos em ciclos midiáticos, e que estão muito presentes nos jornais analisados, protagonizando fatos noticiosos locais. Desse modo, perguntamo-nos como são caracterizados esses sujeitos-notícia nos diferentes jornais populares que escolhemos como *corpus* de nosso estudo: o jornal *Meia Hora de Notícias*, produzido no contexto sócio-cultural do Rio de Janeiro, e o jornal *Crónica – Firme junto al pueblo*, circunscrito no contexto de Buenos Aires. Os dois universos sócio-culturais elencados para as análises foram escolhidos tendo como base minha experiência enquanto

professor de língua espanhola e portuguesa, bem como leitor e curioso quanto às relações linguístico-discursivas do jornalismo popular produzidas nesses veículos informativos.

Com o intuito de encontrarmos respostas, construímos um Mapa Investigativo com o nosso *corpus*, reunindo em um quadro expositivo todas as manchetes dedicadas no nosso trabalho analítico. No Mapa Investigativo, buscamos pistas que nos permitiram produzir eixos analíticos, de modo que pudemos agrupar as manchetes diante de traços comuns. Assim, optamos por analisar três eixos ao longo desta pesquisa:

- Eixo 1: pistas que apontaram manchetes denunciativas (*Crónica*) em contraste com manchetes humorísticas (*Meia Hora*);
- Eixo 2: pistas que apontaram para o ato da justiça pelas próprias mãos;
- Eixo 3: pistas que apontaram para a ênfase no evento trágico/chocante.

Analisamos as manchetes, por sua vez, por meio de quadros analíticos inspirados em três princípios de Maingueneau (2004, p. 64) para o reconhecimento de um gênero: finalidade, estatuto dos enunciadores e organização textual. Em paralelo a esses princípios, utilizamo-nos das categorias de posto, pressuposto e subentendido fornecidas por Ducrot (1987), a fim de não só explorar os efeitos de sentido implícitos nos textos, como o de buscar mais subsídios para discutirmos nossas hipóteses sobre o gênero.

Partindo de uma ótica discursiva, pudemos refletir sobre alguns efeitos, à medida que atribuímos, “a partir de indícios textuais de diversas ordens” (MAINGUENEAU, 2004, p. 98), tanto um caráter e uma corporalidade aos textos analisados, quanto uma construção de cenas da enunciação (MAINGUENEAU, 2004, p. 85).

Cabe antecipar aos leitores da presente pesquisa que diferenciaremos manchete, “construção chamariz” (CAMPOS, 2013, p. 33) de maior importância jornalística na capa dos jornais, de título, construção interior dentro do jornal, embora alguns manuais da área de jornalismo reconheçam manchete e título como sinônimos (MELLO, 2003, p. 139).

Exploraremos como esses enunciados produzem o efeito de atrair a atenção do leitor para a notícia de maior destaque diário, identificando possíveis formações discursivas (MAINGUENEAU, 1997) e, por fim, discutiremos a relevância de utilização dessas percepções analíticas no contexto de ensino e aprendizagem de línguas.

Embora admitia ser polêmico o conceito de formação discursiva, Orlandi (2003, p. 42) argumenta ser esta uma noção básica na Análise do Discurso, porque “permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a

possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”. Os efeitos de sentido, determinados ideologicamente, emergem das palavras, as quais “mudam de sentido segundo as posições daqueles que a empregam”. Portanto, o sentido não está nas palavras, mas sim, nas “formações discursivas em que se inscrevem”. As formações discursivas representam, portanto, no discurso, as formações ideológicas. Daí a formação discursiva ser definida por Orlandi como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2003, p. 43).

Ao refletirmos sobre as articulações semântico-discursivas de um enunciado, com efeito, esta investigação argumenta sobre a necessidade de superar o trabalho de decodificação, de domínio gramatical e fonológico, como já fora focado em um viés histórico da linguística basilar. Ao atravessarmos a estrutura de sustentação da ciência da linguagem, tecendo sobre os fundamentos pioneiros da linguística formal, objetivamos construir um terreno fértil para a discussão contemporânea concernente às heranças e às transformações investigativas, às relações entre discursos e aos diálogos práticos com o processo de ensino e aprendizagem. Buscamos, desse modo, trazer uma revisão teórica sobre esses percursos para defender o lugar teórico que adotamos nesta investigação.

O *corpus* desta pesquisa se constitui de manchetes dos jornais *Meia Hora* e *Crônica*, selecionadas de uma coleta realizada ao longo do segundo semestre de 2016 (01 de junho até 31 de dezembro), quando foi realizado o download de todas as capas disponíveis online. Identificamos que os jornais tratavam de notícias envolvendo sujeitos famosos e não famosos, e optamos por investigar o tratamento dado a estes. Após a releitura desse material, chamou-nos a atenção a recorrência com que os sujeitos-notícia estavam caracterizados nos enunciados dos jornais analisados, pois parecia haver uma diferença no trato desses sujeitos nos dois jornais, na maioria das vezes, associados ou envolvidos com a criminalidade local. A partir dessa observação, procedemos ao recorte do objeto a partir de análise prévia de todo o material coletado, para que pudéssemos analisar quais fenômenos discursivos apareciam e, então, proceder à construção da análise dos dados. Ou seja, investigamos, primeiro, as pistas linguísticas recorrentes para, assim, construirmos uma análise reflexiva diante dos fenômenos discursivos materializados.

A escolha desses objetos se deve também ao fato de que *Crônica* e *Meia Hora* pertencem ao mesmo fazer jornalístico, *a priori*, e privilegiam, em suas manchetes, a cobertura de fatos noticiosos locais, envolvendo sujeitos não inseridos diretamente em relações midiáticas mais globais, conforme a tendência de outros jornais, nomeadamente

tradicionais. As manchetes desses jornais, geralmente, se configuram como construções sintéticas, as quais se utilizam do conhecimento de mundo do público alvo e tendem a uma aproximação linguística com esses leitores, diferentemente de outros jornais considerados não populares.

Segundo Figueiredo & Luz (2010), o desenvolvimento tecnológico contribuiu para que a tradicional imprensa jornalística tivesse uma perda significativa de leitores. O acesso tende a ser mais dinâmico e ágil com a popularização de blogs, redes sociais, portais virtuais, por exemplo. No entanto, há aqueles que optam pela leitura física. Pensando nestes leitores, o formato tabloide parece ter ganhado bastante aceitabilidade. Ou seja, uma alternativa, tendo em vista a modernização dos veículos de informação, foi o investimento em novos formatos, diminuindo custos.

Ambos os jornais analisados nesta pesquisa são produzidos em formato tabloide; apresentam produções discursivas mais próximas do registro oral e informal; seu valor de comercialização é relativamente acessível e sua circulação se insere em zonas urbanas e, portanto, com maior circulação de pessoas. Além disso, a escolha pela investigação desse *corpus* também se justifica diante de nossa consideração de que se faz relevante o estudo no meio acadêmico de jornais que, *a priori*, são endereçados ao universo popular (ARANTES, 2013).

Para nos dedicar a esse universo, definimos que a presente investigação assume a linguagem a partir de uma perspectiva dialógica, reconhecendo os entrelaces com outros discursos. Entendemos, pois, o enunciado dentro de seu contexto (cf. MAINGUENEAU, 2004, p.20), em formação e arranjos com interações discursivas anteriores e sucessoras. Assim, a construção dos enunciados é possibilitada, também, pela apropriação dos discursos de outros sujeitos.

Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes dos seus e alheios - com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, 272).

Assim, a análise de sentidos não se realiza de modo exaustivo, porque nem mesmo quem enuncia tem total dimensão de suas implicações. Por isso, concordamos com Mittmann, para quem

o sentido não nasce da vontade repentina de um sujeito enunciativo. O discurso tem uma memória, ou seja, ele nasce de um trabalho sobre outros discursos que ele repete, ou modifica. Essa repetição ou modificação não é necessariamente intencional, consciente, nem imediata [...]. Ao contrário, pode ser oculta ao sujeito enunciativo. (1999, p. 272)

Resgatando Deleuze (2001, *apud* SOARES; MIRANDA, 2009 p. 413), compreendemos o processo de construção de subjetividades como práticas construídas pelas experiências interativas entre sujeitos, como essa relação de si consigo mesmo e com outros diálogos com o mundo. Em conformidade com Gattari & Rolnik (1999), entendemos o sujeito não como ser isolado do mundo e das inter-relações, mas constituído a partir da confluência interativa no contexto social, dos devires imperceptíveis. Assim,

ao considerarmos a subjetividade como um fluxo contínuo de sensações, modos de existir, amar e comunicar, de imagens, sons, afetos, valores e formas de consumo literalmente fabricadas no entrecruzamento de instâncias sociais, técnicas, institucionais e individuais, estamos radicalizando as possibilidades dos engendramentos de subjetividades. No limite, é possível talvez considerar que todos os sujeitos e coletivos humanos, institucionalizados ou não, com maior ou menor grau de instrução e de conhecimento tecnológico, são produtores de subjetividades (SOARES; MIRANDA, 2009, p. 415-416).

Reconhecemos, a partir dessas perspectivas, que seria impossível encontrar uma verdade nos discursos; tampouco seria possível conceber a língua como um “recipiente” composto de lacunas previamente determináveis, cujo contexto de uso fosse um mero acessório dispensável, no qual se colocariam coisas essencialmente exteriores. Este aspecto do que é intencional e irrefutável é uma concepção da qual nos afastamos, já que, ao nos debruçarmos analiticamente sobre um enunciado, não almejamos encontrar o que estaria velado, mas trabalhamos com possibilidades consideradas a partir do contexto discursivo, dos agentes enunciativos, do momento e da situação de enunciação.

O contexto da oração é o contexto da fala do mesmo sujeito do discurso (falante); a oração não se correlaciona de imediato nem pessoalmente com o contexto extraverbal da realidade (a situação, o ambiente, a pré-história) nem com as enunciações de outros falantes, mas tão somente através de todo o contexto que a rodeia, isto é, através do enunciado em seu conjunto (BAKHTIN, 2003, p. 277)

A partir disso, esta investigação se propõe a explorar os efeitos de sentido produzidos em manchetes, recortadas dentro do campo discursivo de criminalidades. Buscamos compreender como os acontecimentos envolvendo esses sujeitos que não estão diretamente

envolvidos com a grande mídia – que não são socialmente conhecidos para além do eixo de interação local – são processados discursivamente nessas manchetes. Ademais, a pesquisa busca refletir, a partir dos resultados encontrados, de que modo o processo de ensino e aprendizagem de línguas em sala de aula pode ser favorecido com tais discussões.

Sendo assim, reconhecemos a importância de continuarmos a produzir estudos diante de jornais como esses, seja pelo pouco volume de literatura acadêmica que se dedica à análise desses textos, conforme observação de Bonini (2003, 2011), seja pela consciência de que devemos seguir com o mesmo compromisso de tratar, na universidade e na sala de aula, de assuntos que dizem respeito à população que a mantém. Acreditamos que colocar em discussão as problemáticas de uma dada sociedade, as quais o senso comum tende à naturalização ou à padronização, é o que justifica e fortalece nosso pensamento reflexivo no combate a preconceitos e a favor de posicionamentos ativos diante de fatos que nos provocam o repensar.

Considerando o exposto, o trabalho se organizou em três capítulos. No primeiro, o leitor encontrará uma reflexão histórica que nos permitiu defender a visão dialógica da linguagem que fundamenta nossa análise. No segundo, a base metodológica que possibilitou esta pesquisa. No terceiro, a análise e discussão dos entendimentos a que chegamos.

Começamos por uma retomada histórica à base de sustentação da linguística formal, a fim de considerar o momento e a finalidade dos estudos sobre a língua no passado. Assim, sem deixar o barco à deriva, pretendemos atravessar os estudos linguísticos, ressaltando inserções pioneiras para a construção da ciência da linguagem, as quais se caracterizavam à vanguarda de seu tempo. Em seguida, chegaremos às concepções contemporâneas adotadas na Análise do Discurso de base enunciativa, bem como construiremos um diálogo com estudos práticos voltados para o Ensino.

Por fim, procederemos à análise do *corpus* da pesquisa, considerando as relações enunciativas entre os jornais supracitados. Sendo assim, a análise enfatizará não só como esses sujeitos foram assumidos por esses jornais, mas também de que modo os eventos noticiosos relativos às criminalidades foram processados discursivamente. Em seguida, tomando a análise como base argumentativa, refletiremos sobre tais discussões no processo de ensino e aprendizagem de línguas, com vistas à tomada de posicionamento por meio dos estudantes envolvidos e à desconstrução de paradigmas, que forçam e acentuam a desigualdade em sala de aula, tal como aqueles que não privilegiam o letramento crítico, por exemplo.

1 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS: LÍNGUA E DISCURSO

1.1 Atravessando historicamente estudos linguísticos: primeiros passos

Esta primeira etapa traz à discussão uma retrospectiva sobre estudos linguísticos, considerando o momento e a finalidade para tal dedicação, como base argumentativa para a escolha de nossa base teórica. Serão reconhecidos estudos que foram fundamentais para a construção da ciência da linguagem, enaltecendo essas inserções pioneiras que possibilitaram caminhos para sua consolidação, e serão produzidos questionamentos possíveis a partir de nossa visão teórica. Partindo dessa trajetória histórica, portanto, chegaremos às atuais premissas norteadoras da Análise do Discurso de base enunciativa, as quais constituem os pressupostos teóricos da presente investigação.

No item 1.1.1, referimo-nos, fundamentalmente, às contribuições de Ferdinand Saussure¹, apontando pontos referentes a seus estudos para a construção basilar de uma ciência da linguagem. Ademais, refletiremos sobre os vestígios que desencadearam o rompimento entre suas perspectivas e os caminhos atuais de investigação trilhados em um contexto pós-estruturalista, a fim de considerar impactos no ensino de línguas.

Em sequência, no item 1.1.2, serão destacadas as contribuições fornecidas pela Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, as quais serão fundamentais para nossa reflexão diante do estudo do enunciado. Será ressaltado seu potencial percebido ao se traçar um olhar investigativo sobre a enunciação.

Após a reflexão sobre a importância dos estudos introdutórios realizados por Saussure e Benveniste, o que nos possibilitou a construção de questionamentos a partir dos entendimentos a que esses estudos chegaram, discorreremos no item 1.1.3 sobre nossa orientação teórica, partindo daqueles questionamentos introdutórios levantados para argumentar sobre a percepção dialógica da linguagem que sustenta esta investigação.

Tomando como referência as discussões desenvolvidas com vistas ao ensino/aprendizagem de línguas, construímos no item 1.1.4 um terreno teórico de sustentação para a prática em sala de aula, atentando-nos para a produção de sentidos em enunciados e para a construção de posicionamento crítico.

¹ Tomar-se-á a referência direta a Saussure, embora se saiba que o *Curso de Linguística Geral* (1916) é o apanhado de suas ideias a partir das anotações de seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye.

1.1.1 Língua: princípio de tudo?

Quando pensamos no marco dos estudos que hipoteticamente poderiam ter possibilitado uma organização de critérios para investigação sobre a linguagem, lembramos imediatamente de Saussure. A partir dos relatos compilados que deram origem à obra que conhecemos como *Curso de Linguística Geral* (2006 [1916]), encontramos pontos fundamentais que possibilitaram caminhos investigativos de confluência e de divergência, contribuindo, de todo modo, para o desenvolvimento da área de linguística.

Amplamente, a linguística é tanto uma disciplina, quanto um campo do conhecimento. Segundo Altman (2011), enquanto disciplina, é relativamente nova, se consideramos que sua autonomia se deu no início do século XX, com o objetivo de estudar línguas naturais. De todo modo, quando pensamos a linguística enquanto campo do conhecimento, sua história é muito mais antiga. Desde o momento em que o homem começa a refletir sobre sua língua e sobre seus processos, já é possível pensar em conhecimento sobre a linguagem. Por esse motivo, não faz sentido tentarmos reconstruir os marcos teóricos do surgimento da ciência da linguagem sem considerarmos que as retrospectivas históricas são sempre fadadas, conseqüentemente, a serem incompletas e tendenciosas.

Quanto a noção de tradição:

[...] ela visa a dar uma importância temporal singular a um conjunto de fenômenos, ao mesmo tempo sucessivos e idênticos (ou, pelo , menos, análogos); permite repensar a dispersão da história na forma desse conjunto; autoriza reduzir a diferença característica de qualquer começo, para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem; graças a ela, as novidades podem ser isoladas sobre um fundo de permanência, e seu mérito transferido para a originalidade, o gênio, a decisão própria dos indivíduos (FOUCAULT, 2004, p. 23-24)

Foucault argumenta que é preciso pôr em questão essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que surgem a partir da reiteração da tradição, em suas palavras “[...] é preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares” (FOUCAULT, 2004, 24).

Tendo a consciência de que não queremos reconstruir um marco teórico tradicional e unívoco do surgimento da linguística, retomamos que o interesse pela humanidade é difícil de ser datado. Afinal, é por meio das construções diante desse sistema diversificado que não só nos conhecemos, como também conhecemos o outro e o mundo, construímos laços,

informamo-nos, questionamos, pensamos. Essa lógica é possibilitada, por exemplo, pela tradição hindu, pela escola grega e romana, passando pela Idade Média, pelo Renascimento, pelo iluminismo, dentre outras comunidades que não conhecemos e que foram exterminadas muito antes de nossa geração.

Nos cursos de Letras se costuma dizer que a língua, no princípio, era limitada aos estudos sobre gramática, servindo, unicamente, aos paradigmas de certo e errado (SAUSSURE, 2006, p. 6). De acordo com essa linearidade, o segundo período, final do século XVII, teria sido marcado pela Filologia, que toma a língua como um de seus objetos, contribuindo apenas para comparação e explicação de textos de diferentes épocas – o que inaugura a Linguística Histórica –, embora desconsidere a língua falada, apegando-se somente à língua escrita (SAUSSURE, 2006, p. 8). No terceiro período, início do século XVIII, a linguística começa a ter seu campo de estudo redimensionado pela Gramática Comparada, cuja descoberta estava na possibilidade de as línguas serem comparadas entre si (*ibid*, p. 8).

Embora esses períodos tenham dado espaço à Linguística como um saber científico, em especial o último, colocando a língua no centro de estudo, não apreendem qual é o seu objeto, cuja natureza é ponto-chave para se constituir como ciência e, assim, delimitar um método de análise peculiar. Com os estudos entre as línguas românicas e germânicas, nasce a escola de neogramáticos, que passa a entender a língua como processo resultante da coletividade, não mais individual. É nessa visão pioneira que Saussure se apoiará para conceber a língua em sua dimensão social.

No século XX, em decorrência de três cursos ministrados em Genebra, entre 1909 e 1911, os pensamentos desenvolvidos a partir do interesse de Ferdinand Saussure e de seus alunos assumem um papel de relevância na história basilar da Linguística. Segundo Parreira (2017), tal importância se deve à definição do objeto de estudo para a Linguística. Têm-se, então, por meio dessa definição, premissas investigativas condensadas, as quais começam a possibilitar um caminho de análise.

Em 1913, após a morte de Saussure, seus seguidores Albert Sechehaye e Charles Bally reúnem anotações sobre as aulas e as publicam no livro *Cours de Linguistique Générale*, em 1916, a obra que instigou um amplo desenvolvimento de estudos dos fatos da linguagem. Foi defendida a necessidade de uma ciência autônoma. Constrói-se, a partir disso, o mundo da linguagem por meio da separação entre *langue* e *parole*. Segundo Altman (2011), esta representaria a execução da linguagem, sustentada através da ótica da variabilidade, e aquela representaria o sistema inconsciente presente no cérebro de todos os indivíduos.

Nessa lógica, a língua passa a ocupar papel central nas investigações, pois é reconhecida como o objeto de estudo da Linguística, e o objetivo do linguista, naquela época, seria descrever o seu sistema.

Podemos considerar, de certo modo, que o pensamento saussuriano marcou a história dessa ciência que investiga o sistema linguístico, porque seu intento em delimitar um caminho de investigação foi fundamental para que se pudesse pensar em uma autonomia investigativa frente aos demais estudos. Isso mostrou um avanço significativo para sua época, embora, contemporaneamente, venhamos a questionar determinados caminhos adotados. Mas, sem um ponto de partida que defendesse um lugar para a Linguística, talvez, não chegaríamos a reflexões outras em contra daquelas.

É bem verdade que suas ideias se modificaram com o tempo. Mas isso não seria suficiente para o entendimento de que não houve contribuição. As teses saussurianas se fizeram úteis. Acreditamos que seus pensamentos foram relevantes, que tiveram sua importância à sua época, embora, conforme veremos mais adiante, estudos sucessores se desvincularam dessas ideias introdutórias. Por exemplo, até que ponto o circuito da fala seria individual, no sentido de que um plano $A \rightarrow B$ e $B \rightarrow A$? Se esse ato “supõe pelo menos dois indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 19), como pensar as circunstâncias em que não falamos com outro alguém? Será que só usamos a língua com fim de comunicação?

Nesse princípio, a língua estaria sendo concebida como um sistema representacional. Mas será que a língua apenas se restringe a isso? Será que os significados preexistiriam ao significante? Será que a língua seria apenas um repertório de signos? No entanto, acreditamos que somente é possível discordar de uma ideia, a partir do momento de sua produção; só há progresso por meio do confronto de visões diferentes. Isso também é produzir contribuições.

O olhar para a linguagem considerou, durante muitos anos, a palavra, os signos como objeto central da linguística. No entanto, entendemos que atualmente seja possível pensarmos além dela, considerando-se, sobretudo, a interlocução com outras áreas. Hoje, provavelmente, pode nos parecer óbvio que apenas analisar o léxico de uma língua não dê conta dos múltiplos caminhos interdiscursivos, porque a palavra isolada de seu contexto de uso funciona apenas como um inventário pouco útil. Diante de um contexto discursivo, sua inter-relação vai além de sentidos previamente estabelecidos e dicionarizados.

Assim, a língua vinha sendo percebida como um sistema em que um elemento se definia pela relação com outros. Diante desse raciocínio, esse sistema linguístico parece nos remeter a uma estrutura de blocos, os quais parecem carregar em si mesmos sentidos fixados de modo anterior à sua produção. De acordo com a metáfora saussuriana do jogo de xadrez,

poderíamos imaginar que as possibilidades do sistema estavam previamente imaginadas, que uma peça se justificaria pela contraposição a outras. No entanto, interrogamo-nos: seria por meio da posição oposta entre esses “blocos” que construiríamos sentenças na língua? Será que os sentidos já estariam prontos e engessados, de modo que não importaria a peça, senão sua função no jogo? Será que sentidos já seriam possíveis antes mesmo de suas manifestações? Quando imaginamos o contexto de ensino e aprendizagem, por exemplo, será que todos os sentidos estão/são possíveis de dicionarização ou construção de oposições linguísticas? Será que, no uso, somos tão robóticos e limitados que só nos resta ser possível construir as relações nas quais participamos capturando sentidos prontos de uma estrutura? Se concordássemos fielmente com essas constatações introdutórias, estaríamos negando nossa potencialidade de reformulação, de reconstrução. Defendemos, pois, que quando construímos enunciados não apenas representamos o abstrato imaginável, não apenas descrevemos o mundo, porque dizer não poderia se limitar a essas relações de comunicação. Por meio da linguagem também nos autorreconhecemos, concordamos e discordamos, agimos e sentimos, ou seja, podemos intervir em múltiplas relações sociais na e pela linguagem.

Com respeito a essa consideração sobre a linguagem, defendemos que não seria possível, por exemplo, imaginar esse sistema de significações como uma estrutura fechada, na qual seria possível adicionar sentidos estáveis e chegar a leis universais. Em nossa percepção, entender a linguagem dessa forma padronizada e estática seria limitar seu valor produtivo e desconsiderar os fatores transversais que se somam ao ato de enunciar: contexto, tempo, lugar, sujeitos enunciadoreis. Mas isso é assunto para mais adiante. Nesse raciocínio, esse sistema linguístico não poderia estar fechado apenas a significações opositivas, porque nossa interação e intervenção no mundo vai além disso.

De todo modo, o pensamento saussuriano, inquestionavelmente, foi de grande valia à época. Suas contribuições possibilitaram um estudo enquanto ciência. Nesse sentido, concordâncias ou discordâncias apenas favorecem avanços. Pensamos que seus passos louváveis e à vanguarda de seu tempo, de todo modo, contribuíram significativamente, pois a partir dele houve a possibilidade de embates, reflexões e questionamentos.

Ressaltamos com isso que não nos interessa aqui argumentar, como afirma Benveniste (2005a, p. 34), a favor da valorização de Saussure enquanto grande percussor da Linguística moderna, de tal modo que “todos os linguistas sucessores devessem-lhe algo”, ou, conforme Pêcheux (1998 *apud* PIOVEZANI, 2008, p. 8), “que os postulados saussurianos não foram devidamente respeitados e desenvolvidos pelas diversas correntes linguísticas do século XX”. Não se trata disso. Mas, antes, interessa-nos construir um gancho retrospectivo que nos

possibilite situar de onde falamos, ou seja, onde estaria nosso referencial teórico nessa reconstrução. Parece-nos possível construir avanços com embates, com encontros e desencontros.

A seguir, discutimos sobre os impactos da Teoria da Enunciação em nossa concepção de linguagem.

1.1.2 Teoria da Enunciação: atribuição de referências

Esta seção se baseia na construção de princípios voltados à enunciação, na qual o sujeito está inserido pela atribuição de referência. Trataremos, neste momento, das contribuições que Émile Benveniste forneceu aos estudos linguísticos.

Segundo Brum (2005), a noção de comunicação nos estudos linguísticos surge em sucessão aos caminhos saussurianos levantados anteriormente, sobretudo nas teses de 1929 do Círculo de Praga. Sem, no entanto, abandonar o pressuposto saussuriano da língua como sistema, mas expandindo a abrangência desse postulado, essa escola reformula o conceito teórico de língua, passando a assumi-la como “un sistema de médios de expresión apropiados para un fin” (TRNKA *et alii*, 1980 *apud* Brum, 2005, p. 84).

Outra percepção inserida com a anterior é a de língua como instrumento. Mais de quarenta anos depois das teses do Círculo de Praga, o linguista francês Émile Benveniste afirmava:

Concluimos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso [...]. Há de um lado a língua, conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e em sistemas; de outro, a manifestação da língua na comunicação viva. (BENVENISTE, 2005b, p. 139)

Em sucessão aos caminhos levantados anteriormente, a língua passa a ser assumida a partir de sua propriedade como instrumento de comunicação² entre sujeitos. A linguagem não estaria fora da natureza humana de fazer do homem aquilo que ele é e, ainda, de lhe fornecer os dispositivos para se reconhecer como um *eu*.

² Discutiremos sobre essa visão na próxima seção, considerando os postulados da Análise do Discurso.

Benveniste, ao contribuir para a construção da teoria da enunciação, compreende que quando um enunciado é produzido, ele está relacionado à existência de um eu que o enuncia (enunciador) em um lugar (aqui) e em um tempo (agora). Além disso, ele está direcionado a um tu, que completa as lacunas de sentidos naturalmente deixadas em sua produção (coenunciador).

A constituição do homem como *sujeito*, como *eu*, só se dá numa relação dialética, onde *eu* fala para um *tu*, que será na alocação deste um *eu*, e este, um *tu*. Por essa possibilidade de inversão, compreende-se o que Benveniste chama de “eco” do *eu*, possível pela extensão do *tu* (JUCHEM, 2008, p. 16).

Para Benveniste, essa polaridade é condição fundamental na linguagem, já que a partir dela o homem se constitui enquanto sujeito. “Eu” e “tu” se dão numa relação de reversibilidade. Benveniste vem a perceber nessa categoria da língua, talvez, o mais importante viés da teoria enunciativa.

Benveniste percebe que, na organização referencial da língua, “eu” e “tu” não existem por si mesmos; só existem pela atribuição de referência; “eu” não tem referência em si mesmo, pois não é definível; “cada eu tem sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único” (BENVENISTE, 2005c, p. 278). “Eu” e “tu” sofrem um duplo processo: de “eu” referente enquanto enunciado e de “eu” referido enquanto “tu” enuncia, sucessivamente. Para Juchem (2008), eu e tu transitam entre os locutores nas instâncias de discurso porque se pressupõem. Essa possibilidade é dada pela conversão da linguagem em discurso, a qual disponibiliza na língua signos, à disposição de qualquer locutor que os enuncie, embora só adquiram sentido quando enunciados.

Para Benveniste, a subjetividade reside no fato de que “eu” é apenas “eu” quando tem consciência de si mesmo enunciando-se, permitindo ao “tu” que seja também “eu”, em retorno, por esse motivo as categorias de pessoa são categorias “vazias”, ocupáveis por qualquer um que diz “eu”. Se a linguagem é da natureza do homem, então é nela e por ela que ele se faz como sujeito através do exercício da subjetividade na língua, a qual é tratada por Benveniste como a possibilidade de o “eu” emergir a partir do momento em que diz “eu”. No entanto, sem querer nos adiantar, conforme veremos na próxima seção, essa concepção de subjetividade na língua ganhará contornos mais expandidos. Vale ressaltar que esses pronomes não designam nenhum conceito ou indivíduo em especial, porque “não há conceito englobando todos os ‘eu’ que se enunciam a todo instante na boca de todos os locutores” (BENVENISTE, 2005c, p. 281).

Esse ato depende da relação do locutor com a língua, pois é ele que a mobiliza para produzir um “enunciado próprio”. Nisso está a condição da enunciação – o ato em si. Como ponto de partida está o locutor, porque sem ele a língua é apenas possibilidade de língua. Para que ela venha a existir é necessário um processo de apropriação da língua pelo locutor, num movimento de referência e correferência, uma vez que este pede um outro – um tu – como colocutor, independentemente de sua presença. “Toda enunciação é explícita ou implicitamente uma alocação” (BENVENISTE, 2006, p. 84). Assim, entende-se a referência como parte integrante da enunciação pelo fato de que “eu” está no centro da língua.

Vale lembrar, por fim, que o propósito da teoria enunciativa não se volta ao sujeito em si, mas às suas marcas no ato de enunciar. Flores (2008, p. 36) conclui: “a enunciação – ou, melhor dizendo, a estrutura enunciativa – é uma instância pressuposta que está na origem de todo e qualquer enunciado. Ela não é observável em si, ela é, por natureza, efêmera. O observável são as marcas da enunciação no enunciado”.

Desse modo, Benveniste coloca a língua em uma nova dimensão – a da significação – que só se dá na instância do discurso, isto é, na enunciação. Flores (2008, p. 12) ilustra essa reflexão: “É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua”. Nela e por ela o signo emerge em sua plenitude, inexistindo fora do uso, em que não é nada senão apenas possibilidade de ser. Quanto a isso, Juchem complementa:

em Benveniste, sob o nome de aparelho formal, o sistema é visto pelo seu uso. Se cada sujeito toma a língua por discurso, sendo a cada momento um uso novo, então, na enunciação, a língua é vista na singularidade do sistema. Da perspectiva de língua de Saussure dá-se a ultrapassagem de Benveniste: a especificidade da generalidade – esse é o fundamento da enunciação: considerar o ato em sua irrepetibilidade, pois o repetível está somente na organização da língua. (JUCHEM, 2008, p. 21)

Com isso, salientamos novos caminhos trilhados sobre a percepção de língua para a época, de modo que ela passa a receber uma nova dimensão, se comparado ao princípio saussuriano: é instrumento, é apropriação; é relação com o mundo; é referência e correferência; é discurso; é o eu e o outro. As contribuições até este momento se fazem visíveis. No entanto, faz-se necessário, então, discorrermos quanto à visão de língua que defendemos nesta pesquisa, conforme se observará na próxima seção.

1.1.3 Discurso: reformulação do objeto

Por tudo que vimos ressaltando, a Linguística enquanto ciência possui diversas facetas, o que cria a necessidade de nos situarmos perante à multiplicidade de entendimentos sobre a linguagem. Além disso, acreditamos que a discussão pode ser sempre mais aprofundada quanto maiores forem os embates de posições. Ou seja, tanto a concordância quanto a divergência são caminhos possibilitados em relação à inegável contribuição imediatamente anterior. Por isso, nesta seção, defendemos nossa orientação discursiva.

No final dos anos 60, Michel Pêcheux teve papel fundamental nos estudos sobre a análise do discurso na França, delineando uma nova concepção de discurso. Segundo Rocha:

sua orientação teórica se configurou em forte oposição aos trabalhos que se desenvolviam à época sob o marco da Análise de Conteúdo de base behaviorista, americana, em desenvolvimento já desde o início do século XX. De modo conciso, diremos que Pêcheux privilegia a articulação entre Linguística, História e Psicanálise para dar conta de fatores como o ideológico e o sujeito na produção de efeitos de sentido. Sua concepção de discurso vem desestabilizar o tradicional esquema da comunicação, segundo o qual o emissor transmite uma mensagem a seu receptor, por intermédio de um canal adequado e de um código comum a ambos. Com efeito, distanciando-se de tal perspectiva informacional e problematizando a noção de condições de produção, Pêcheux recusa a ideia de mensagem como transmissão de informação entre A e B; em seu lugar, prefere a noção de discurso como “efeito de sentido” entre A e B (ROCHA, 2014, p. 620).

Se a língua fosse um instrumento de comunicação, nas palavras de Campos (2013, p.29), “o sujeito já teria os sentidos antes mesmo de enunciar e a língua serviria somente para uma mera ‘transmissão’ desses sentidos a outro sujeito”. Este receberia esse sentido pronto/estático. Porém, esse sistema não se limita a um “recipiente” que comporta os sentidos antecipadamente ao ato de enunciar. Portanto, o sentido não se concebe antes do momento de enunciação. Diante de uma perspectiva discursiva quanto à língua, o sujeito deixa de ser assumido como um mero “emissor” de mensagens, para ser compreendido como um construtor de sentidos pelo próprio ato de enunciar. Conforme Rocha, esta percepção:

nada tem a ver com a extensão das unidades de análise ou com qualquer modalidade de sujeito intencional, psicológico, que se revele senhor de seu dizer. O sujeito somente tem acesso a parte de seu dizer. Com efeito, a interpelação do indivíduo em sujeito do ideológico implica o apagamento da língua na história, daí resultando o efeito de evidência do sentido e a ilusão de transparência da linguagem. Essa ilusão também reforça a ilusão de um sujeito-origem do que é dito, dissimulando o fato de que o sujeito se define, antes, como posição, isto é, como lugar do qual lhe é lícito enunciar. (ROCHA, 2014, p. 621)

Sendo assim, a concepção de língua que resgatamos para a construção desta pesquisa não se filia a uma noção que pudesse ser aferida pela simples palavra, que se entendesse pré-estabelecida, nem mesmo que antecederesse aos contextos. As relações a que nos referimos neste trabalho somente são reconhecidas em relação ao contexto em que se inserem, estabelecendo laços de diálogos capazes de percorrer caminhos possíveis de reflexão. Em sentido amplo, discurso designará não tanto um campo de investigação passível de ser circunscrito, mas principalmente um certo modo de apreensão da linguagem, que pressupõe a “atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados” (MAINGUENEAU, 1997, p. 43). Em uma acepção mais pontual, discurso poderá ser compreendido como um uso mais restrito que se faz do sistema língua, e é sobre essa segunda acepção que incide nosso interesse. Tal processo só é possível porque essas relações linguísticas que possibilitam tais ações discursivas são uma rede de produção diversificada, dinâmica, interativa e viva.

É por isso que nos afastamos da concepção da língua como “instrumento de comunicação” entre os sujeitos, como já foi entendida em perspectivas outras. Defendemos uma visão dialógica por não entender a língua como algo estático, estável, como se sua função fosse (pré)determinada socialmente, já que isso seria reduzir sua possibilidade de criação, investindo em um entendimento da linguagem enquanto processo de codificação e decodificação de mensagens. Além do mais, não buscamos explorar um mundo de representações e de essências, subsidiado em uma dialética coordenada pelas ideias entre si. De outro lado, estamos adotando a lógica da confluência de experiências, as quais não possuem uma forma inicial e final, mas são produzidas na inter-relação entre ângulos diversos. Assim, ao que o sujeito diz, necessariamente, estão mescladas muitas outras relações sócio-históricas, as quais são passíveis ou não de resgate.

Ao se enunciar, os sentidos se constroem, segundo o contexto no qual se inserem, segundo todas as experiências anteriores ao momento de enunciação, segundo a consideração enunciador-coenunciador, porque essa construção de sentidos depende também da inter-relação entre os sujeitos, entre o tempo e a situação. Em conformidade com Bakhtin, “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva [...]. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena” (BAKHTIN, 2003, p. 271-272).

Nesse raciocínio, as produções de sentido no enunciado, em desconstrução da ideia pioneira de língua como “recipiente”, poderiam, de modo metafórico, se assemelhar aos movimentos rotatórios de um relógio, que se fazem, a depender, infinitos. Isso porque

podemos depreender que a relação de sucessão das vinte e quatro horas de um dado dia somente ocorre dessa forma por decorrência de relações situadas sócio-historicamente. Ou seja, não fazemos ou criamos de modo individualizado, mas de modo coletivo, social, bem como recuperando entrelaces com experiências outras.

Assim, o contexto e as relações estabelecidas às 14h, por exemplo, de um dado dia não serão as mesmas no dia subsequente, ainda que se tentasse forjar as mesmas situações do dia anterior, justo porque aquele momento seria único. De todo modo, ao reconstruirmos esse contexto hipotético, carregamos laços com o já vivido, reconstruímos imagens e percepções. Essas idas e voltas, sem início e fim definidos, que constroem as sucessões de segundos, minutos e horas podem estabelecer, nesse raciocínio, as transformações processuais que nos produzem e nos fazem produzir sentidos outros. Tais produções não são assumidas como individuais, justo porque não entendem a interação apenas como uma soma de dois parceiros: aquele que enuncia e aquele a quem é direcionado o enunciado. Entendemos as produções da linguagem enquanto polifônicas por estabelecer relações interdiscursivas com experiências anteriores e sucessoras. Dessa maneira, necessariamente, são frutos dos intercruzamentos coletivos produzidos socialmente.

Sendo assim, analisar o discurso está, para nós, além da análise da produção de sequências fônicas; é analisar os efeitos de sentido produzidos; é entender-se construindo e sendo construído, interativamente, pelo mundo e pelas relações com o que nos constitui e com o que produzimos com os outros. Explicar, descrever e/ou refletir sobre este funcionamento não é, como dissemos, tarefa fácil. Afinal, “nem mesmo quem enuncia tem total dimensão de suas implicações linguístico-discursivas” (MITTMANN, 1999, p. 272).

Essa relação capaz de produzir efeitos e valores, de algum modo, também nos remete, por exemplo, a um “jogo de lego”, um mundo aberto de possibilidades a serem construídas a partir de várias peças coloridas, sem número pré-exigido ou pré-estabelecido, que se encaixam umas nas outras e que permitem produzir e reiterar variados tipos de construções que recuperam laços sócio-históricos, os quais só ganham formas em ação interativa, sem que houvesse um sentido prévio endereçado a cada peça. Nesse jogo podem ser construídos novos arranjos por meio de recuperações de formas anteriores. No entanto, não há a pré-definição de um encaixe que resulte em um vencedor ou perdedor, senão múltiplas formas possíveis de serem construídas. Nesse sentido, sustentamos nossa visão discursiva sobre a linguagem, por meio da qual nos movemos e nos constituímos socialmente, a partir de novos encaixes e constantes recuperações anteriores e sucessoras.

Desde a perspectiva da Análise do Discurso, portanto, buscamos nos afastar de um papel egocêntrico e onisciente para refletir sobre hipóteses diante das produções linguageiras. Dessa forma, não atribuímos a nós o veredicto da(s) verdade(s), porque, por tudo que vimos defendemos, não ambicionamos revelar as intenções do dito ou de quem enuncia, senão nos indagar como ou de quais modos o sistema linguístico se concretiza em um contexto sócio-historicamente situado. Consideramos o estudo dos textos em meio social, partindo da confluência de vozes que o texto projeta e cria, do reconhecimento e da criação dos lugares sociais dos sujeitos que os constituem e se constituem. Mas isso é consequência, de algum modo, de vozes anteriores, de respostas a enunciados anteriores. Nessa lógica, não seria possível tratar de forma isolada a língua, a cultura e a sociedade, sobretudo porque essas categorias estão em plena harmonização e expressam uma interatividade, a ação de um sujeito é decorrente do contato com o outro, bem como se localiza em um momento e lugar específicos.

Buscamos refletir, dialogicamente, sobre possibilidades de análise diante de uma categoria linguística. Construimos, dessa forma, um estudo da subjetividade, em consonância com Soares e Miranda (2009), entendendo este conceito de modo interativo, como “modo de se relacionar com o mundo” (SOARES; MIRANDA, 2009, p. 416). Assim, afastamo-nos do entendimento da subjetividade como fenômeno individual, porque entendemos que em cada dizer estão implícitos ou explícitos outros dizeres, no sentido polifônico da linguagem atribuído por Bakhtin. Portanto, quando construimos relações linguísticas, o sentido se faz e se refaz no confronto de vozes. Desse modo, ao invés do processo se dar de maneira unilateral, partimos do entendimento de que produzimos subjetividades e que o sentido se realiza em um contexto situado, em diversas instâncias, coletivas e institucionais, possuindo um caráter polifônico e plural.

1.1.4 Teoria e prática: considerações sobre o ensino de línguas

Diante das premissas discursivas que vimos defendendo nesta pesquisa, convergimos teoria e prática à medida que recuperamos e exploramos pistas que apontam para ações na e pela linguagem, bem como as fundamentamos em uma rede de categorias possíveis de investigação, sem que delimitemos antecipadamente o caminho a ser percorrido, a fim de retornar para elas de modo transformador, ou pelo menos de modo a ampliar possibilidades de

atuação. Acreditamos que, dessa forma, alcançamos mais aprofundada e complexa compreensão das relações humanas, das imagens discursivas construídas no confronto e na convergência de vozes. Não procuramos estabelecer, desse modo, um abismo entre teoria e prática, justo porque consideramos que ambos os eixos só existem por meio de uma necessária relação de dependência mútua. Nesse sentido, “a prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra, e a teoria, um revezamento de uma prática a outra” (DELEUZE, 1979 *apud* ROCHA; DAHER, 2015, p. 128). Dessa forma, não nos parece outro o papel desempenhado pela teoria senão o de proceder à leitura de problemas práticos do mundo.

Nessa perspectiva, a atuação no mundo, possibilitada por uma trajetória teórico-prática diante dos diferentes gêneros, é o que torna possível a reflexão, desconstrução, reformulação, transformação. Esse atuar no mundo na e pela linguagem requer que leiamos as relações das quais fazemos parte, que construamos posicionamento, que ampliemos teias de diálogo. Através desse entendimento, reconhecido como um processo sócio-discursivo que se realiza num contexto enunciativo, é possível perceber a existência de outros laços discursivos em determinadas produções, reconstruindo os atravessamentos de vozes que os constitui. Nessa concepção, a leitura é assumida como atividade interativa, possibilitando a construção de sentidos e de conhecimentos com outros já ditos.

Por isso, é ressaltado o papel do leitor enquanto sujeito ativo, analisador e construtor de sentidos, visto que toda manifestação concreta da linguagem pressupõe um endereçamento; é sempre dito para alguém, que também projeta significados. De acordo com o que postula Maingueneau (2004), o enunciador pressupõe o outro para construir o seu discurso e, com isso, insere o outro (o coenunciador) no seu próprio discurso.

Toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é, de fato, marcada por uma interatividade constitutiva (...), é uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com relação à qual constrói seu próprio discurso (MAINGUENEAU, 2004, p. 54).

Nesse processo, o enunciador se utiliza de estratégias como seleção, recuperação, antecipação, inferência, levantamento de hipóteses e verificação, ativando, conseqüentemente, uma imagem do outro e exercendo poder em suas relações.

Compreendemos o poder a partir da perspectiva foucaultiana, concebendo que o poder não está dado previamente, não precede aos sujeitos, ele só pode ser construído nas relações

entre esses sujeitos. Com efeito, no nosso caso, ao mesmo tempo em que o jornal seleciona saberes e situações das relações humanas e os manifesta a partir de manchetes, conseqüentemente, manifesta por meio desse uso um julgamento a respeito de sua ordem de complexidade e pretende definir os usos mais imediatos de outros. Essas produções se legitimam a partir de uma chancela institucional, a partir da qual seu trabalho se encontra amplificado e autorizado.

Nas palavras de Foucault, entendemos como proceder diante desse dispositivo de dominação:

eu creio que só podemos analisá-los eficazmente se não os tomarmos como uma unidade global, se não tentarmos derivá-los diretamente de alguma coisa que seria a unidade estatal de soberania, mas se tentarmos ver como atuam, como se apoiam, como esse aparelho define certo número de estratégias globais, a partir de uma multiplicidade de sujeições (da criança ao adulto, da prole aos pais, do ignorante ao erudito, do aprendiz ao mestre, da família à administração pública, etc.) (FOUCAULT 2002: 51-52, grifo nosso).

De acordo com a leitura de Arantes (2018, p. 11) sobre o poder em Foucault, a autora afirma que “o poder não poderia se constituir como uma realidade prévia, mas como um jogo de forças, em que a força não tem outro objeto nem sujeito além da própria força”. Desse modo, Foucault se propõe a investigar, assim, “as instituições pelo modo como se exerce o poder nelas e não pelo poder a partir delas, pois não se possui poder, se exerce” (ARANTES, 2018, p. 11). Em nosso caso, o jogo de forças na manifestação de manchetes funcionaria por meio da reiteração institucional do jornal, das construções ideológicas que o constitui, selecionando saberes que serão adotados e legitimados pela instituição comercial.

Desse modo, as práticas transformam e instauram realidades, pois em cada vínculo institucional, momento histórico, círculo social em que o homem cresce, sempre existem “enunciados investidos de autoridade que dão o tom”, e, nessa perspectiva, “eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros” (BAKHTIN, 2003, p. 294).

Parafraseando Orlandi (1998, p.73), o ato de apropriação e utilização da língua para compreender o mundo implica concretizar o princípio argumentativo da linguagem. Tal princípio faz parte da linguagem constitutivamente, já que sempre nos posicionamos em nossas relações sociais. Até um ingênuo querer não se posicionar é um posicionamento.

Esse se posicionar e atuar criticamente por meio da linguagem são as premissas fundamentais para o que compreendemos como posição política que assumimos nas relações sociais. “Na medida em que o político é constitutivo, a compreensão, a própria leitura, em Análise do Discurso, é política” (ORLANDI, 1998, p.74-75). De tal modo, o sentido é produzido interativamente, construindo objetos simbólicos.

Para Mouffe (2001, p.414), é necessário reconhecer tais relações de poder que necessariamente existem em sociedade e atuar contra elas, a fim de nos transformar. Nesse sentido, podemos compreender a “hegemonia” como relações dicotômicas de poder em que um se sobrepõe a outro(s). É nesse sentido que se faz importante discutir a temática sobre a criminalidade na mídia e as relações com o contexto das instituições de ensino em que atuamos enquanto profissionais da educação, uma vez que buscaremos, conforme veremos mais adiante, desconstruir concepções cristalizadas e favorecer caminhos para se produzir uma consciência crítica diante dessa temática que tem estado na pauta do dia não só dos jornais populares, mas dos jornais tradicionais. Somente assim reconheceremos as teias de construção do exercício das relações de poder, disputando esses sentidos por meio de nossa prática enquanto pesquisadores, cidadãos e profissionais do ensino, sobretudo buscando a quebra de paradigmas e a desconstrução de preconceitos sociais. Desse modo, almejamos um processo de ensino e aprendizagem que reconheça, na leitura, a possibilidade de

[...] conduzir o aluno ao estudo de aspectos semântico-discursivos, especificamente das noções de pressupostos e subentendidos, para o desenvolvimento de habilidades de leitura nos diversos níveis de escolaridade, com vistas a contribuir para a formação de leitores atuantes e críticos, capazes de encarar a leitura como um processo dialógico (FERNANDES, 2007, p. 2).

Acreditamos, portanto, que teoria e prática se encontram à medida que, diante desse caminho, envolvemos os alunos no confronto das cristalizações e naturalizações, com vistas à transformação. A partir de relatos noticiosos que versam sobre vivências e situação social, torna-se possível a reflexão crítica sobre as situações do mundo e a promoção da mudança social a partir dessa “descoberta” crítica. Assim, a transformação social, tão defendida por Paulo Freire, se constrói, quando por meio da linguagem e com ela podemos refletir diante dos caminhos possíveis que nos constituem como seres humanos.

1.2 Os implícitos no plano da leitura: produção de sentido no enunciado

Conforme vimos discutindo, diante da perspectiva teórica a que nos filiamos, o discurso não é assumido de modo homogêneo, mas se constrói a partir da confluência de outras vozes que sustentarão sua própria constituição. Dessa forma, fundamentando-nos em Jacqueline Authier-Revuz (1990), refletiremos, a seguir, sobre a heterogeneidade, construindo diálogo com as contribuições de Mikhail Bakhtin (2003) com respeito ao conceito de polifonia. Em seguida, refletiremos sobre as contribuições de Ducrot (1987) com respeito à noção de posto, pressuposto e subentendido. Essas categorias serão fundamentais para a análise das manchetes dos jornais estudados.

1.2.1 Heterogeneidade enunciativa: relações polifônicas

Nesta seção objetivo construir uma reflexão sobre a heterogeneidade enunciativa incorporada na confluência dos discursos, a partir do entendimento de sua marcação ou constituição. Para tanto, utilizo-me das considerações de Authier Revuz (1990) e de Bakhtin (2003).

Diante desta “complexidade enunciativa”, é importante ressaltar a diferença, para a autora, entre heterogeneidade marcada e heterogeneidade constitutiva. Esta é reconhecida em sentido amplo, constitutivamente ao discurso. Aquela se apresenta em sentido restrito, reconhecida de modo marcado [recuperável nitidamente] no discurso, tal como citações, recriações, menções do que fora dito por outro(s).

Nesse sentido, a heterogeneidade marcada está diretamente ligada ao conhecimento de mundo compartilhado, comum entre o enunciador e o coenunciador. Já a heterogeneidade constitutiva se caracteriza nas inter-relações entre as manifestações discursivas, na ancoragem em um já dito/experimentado que não é nítido ao falante/ouvinte, sendo, nesse contexto, inerente à constituição do discurso, por se tratar da relação dialógica com o já falado/escrito.

Essa relação polifônica se constrói nos diversos contextos comunicativos. Parafraseando Bakhtin (2003, p. 299), as palavras são incorporadas ao nosso discurso a partir de enunciados de outras pessoas, fruto da interação social. Dessa forma, está presente tanto em contextos midiáticos, acadêmicos, artísticos, quanto nas relações conversacionais do cotidiano.

Essa presença marcada de vozes anteriores poderia ser compreendida pela recuperação de um intertexto, por meio de uma marca enunciativa, na produção dos discursos. Entretanto, é bem verdade que o discurso, em nossa perspectiva teórica, se constrói a partir do diálogo com outros discursos. Quanto a isso, Authier Revuz (1990, p. 26) desenvolve o conceito de heterogeneidade constitutiva.

Para nos remeter à necessária presença do outro na construção dos discursos, conforme Authier Revuz (1990), apoiamo-nos na recuperação da autora quanto à metáfora do Adão mítico, já que somente em uma situação discursiva hipotética, produzida na primazia da criação humana, seria possível criar um enunciado inédito sem a interferência de outros discursos. Posteriormente a isso, todo ato discursivo sempre dialoga com eventos anteriores. Desse modo, partimos da concepção de um sujeito coletivo e não individual.

Bakhtin nos ajuda a compreender que todo enunciado é constituído a partir de outros enunciados e que esse sujeito discursivo sempre assume “uma atitude responsiva ativa” (BAKHTIN, 2003, p. 297). Conforme Authier Revuz (1990), essa inter-relação enunciativa pode se construir mais ou menos marcada. Tal realização discursiva é a concretização de uma visão polifônica da linguagem. Dito de outra forma, cada ato de fala é composto por diversas vozes, de modo que qualquer enunciado é repleto de assimilações e reestruturações dessas vozes.

Essas palavras do(s) outro(s) trazem consigo sua expressão, seu tom valorativo, que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. Nesse sentido, Bakhtin afirma que “(...) levando em conta as condições concretas da comunicação verbal, descobriremos as palavras do outro ocultas, ou semi-ocultas e com graus diferentes de alteridade” (BAKHTIN, 2003, p. 318).

Nesse contexto, os discursos são heterogêneos, pois se constituem de discursos já proferidos anteriormente, tal que a polifonia é a categoria que realiza os elementos constituintes dessa heterogeneidade enunciativa. Sendo assim, nem sempre a polifonia se constrói como heterogeneidade marcada, em virtude da falta de um intertexto marcado. Mas toda heterogeneidade marcada ou heterogeneidade constitutiva se configura como uma marca polifônica.

1.2.2 Posto, pressuposto e subentendido: produção de sentidos

Partindo-se da concepção de leitura que considera o texto em inter-relação com sua instância social, reconhecendo as múltiplas vozes que o atravessam, de modo explícito ou implícito, é que nos propomos a refletir diante dos termos posto, pressuposto e subentendido. Concebemos que a leitura não se dá apenas no dito (no posto), mas também no que está por meio do dito (nos implícitos), ativados pelos pressupostos e subentendidos.

Ao longo da história das interações sociais, sempre houve questionamentos sobre como se processa o uso do sistema linguístico. Por vezes, dizemos sem querer dizer; dizemos pelo dizer; dizemos o que imaginamos querer dizer; dizemos o que os outros esperam que seja dito; dizemos, ainda, para nos colocar em um lugar de enunciação. Dizemos. De fato, agimos por meio da linguagem a partir de diferentes modos, estabelecendo distintos objetivos discursivos, os quais se constroem e se reconstroem a cada espaço de tempo. Nesse sentido, inserimo-nos no mundo, construímos não só relações, mas também lugares de enunciação, bem como expressamos valores, sentidos, ações.

Diante disso, por exemplo, construímos posicionamentos, questionamos e nos autoquestionamos, afirmamos ou refutamos algo com base em assertivas anteriores, fazemos e desfazemos pelo ato de dizer. Tal processo só é possível porque esse sistema linguístico que possibilita tais ações discursivas é uma rede de produção diversificada, dinâmica, coerente, interativa e viva. Sendo assim, construir discursos é mais do que externalizar ou materializar enunciados, porque estes apontam para sentidos que abarcam, interativamente, as relações nas quais participamos. Com efeito, ninguém diz nada sozinho. Tudo o que é dito o é de uma maneira coletiva, “como se fosse produzido por um coral de indivíduos mergulhados em ideologias diversas” (SANTOS, 2017, p. 131).

Diante desse cenário rico em reflexões as quais colocam a língua como centro de questionamento, decidimos refletir sobre as vozes possíveis que estão presentes na produção de enunciados, reconhecendo que, para Ducrot (1987, p. 14), “uma ocorrência fora de um contexto não passa de uma ocorrência”, justo porque a descrição semântica de um enunciado se baseia em uma hipótese construída em seu contexto de enunciação. No nosso caso, o estudo de pressupostos e subentendidos na manchete do *Meia Hora* e do *Crônica*, conforme poderá ser visto na segunda parte desta pesquisa, faz-se possível a partir de circunstâncias definidas social, temporal e espacialmente.

Seguindo esse raciocínio, entendemos que a manchete de capa é um enunciado atravessado por discursos heterogêneos. O jornal enuncia algum fato noticioso por meio da manchete, mas, além desse fato, que está no plano do dito material, há também outros sentidos que emergem do enunciado. A partir dessa inquietação, encontramos na teoria

polifônica da enunciação uma fonte fértil para investigar esse cenário discursivo, que se atravessa de outros ditos interdiscursivos.

Na sua teoria polifônica da enunciação, Ducrot (1987) aponta a presença de pressupostos e subentendidos para além da natureza exposta do enunciado. É possível dizer, à luz das ideias do autor, que os pressupostos são as significações que estão ligadas ao sentido literal e ao contexto situacional do enunciado e não são passíveis de refutação. Essa confrontação opera no campo dos subentendidos, que é a parte do enunciado oculta na materialidade textual, mas que atua refletindo ou refratando o enunciado principal. Ou seja, os pressupostos estão em diálogo com as premissas do enunciado e os subentendidos seriam as incidências refratárias a partir do enunciado.

As várias vozes de um discurso, que são o centro da teoria polifônica, foram identificadas por Ducrot (1987) através do estudo e conceituação dos pressupostos e subentendidos, justo por julgá-los indispensáveis na análise de um enunciado. Mais tarde ele faz um reexame desses conceitos, mas não os torna inválidos, uma vez que são reformulados, mas não abandonados.

Para o autor, posto é o que o locutor afirma na natureza do enunciado, ao passo que os sentidos que são tomados como conclusão do ouvinte são subentendidos. Este pode negar o enunciado principal e até se excluir do sentido literal. Para ele, “o subentendido permite acrescentar alguma coisa sem dizê-la, ao mesmo tempo em que ela é dita” (DUCROT, 1987, p. 19). Ao passo que o pressuposto é apresentado como “uma evidência do enunciado que foi posto” (DUCROT, 1987, p. 20), o que não nega o enunciado principal e está preso ao sentido literal. O que é pressuposto é apresentado como informação comum tanto ao locutor quanto ao leitor/ouvinte. Quanto a isso, Santos acrescenta:

Com base nessa distinção, pode-se levar em conta que os subentendidos servem muito bem ao locutor quando este quer se eximir da responsabilidade do que disse, deixando para o ouvinte a conta e o risco da interpretação. Já em relação ao pressuposto, o locutor enuncia e transfere junto com este enunciado um significado “literal”. O pressuposto seria, portanto, um componente linguístico, ou seja, está situado na língua. O subentendido é um componente retórico, que emerge do enunciado por meio da reflexão do destinatário (SANTOS, 2017, p. 133).

Antes da revisão dos conceitos relativos a pressupostos e subentendidos, Ducrot (1987, p. 31) adotou o seguinte conceito de frase e enunciado: “A frase é uma entidade gramatical abstrata, e o enunciado é uma realização particular da frase. O sentido é o valor semântico do enunciado, a significação, o valor semântico da frase”. Assim, admitia que o

pressuposto fosse determinado pela frase e que todos os pressupostos de um enunciado já estariam previstos na significação da frase.

No entanto, na revisão conceitual, entende que o pressuposto não está apenas vinculado à frase, mas também está ligado ao contexto situacional em que o enunciado é proferido, à situação de enunciação. Quanto ao subentendido, parece ter ficado mantida a característica discursiva de sua conceituação, ou seja, do que é dito sem dizê-lo literalmente.

1.3 Criminalidades: refletindo sobre o discurso midiático

Nas seções anteriores, refletimos sobre pontos importantes a partir de concepções históricas que versam sobre a língua, com o intuito não apenas de (i) enaltecer estudos predecessores – visto que, conforme dissemos, por meio do embate entre concordância e discordância, independentemente, foi possibilitado o progresso da ciência da qual fazemos parte –, senão também (ii) construir, de modo específico, uma retrospectiva de visões/percepções que nos ajuda a compreender o lugar da Análise do Discurso nos estudos contemporâneos e, ainda, (iii) alicerçar nossa base teórica de análise e exploração de textos. Agora, quando já defendemos a perspectiva que adotamos, podemos partir para algumas discussões mais focadas nas relações entre a mídia e a sociedade, de acordo com a finalidade desta pesquisa.

1.3.1 Uma relação “rizomática” em manchetes do *Meia Hora* e do *Crônica*: trabalhando o conceito de prática discursiva

Recorrentemente, as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de Buenos Aires são caracterizadas por índices elevados de criminalidade. Os jornais *Meia Hora* e *Crônica* se dedicam, cada um a seu modo, a traçar referências a esses fatos e aos sujeitos envolvidos nessas ocorrências, de modo a assumir, por várias vezes, essa temática como o fato mais importante no/do dia. Diante disso, sentimo-nos motivados a refletir sobre o processamento discursivo da criminalidade. Como articular essas vozes a seus efeitos em meio social? Quem

são esses sujeitos envolvidos em criminalidades e como esses atos são produzidos discursivamente?

Explorar as relações entre a constituição de textos e a sua dimensão social, simultaneamente, é indispensável ao nosso trabalho. Por isso, a noção de prática discursiva (MAINGUENEAU, 1997) se faz determinante, justo por nos ajudar a entender essa interligação existente entre a produção de textos e a produção de uma comunidade discursiva.

Operar com a constituição de discursos implica a articulação entre a organização textual e a manifestação da comunidade que o produz, que faz com que o discurso circule, com que se construa reconhecimento. Essa comunidade discursiva supõe “a presença de um grupo específico sociologicamente caracterizável, o qual não é um agrupamento de ‘porta-vozes’” (MAINGUENEAU, 1997, p. 54).

A construção de manchetes, por exemplo, inseridas no campo discursivo da criminalidade, não poderia se limitar à ótica de comunicar “fatos”, senão também demonstrar um lugar de inquietação, uma atitude ativa frente ao fato ocorrido, um posicionamento para falar ou deixar de falar, um lugar de visibilidade, e também de (não) reconhecimento e de (não) acesso a direitos. Conceber que a informação se resumiria à apresentação de “fatos” seria desconsiderar os inúmeros arranjos de produção de sentidos e engrenagens que produzem e reiteram a miséria, o não acesso a direitos e o abandono da população mais pobre que mais sofre com processos de criminalização da violência, a começar pela violência do estado. Não entender isso seria o mesmo que acreditar que se possa produzir textos “neutros”, desprezando-se as operações discursivas que os constituem enquanto atividade polifônica, como vimos no referencial teórico da presente pesquisa.

Nessa perspectiva, as manchetes do *Meia Hora* e do *Crônica* são produzidas por um grupo editorial (editor-chefe, jornalistas, fotógrafos etc.) que estabelecem políticas de difusão da informação, baseadas por meio de imagens que se fazem sobre seu leitorado, construindo não somente uma lógica mercadológica – *devo produzir informação para quem poderá consumi-la* –, como também uma comunidade discursiva imaginária, ideal, a comunidade daqueles que produzem, que o discurso pressupõe e sustenta “para longe de ser um suporte, um quadro exterior ao discurso” (MAINGUENEAU, 1997, p. 54). Por assim fazer, produzem-se pistas sobre a imagem discursiva desse sujeito que enuncia, dessa voz discursiva. Essa compreensão só é possível em função de nossa concepção dialógica da linguagem, já que todo discurso é determinado pelo fato de se dirigir a outro alguém.

De modo mais pontual, Maingueneau nos fornece uma pista fundamental quanto à prática discursiva ao rejeitar a anterioridade do social frente ao linguístico: “não há, antes,

uma instituição, depois uma massa documental, enunciadores, ritos genéticos, uma enunciação, uma difusão e, enfim, um consumo” (MAINGUENEAU, 2005, p. 142). As instâncias diversificadas de elaboração, de difusão e de consumo da enunciação e a instituição são entendidas a partir de uma mesma rede de regularidades semanticamente definidas.

Além disso, seria impossível localizar um ponto geminal quando se trata de construção linguística. Essa lógica de início e fim estáticos não se aplica, a nosso ver, à linguagem, porque a consideramos polifônica. Qualquer fato mantém relação direta ou indireta com fundamentos antecessores e sucessores. Se nada surge do acaso, mas é propiciado a partir de um contexto envolvido por inúmeras vozes, seria improvável buscar uma origem e um término específicos. Sendo assim, qualquer discurso está em constante relação com outros discursos já existentes e os que estão ainda por existir.

Essa lógica que pode ser assumida de modo rizomático, resgatado a partir da teoria filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), permite-nos explicar a perspectiva enunciativa a que nos referimos, um sistema conceitual aberto, preenchido por uma rede interconectada, provida de constantes atravessamentos. Em outras palavras, um enunciado é sempre produzido e produz subjetividades, a partir de relações experienciais de uso que lhe dão força motriz para existir e para produzir outros, de modos tão diversos que não se poderia prevêê-los.

Assim, dizemos que os sentidos materializados em manchetes, por exemplo, dependem de um contexto: em que situação, em que lugar, em que momento específico esse texto se insere, sendo determinado por aquele que os produz e que se produz neles, tendo em vista um público imaginado. Sendo assim, conforme Maingueneau (2004), a linguagem, a organização do texto, o conhecimento e hipóteses sobre seu público, a disposição de cores, imagens, tamanho do texto etc. serão determinantes para que seja possível ter acesso aos efeitos de sentidos veiculados.

Nessa perspectiva de texto e contexto indissociavelmente, pode ser observado que, no nosso caso, nas manchetes, sujeitos são, recorrentemente, também caracterizados. Concepções desses sujeitos referidos na manchete são produzidas e reiteradas, o que pode favorecer a criação de rótulos e/ou ideias generalizadas que cristalizam imagens.

Com isso, observamos que, ao analisar um texto, precisamos ir além dos contornos essencialmente estruturais da linguagem. Isso porque não nos basta apenas conhecer as regras de constituição sintática ou semântica dos termos linguísticos que o compõem. Se, para fazer uso de um sistema linguístico, precisássemos apenas decodificar sentidos – que se pensassem estáticos –, seria necessário apenas fazer uso de um dicionário ou de uma gramática

prescritiva de língua. Como reconhecemos que apenas isso não se faz suficiente, enfocamos também a quem, para que, de que modo, quando, onde, como se fala. Dessa forma, ao atuar em uma análise, construímos seu contexto enunciativo, o que constitui o caminho para se analisar efeitos de sentidos. Estes, como vimos defendendo, não são únicos, ou seja, isolados de outros, mas atravessados a partir da confluência de tantos outros sentidos.

É a partir dessa premissa que defendemos que um texto projeta relações com outros, não devendo ser assumido como um sistema fechado ou isolado em si mesmo, mas entendido como uma rede de trocas enunciativas, em relação indissociável com a instância que o autolegitima. Diante disso, um texto não pode ser limitado a uma concepção que o tem como um inventário de palavras, desprezando suas relações sociais, seu momento histórico, seu lugar de inserção e sua capacidade de produzir realidades. É, pois, dessa ótica imbricada que conseguimos refletir sobre seus sentidos, inter-relacionando texto e contexto, simultaneamente.

A seguir, refletiremos sobre o conceito de sensacionalismo e imprensa popular.

1.3.2 Jornal popular: investigando a ideia de sensacionalismo

O conceito sensacionalismo é bastante abrangente e, portanto, questionável. Angrimani (1995, p. 19), objetivando construir um levantamento histórico para o termo, reconhece “um início incerto e difícil de precisar”. Segundo o autor, sensacionalismo se define como “o ato de tornar sensacional em uma publicação jornalística um fato que não merecia tal tratamento” (p. 16). A partir disso, perguntamo-nos: De que modo uma publicação jornalística se torna sensacional? Como estabelecer um parâmetro para entender qual fato merece ou não esse tratamento? De que maneira seria possível reconhecer esses produtos jornalísticos?

Amaral sistematiza informações e reflexões sobre o rótulo sensacionalismo. Desde a década de 1990, segundo a autora, empresas vêm lançando jornais destinados a leitores populares. Ela considera que se trata de “um conceito de múltiplos usos, seguidamente associado a uma concepção limitada da imprensa e a uma noção elitista” (2003, p. 133). Seria possível construir um rótulo que abarcasse os diversos produtos populares? Quais os limites que acompanham a noção do sensacionalismo? Indagamo-nos quanto ao uso desse conceito para a presente pesquisa.

Juntamente com Amaral, suspeitamos do poder explicativo do conceito sensacionalismo, como aquele que promove sensações. Para Amaral, o sensacionalismo está ligado “à valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e à inversão de conteúdo pela forma” (AMARAL, 2006, p. 21).

A partir de uma herança histórica, Campos (2013, p. 13) entende o termo como pejorativo, de modo que tal rotulação reconstrói uma percepção desses jornais como “sem credibilidade, pois o termo estaria relacionado com a veiculação de falsas notícias”. A partir disso, tendemos ao entendimento de que essa caracterização condensaria os jornais assim classificados a uma imagem unicamente jocosa ou minimalista e deturpadora, em função de uma possível ênfase em sensações e distorção de caminhos críticos.

Além disso, Amaral nos leva a outra reflexão que pretendemos desconstruir:

Diz-se, normalmente, que os produtos jornalísticos populares distorcem os fatos. Ora, se é possível distorcê-los, pressupõe-se que haja uma maneira certa de narrá-los, concepção muito ligada à noção da notícia como espelho dos fatos. [...] caem no outro extremo de imaginar possível uma notícia límpida que faça os fatos transparecerem tal como aconteceram. Ora, as notícias não emergem naturalmente do mundo real para o papel, não são simplesmente o reflexo do que acontece. São redigidas a partir de formas narrativas, pautadas por símbolos, estereótipos, frases feitas, metáforas e imagens (AMARAL, 2005, p. 2-3).

Não acreditamos que haja um único modo de se referir à notícia. Não acreditamos que um grupo se sobressaia a outro como detentor do saber fazer, do saber dizer, do saber construir notícia. Acreditamos, de outro lado, que caminhos outros são legítimos mesmo que se diferenciem dos padrões anteriores ou socialmente aceitos. Uma notícia “neutra” jamais seria possível porque não somos únicos, não somos seres isolados de outros seres e de outros acontecimentos. Conceber que um grupo detém o domínio da “boa forma” ou do “bem dizer” é alimentar o apagamento dos que fogem ao padrão; é reforçar a valorização de uma parcela socialmente aceita frente a outra assumida pejorativamente; é tornar uma parcela dita como elitizada ainda mais empoderada; é negatar outras formas de intervir em sociedade. De fato, manter relação com um fato social não poderia ser um reflexo do que acontece, porque usar a linguagem não se resume a construir representações. Mais do que isso, nós usamos a linguagem para assumir o compromisso com a alteridade, para quebrar padrões heterogêneos e para repensar os grandes estereótipos com os quais convivemos, produzindo, assim, novos olhares justo por nos assumirmos como sujeitos ativos diante dos fatos observáveis.

Os fatos sociais direcionados às classes menos favorecidas são um novo mercado, conforme dissemos. Isso se comprova a partir da crescente aposta nessa parcela por parte de grandes empresas e pela permanência delas no mercado. No entanto, observa-se que, diferente da antiga tendência ao exagero, à forma sanguinolenta, às inverossimilhanças etc., o público não quer apenas histórias cunhadas no campo da emoção, mas deseja conteúdos factuais que agreguem prestação de serviço. Nesse contexto, o uso, por exemplo, da estratégia de cobertura do cotidiano das pessoas comuns tende a aproximar o público, construindo visibilidade, reconhecimento e reflexão a partir de ocorrências locais. Os assuntos que interessariam ao público tenderiam a se constituir daqueles que interfeririam imediatamente com a vida da população.

De acordo com Amaral (2006), temas que se referem ao cotidiano do público alvo, especialmente em relação à saúde, ao mercado de trabalho, à segurança pública e às matérias conhecidas como de interesse humano, que contam os dramas cotidianos da população, passam a ganhar espaços nesses produtos da imprensa popular.

O local chama mais atenção do que os assuntos nacionais. Esse local não se refere apenas a um espaço geográfico, mas a um lugar social em que essas comunidades vivem. Todos os jornais que se pretendem mais popular cobrem prioritariamente as regiões metropolitanas, mas também as formas de sociabilidade e convivência dessas comunidades (AMARAL, 2006, p. 6).

Nesse sentido, os jornais *Meia Hora* e *Crónica* podem ser caracterizados como segmento “popular” da grande imprensa. Afinal, a imprensa que abordamos autointitula-se popular. Além disso, não objetiva assumir uma tendência tida como padrão, porque reverte ou desnaturaliza a clássica forma que prediz um modo único do fazer jornalístico. Em paralelo a esses indícios, Amaral (2006) nos fornece pistas atribuídas a esse jornalismo popular:

leva em consideração a posição econômica, social e cultural do leitor e por isso fala de um determinado ponto de vista; expõe as necessidades individuais das pessoas para servir como gancho para aquelas de interesse público; publica notícias de forma didática, sem perder seu contexto e profundidade; agrega o conceito de responsabilidade social da imprensa (o dever de assumir os efeitos sociais das informações que divulga) ao de utilidade social (o atendimento a interesses concretos dos cidadãos); define-se pela sua proximidade com o público, pela adoção de elementos do universo cultural do leitor e conexão com o local e o imediato; é composto de notícias de interesse público, relatadas de maneira humanizada; suas notícias não têm dimensões exageradas, buscam ampliar o conhecimento do leitor sobre o mundo e substituir o ponto de vista individual pelo ponto de vista do cidadão ou da comunidade, sem se dirigir para o campo do entretenimento e do espetacular. (AMARAL, 2006, p. 14)

Dessa maneira, os jornais que compõem esta pesquisa se situam em um tipo de imprensa que se define pela sua proximidade e empatia com o público alvo, pelo tipo de serviço que presta e pela sua conexão com o local e o imediato.

Em conformidade com Amaral (2006), defendemos que, além disso, é necessário um jornalismo que construa reconhecimento, dialogue com a realidade de circulação e que construa responsabilidade social. No caso da imprensa popular, o jornalismo deve dar conta especialmente dos problemas sociais vividos diariamente pelo público, desconstruindo a tendência de que a fórmula mais fácil para vender jornal às classes menos favorecidas é enfatizar entretenimento. Cabe ao jornalismo popular ser interessante ao público e não só responder ao que imagina que seja o desejo público; ser mais propositivo para estimular o leitor a exercer sua cidadania.

Diante disso, assumindo o entendimento de Amaral (2003; 2004; 2005; 2006), rejeitamos o rótulo sensacionalista seja porque é demasiadamente amplo, não atendendo às necessidades deste trabalho, seja porque a noção não abarca o produto jornalístico popular desenvolvido nos jornais estudados e, além disso, porque não compartilhamos com uma visão unívoca do fazer jornalístico. Concordamos com Amaral (2003, p. 143) na compreensão de que para estudar o jornalismo popular “é preciso tirar o véu do sensacionalismo”, porque se trata de uma percepção limitadora e pejorativa, que não abarca os múltiplos caminhos possíveis. Dessa forma, devemos, conforme a autora, “driblar essa fácil condenação”.

1.3.3 Sociedade e criminalidade no jornal popular

Esta investigação, por tudo que vimos defendendo, portanto, não pleiteia apresentar uma concepção integral e acabada a respeito de uma definição de criminalidade, de violência, de enfrentamento de ambos ou de temas outros a esses aproximados decorridos no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Partimos de manchetes dos jornais populares *Meia Hora* e do *Crônica* identificadas neste eixo temático, a fim de refletir sobre construções de sentido que envolvem sujeitos em ocorrências de criminalidade locais. Sendo assim, construímos caminhos possíveis que demonstram o fazer pensar diante da criminalidade e do periódico popular.

Nesta seção, trazemos à discussão o seguinte ponto de partida: De que modo manchetes que enfatizam conflitos locais específicos poderiam contribuir para a reflexão

sobre a violência na sala de aula? Pensamos nas relações com o contexto de ensino e aprendizagem de línguas, já que, como professor que somos, apostamos na importância de desconstruir tipos de violência e de criminalidades na sala de aula. Considerando que o processo de seleção, contextualização e organização da notícia de maior destaque diário para os jornais aponta para pressupostos e subentendidos importantes à pesquisa, de que modo essas entradas enfatizam os fatos e seus agentes? Quais os efeitos de sua constituição e circulação? Investigamos, pois, os efeitos discursivos dessas produções com relação à construção de imagens de sujeitos envolvidos com a criminalidade nos dois universos sócio-discursivos abordados pelos jornais.

Embora a criminalidade tenha vigência muito ampla, no sentido da legislação, nem toda violência é considerada crime, mas todo ato criminal é também um ato de violência. Diante disso, faz-se importante explorar como o fato noticioso acerca do eixo criminalidade é produzido pelos jornais, com que vozes dialoga, de que modo busca construir o efeito de vínculo com a realidade cotidiana do leitor. Essa visão, por conseguinte, reflete, como qualquer outra exploração, uma ótica de investigação dos efeitos possíveis produzidos pelos enunciados. No entanto, cabe lembrar que essa análise discursiva não busca solucionar todas as demandas concernentes ao tema, mas, por sua amplitude, permite reflexões possíveis sobre o tópico.

Assassinatos, roubos, assaltos, sequestros, arrastões, brigas, confrontos armados entre quadrilhas ou entre estas e a polícia, chacinas de policiais contra integrantes das populações de baixa renda e outros casos semelhantes ganham espaço nas manchetes dos jornais estudados. Nesta pesquisa, em que se constrói um recorte de manchetes tingido pelas várias manifestações de criminalidades disseminada por toda sociedade, não seria demais reconhecê-las, em suas variadas formas e expressões, como um componente de base para as dinâmicas sociais que se caracterizam como atos criminais.

Pesquisas, em diversos campos do saber, têm buscado definir e estudar as relações entre a violência e a criminalidade, tendo a primeira como vetor gerador da segunda. Segundo Soares:

O debate sobre a violência e a criminalidade mobilizou nos últimos anos uma série de estudos e pesquisas nacionais e internacionais que visam buscar o entendimento deste fenômeno social, que instaura um campo de análise problemático e conflitivo, envolvendo diferentes categorias de análises, atores sociais e responsabilidades públicas. Percebemos a complexidade da violência que tem como consequência um ato criminal quando procuramos, por exemplo, circunscrever o seu campo semântico. (SOARES, 2014, p. 163).

Dessa maneira, julgamos ser necessário o estudo da violência e dos seus contornos em sociedade, por considerarmos que a criminalidade é uma produção de sentido a respeito de atos considerados violentos. É interessante notar que ações do estado, tais como deixar de pagar os salários dos professores, como aconteceu no governo Pezão, no Rio de Janeiro, no ano de 2017, por exemplo, não seria classificado como um ato violento e criminoso de imediato. Embora seja uma criminosa violação de direitos, portanto, uma enorme violência, os jornais não costumam noticiar o calote do governo do estado nas páginas criminais. Sendo assim, é importante ter em mente que estamos tratando com definições fluidas e muito questionáveis do que vem a ser caracterizado violência e criminalidade em nossa sociedade, pois essa definição é parcial e está implicada de posicionamentos políticos. Dentre diferentes definições sobre o conceito, optamos por refletir sobre a definição elaborada por Yves Michaud. Para o autor:

Há violência quando, numa situação de interação um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD *apud* PORTO, 2002, p. 152).

Nesse sentido, um ato de violência é praticado à medida que um faz uso de forças sobre o outro, atravessando limites e desequilibrando acordos e regras que subsidiam as relações em sociedade. São, portanto, percepções do limite, da perturbação e do sofrimento que provoca no outro. Desse modo, o governo do estado do Rio de Janeiro comete inúmeras violências diárias quando desrespeita os direitos de seus cidadãos, deixando de pagar 4 meses de salário no ano passado, por exemplo, ele cometeu vários crimes, mas essa criminalidade não foi para as páginas policiais dos jornais fluminenses.

A definição trazida por Michaud dialoga com a compreensão de que o campo que projeta a violência inclui aspectos físicos, morais, simbólicos e culturais. Isso nos permite concluir que, por exemplo, ao adjetivar um sujeito de modo a rotulá-lo negativamente, independente da ação que desempenhara ou ao construir uma ideia que nega o outro ou a vida poderia ser classificado também como um ato de violência, ampliando a reflexão sobre o problema e sobre o contexto de relato sobre a criminalidade exercida.

Incluímos, ainda, nessa concepção, aqueles crimes que são praticados por cidadãos comuns, que tomam para si a função de aplicar a justiça, “estimulados” pela ausência do Estado em seu papel de regulador público da violência e pelo mau funcionamento das

instituições de segurança e Justiça. Conforme apontam Adorno (2002) e Pino (2007), há formas de violência que são codificadas como crime, mas não se enquadram adequadamente na legislação penal.

Conforme o art. 5º, inciso XX da Constituição Federal, “não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia cominação legal”. Nesse caminho, podemos reconhecer um ato criminal como uma transgressão de regras socialmente preestabelecidas, que variam de acordo com a sociedade e o contexto histórico em que se inserem. Esta disposição também está prevista de modo semelhante no art. 1º do Código Penal, e neste sentido, é o princípio mais importante desta área do Direito, pois a lei é a única fonte que pode ser utilizada para proibir ou impor condutas sob ameaça de sanção. Em outras palavras, é preciso uma lei que descreva uma conduta como proibida e associe uma pena para aqueles que realizarem a conduta proibida.

Nessa lógica, o crime é o resultado de uma interação em que o mais forte ou mais armado não sente simpatia, empatia ou compaixão com o sofrimento de sua vítima. Ou seja, a criminalidade se constrói e deflagra no contexto social em que vivem agressores e vítimas. Diante disso, entender como os sujeitos envolvidos nessa temática são rotulados nesses jornais é o que move nossa pesquisa. Esses rótulos não apenas constroem imagens dos sujeitos agressores e vítimas, mas também uma imagem do jornal e do público leitor, como veremos adiante.

Júnior e Villela (2004) demonstram que, a respeito da gênese da violência, não há consenso no meio acadêmico, destacando-se, pelo menos, três posições macro:

- a) aqueles que a identificam no aparato biológico, para as quais, a violência seria um componente da “natureza humana”;
- b) aqueles que afirmam ser a violência fruto das relações sociais e históricas, decorrentes do meio externo;
- c) aqueles que buscam um ponto de interseção entre as duas opções.

De todo modo, todos concordam que fenômenos de violência geram problemas sociais polissêmicos, mas poucos reconhecem os fatores de marginalização impostos sócio-historicamente à população de baixa renda que recorre a violência.

Consideramos, no entanto, que a criminalidade não se constitui através de um processo unívoco, mas se desenvolve sempre a partir de eventos plurais. Acreditamos que sua análise exige a conjugação de fatores individuais e sociais, econômicos, políticos, culturais. Afirmar

que o pobre, o favelado ou o marginalizado é de modo x ou y ou que ele se acostumou a conviver com as violências e com suas consequências em função de atos criminais que permeiam sua realidade é tão somente naturalizar esses fatos; é dar voz a um lugar que o anula e que o rejeita, promovendo o apagamento de ações do estado que deveriam garantir os direitos dos cidadãos brasileiros garantidos na Constituição.

A partir dessa base de discussão, de que modo essa reflexão seria relevante ao contexto de ensino/aprendizagem de línguas? Consideramos, pois, que a prática reflexiva no contexto pedagógico seria fundamental para assegurar uma atitude participativa e ativa do alunado, com vistas à crítica de generalizações e avaliações preconceituosas que o senso comum reitera, com auxílio das mídias, bem como e a desconstrução de cristalizações de imagens sobre determinados temas em nossa sociedade. Estudantes, sobretudo aqueles que sócio-historicamente vêm sendo marginalizados e dos quais se retiram direitos a políticas públicas, precisam se reconhecer como parte dessa mudança de paradigma que intentamos levar adiante por meio de nossa prática docente.

Conforme proporemos mais adiante, a utilidade prática desta pesquisa se constrói justo no sentido de trilhar um caminho produtivo para as práticas docentes vinculadas à leitura e análise de manchetes, no sentido de refletir sobre a promoção da transformação e do desenvolvimento social. Dito de outra forma, esta pesquisa aplica conceitos da Análise do Discurso na exploração das manchetes, a fim de possibilitar reflexões para o processo leitor, por meio da construção de sentidos possíveis e da recuperação de outros já-ditos. Defendemos, pois, a exploração dessas manchetes no sentido de favorecer a prática docente, quer em língua materna, quer em língua estrangeira, diante dos sentidos produzidos nesses jornais, almejando a formação de leitores críticos e transformadores.

A discussão, por exemplo, sobre o que é a criminalidade, sobre os impactos de atos violentos e quais os possíveis caminhos para desconstruir essa realidade em contexto local poderá ser o que incentivará uma tomada de posicionamento, poderá ser o que o impulsionará para um incômodo e uma possível atitude de transformação.

Segundo os PCN, é necessário:

“[...] compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de: organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação; [...] analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção; [...] conhecer e usar língua(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais”. (BRASIL, 2000, p.95)

A partir das diretrizes contidas nos documentos oficiais, compreendemos que, por meio do uso dos diferentes textos ancorados em seus contextos, tal como, em nosso caso, as manchetes, encontramos não só meios para se adquirir conhecimentos, mas também para disputar sentidos, para desconstruir imagens, para discutir generalizações e desfazer cristalizações estimuladas, sobretudo pelas mídias a serviço do governo. Em tal perspectiva, o texto, a materialização concreta do gênero discursivo, se constitui como uma atividade que possibilita a construção de sentidos interativamente. Conforme Carl Schmitt (apud MOUFFE, 2001):

“a política pode obter sua energia das mais diversas fontes e emergir de muitas relações sociais diferentes: religiosa, moral, econômica, étnica, ou outras. A política tem a ver com a dimensão do antagonismo que está presente nas relações sociais, com a possibilidade sempre presente de uma relação nós-eles construída em termos de amigos-inimigos” (SCHMITT *apud* MOUFFE, 2001, p. 417).

As manchetes estudadas tratam sobre o eixo temático da criminalidade, abordando e descrevendo atos em que o(s) agressor(es) não somente fere(m) o(s) agredido(s) (verbalmente, fisicamente, simbolicamente etc.), mas também incentivam e reiteram a propagação da violência desvinculada de seus componentes econômicos, sociais, étnicos, de gênero e de pertencimento de classe. No mínimo, coloca em evidência um fato que precisa continuar sendo discutido, precisa continuar causando incômodo e ambicionando atitudes ativas que sigam em contra aos fatos, no entanto, precisam de maior articulação com o contexto em que esta população atingida está sendo obrigada, cotidianamente, a viver, pois faltam políticas públicas e ações do estado para lhes oferecer alternativas.

A partir disso, defendemos que produzir ênfase a esses acontecimentos locais que circundam o campo da criminalidade é relevante porque estamos incentivando uma leitura crítica diante do tema, incentivando uma concepção reflexiva sobre o político, que está arraigado nas escolhas ali produzidas, e a política de combater e não silenciar os fatos que persistem em minimizar outros, salientando sobre as relações do direito, do acesso e do fazer parte e ajudar a construir a sociedade como um todo, livre de territórios marginalizados e discriminatórios. Se partimos do pressuposto de que toda ação no mundo constitui-se como um ato político, pois determina escolhas motivadas em detrimento de outras, negamos uma tentativa falida de construção de uma “realidade” que se diz “neutra”.

A seguir, discutiremos relações entre os textos manchete e notícia.

1.3.4 Gênero manchete em contraste com gênero notícia

Esta seção revisa conceitos de Bakhtin (2003) e de Maingueneau (2004) acerca da noção de gênero, a fim de explorar o reconhecimento da manchete como um texto que cumpre propósitos sociais. Reconhecemos o texto manchete como prática produtora de diversas formas de conhecer, informar-se, questionar e pensar, ou seja, como modos de intervir em múltiplas e polifônicas subjetividades.

As manchetes possuem um tema, que pode ser aprofundado, caso o leitor queira saber mais, no corpo da notícia, no interior do jornal. No entanto, diante do raciocínio que viemos tratando nesta pesquisa, esse estilo não poderia ser entendido com um traço estritamente individualizado, desconsiderando seu caráter processual, parcial, imanente. Segundo Maingueneau (2004, p. 90), o texto, oral ou escrito, possui uma voz valorativa, a imagem discursiva do enunciador: “através da enunciação se mostra a personalidade do enunciador” (MAINGUENEAU, 2004, p. 90). Ademais, tal enunciador produz textos por meio de imagens que elabora do seu leitorado, ou seja, de um leitor modelo, pois como afirma Bakhtin, os textos respondem a enunciados anteriores para a formulação do texto, por meio de um formato responsivo.

As manchetes possuem também uma estrutura, cuja composição é relativamente curta, sintetizando um evento noticioso. Quase sempre são produzidas para motivar e despertar o interesse pela leitura completa da matéria, por parte dos leitores. No entanto, podem também não despertar esse interesse, por diversos efeitos que as manchetes podem produzir.

A partir dos pressupostos anteriores, a manchete jornalística deveria ser concebida como um gênero secundário, conforme reflexões bakhtinianas (BAKHTIN, 2003, p. 263), por se tratar de uma estrutura planejada e relativamente padronizada que cumpre a propósitos sociais. Já o título da notícia, situado no interior do jornal e junto ao “corpo da notícia”, seria uma estrutura presa a este, encontrados no interior do jornal, uma parte integrante do texto integral noticiado.

A construção título, localizada no interior do jornal, parece funcionar como norteador/contextualizador da notícia, de modo a preparar e orientar a leitura do fato ocorrido. Já a manchete buscaria atrair/chamar a atenção do maior número de leitores. É senão uma construção julgada como a mais impactante ou importante do dia, recebendo maior destaque visual na capa.

A manchete apresenta um esquema estrutural, conforme Sánchez (2006), normalmente, composto pelo sumário, localização do caderno e/ou da página que o leitor encontrará a notícia integral no jornal; pela cabeça ou chamada, que é a construção de destaque que chama a atenção do leitor; pelo subtítulo ou *lead*, que contextualiza a chamada (fragmento central); ademais pelos comentários, pelas fotos, pelas imagens, pelas cores. No caso do *Meia Hora*, há relativa regularidade de presença do ante-título, fragmento que antecede à chamada, formando parte do enunciado.

Com o propósito de analisar a composição estrutural da manchete, baseando-nos em Motta-Roth e Heberle (2005, p. 18), consideramos, a seguir, algumas perguntas e reflexões sobre a configuração desse enunciado, por meio do *corpus* observado:

1) Quais elementos sempre estão presentes na manchete? Em sua constituição, haveria algum padrão estrutural que apontaria para o seu reconhecimento social, cultural e histórico?

(i) localização (caderno/seção/página) quanto à notícia que será vendida no interior do jornal;

(ii) chamada (construção chamariz (cf CAMPOS, 2013, p. 33), que parece ser planejada com o interesse de levar o comprador à notícia;

(iii) subtítulo, que contextualiza a manchete. Às vezes, este está incorporado na própria chamada, formando apenas um constructo fundido.

2) Quais elementos ocasionalmente estão presentes na manchete?

(i) o ante-título, normalmente, aparece nas manchetes do Meia Hora, mas não se trata de um elemento recorrente nas manchetes do Crónica.

(ii) os comentários também são elementos ocasionais. Às vezes estão marcados no corpo da manchete. Não os consideramos padronizados; não apresentam estrutura e posicionamento estáveis na manchete;

(iii) imagens e ilustrações também são variáveis, embora, quando presentes, sempre se relacionam com a estrutura do texto, as quais também podem variar em termos de localização ou tamanho. Por vezes o plano de fundo da manchete é marcado simplesmente por sombreamento.

3) Quais elementos podem estar presentes multiplicadamente em uma manchete?

- (i) fotos e/ou
- (ii) imagens e/ou
- (iii) comentários.

4) Quais elementos apresentam uma ordem relativamente estável de ocorrência, quando comparados a outros elementos?

(i) a sequência que indica a localização da notícia no interior jornal, normalmente, apresenta ordem fixa, sendo localizada no alto da manchete com sombreamento de destaque. Ou se localiza a página, ou se localiza o caderno em que se encontra a notícia;

(ii) quando a estrutura de subtítulo compõe a manchete, normalmente em tamanho um pouco menor, se comparado à chamada, e com extensão de duas linhas, aproximadamente, fica localizada abaixo da chamada, fragmento mais destacado.

Assumimos, nesse sentido, que a manchete funciona como chamariz da notícia de maior importância jornalística, conforme entendimento de Campos (2013, p. 33). Ela, normalmente, será posicionada no alto da página de capa ou em posição e tamanho de destaque por se tratar da notícia mais impactante ou atrativa ao público potencial, segundo a decisão corporativa do jornal. Logo, a manchete para ser manchete passa por um critério de seleção. Além disso, como já foi dito, nela estão implicadas construções linguístico-discursivas que possibilitam a promoção da notícia.

Desse modo, foi possível ressaltar os três componentes indispensáveis ao reconhecimento do gênero, conforme Bakhtin: as manchetes são constituídas por um conteúdo temático, um estilo e uma construção composicional indissoluvelmente (BAKHTIN, 2003, p. 262), construindo o campo comunicativo. A partir disso, entende-se que a utilização de formas relativamente estáveis (típicas) de enunciados constituem os gêneros do discurso.

Maingueneau (2004, p. 66-68) considera para o estudo de gêneros: (a) finalidade do gênero, (b) enunciador e coenunciador, (c) espaço e tempo, (d) suporte e (e) organização textual, conforme os seguintes critérios:

- a) Quanto à *finalidade*

Todo gênero cumpre um propósito social. Necessariamente, este se vincula a uma finalidade dentro do contexto no qual faz parte. Ou seja, o gênero aponta para um fim específico na construção dos eventos comunicativos. Esta natureza social cuja manchete se associa parece consistir na promoção de sensações relativas à motivação e/ou à atração dos leitores à totalidade noticiosa no interior do jornal. Para o alcance dessa finalidade, parece haver a consideração, por parte da equipe corporativa, de conhecimentos e de interesses relativos ao público alvo. Os profissionais que representam o periódico (enunciadores) objetivam a divulgação de temas atuais, atrativos e gerais para alcançar o público leitor.

b) Quanto ao enunciador e coenunciador.

Todo enunciado possui o status dos participantes, já que algo necessariamente é dito por alguém e para alguém. Para a investigação, o conteúdo dessas inter-relações entre sujeitos é fruto de reconstruções imbuídas de valores sócio-históricos. Ou seja, as produções discursivas são necessariamente polifônicas. A noção dialógica, proposta por Bakhtin (2003) e assumida nesta investigação, pressupõe que todo enunciado projeta uma “atitude responsiva ativa” por parte do coenunciador. Esta equipe que constrói as manchetes é composta de profissionais que não apenas reconhecem o princípio editorial do jornal, mas que buscam pertinência nas produções que serão recebidas pelo público (coenunciadores). Dessa forma, os enunciadores planejam tais textos levando em conta uma possível aceitabilidade do conteúdo para concretizar o propósito de atrair seu público para ler a manchete.

c) Quanto ao espaço e tempo

Todo gênero implica certo lugar e tempo apropriados para alcançar seu objetivo. No caso da manchete, as construções linguísticas são, em sua maioria, produzidas no tempo presente, criando o efeito de atualidade, de imediato. Há, na manchete, a marcação quanto ao local em que o leitor pode, caso queira, saber mais sobre o evento noticioso, o qual se situa, normalmente, à direita, na parte inferior ou superior. As noções de tempo e espaço também se aplicam à construção do conteúdo veiculado, o que, por vezes, sinalizam marcas polifônicas com outros acontecimentos situados em outros contextos discursivos. A recuperação ou não dessas vozes circundantes, dependerá, evidentemente, da memória discursiva e da comunidade em que o leitor se insere naquele momento.

d) Quanto ao suporte

Este é o meio ou a dimensão de sustentação dos enunciados. Desse modo, o texto necessita de uma materialidade física. Tal materialidade, no caso da manchete, é reconhecida pelo jornal propriamente dito, por seus componentes materiais, espaciais e visuais.

e) Quanto à organização textual

Por fim, nosso ponto de maior interesse. Um gênero costuma se associar a certa organização textual, construindo um encadeamento linguístico-discursivo ante aos componentes do texto, à coesão e à coerência, ao tom valorativo etc. A construção do texto manchete envolve escolhas lexicais e discursivas planejadas de acordo com a imagem que se faz dos seus coenunciadores. Nesse sentido, a organização textual projeta caminhos valorativos de interpretação e análise, importando na construção de significados possíveis. O texto procura criar o efeito de que a novidade noticiada esteja interconectada com experiências supostas do leitor, com o que o leitor, hipoteticamente, ambiciona saber. A construção desse texto parece dialogar com as pressuposições dos enunciadores e com a forma escolhida para se narrar o evento (a notícia). A linguagem, normalmente, é sintética, haja vista a estrutura do gênero; parece ter que criar o efeito de ser atrativa, precisa, estimulante e introdutória, já que busca levar o leitor à compra do jornal. O texto costuma ser verbal e/ou não-verbal, de modo que este contribui para a construção do sentido daquele. A modalidade desse texto é escrita, embora pareça se enxertar de produções discursivas da oralidade informal, tipicamente características das interações sociais não monitoradas/relaxadas. Esse traço parece ser uma estratégia desses jornais visando à aproximação com o público. Inserem-se nesse contexto da organização textual fatores como os atributos visuais/ilustrativos (cor, tamanho da letra, plano de fundo, sombreado), os quais, por razões de extensão do trabalho, não adentramos.

1.3.5 Imagens e cenas enunciativas: seus efeitos discursivos

Conforme vimos defendendo, traçar um olhar para o texto que considere, exclusivamente, sua materialidade, sem considerar sua dimensão social, pode ser um caminho

limitador, sobretudo por marginalizar elementos imbricados à sua constituição. Quanto a isso, Dominique Maingueneau (2004, p. 85) aponta que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”.

Conforme Maingueneau (2004, p. 86), os textos são constituídos por cenas de enunciação. O autor discorre sobre a cena englobante defendendo que se trata daquela que “corresponde ao tipo de discurso”, diante do qual “é preciso que nos situemos para interpretá-lo”. Ademais, o texto é constituído de traços que o identificam como gênero discursivo, sendo organizado de modo a cumprir uma determinada finalidade. Quanto a isso, o autor ressalta a cena genérica. Maingueneau afirma que “essas duas ‘cenas’ definem conjuntamente o que poderia ser chamado de quadro cênico do texto” (MAINGUENEAU, 2004, p. 87). Já a cenografia leva o quadro cênico a se deslocar para o segundo plano.

Ademais, os textos, conforme Maingueneau (2004, p. 97), apresentam, em uma situação de comunicação, um conjunto de traços psicológicos e de representações físicas e culturais que apontam para uma imagem daquele que o produz. O texto, nesse sentido, sustenta, discursivamente, pistas de um “caráter” e de uma “corporalidade” discursivos. Esse conjunto de traços permite identificar caminhos sobre o etos do enunciador, uma imagem discursiva da entidade produtora do enunciado. De outro lado, uma imagem desse leitor também é produzida, considerando certo imaginário que o enunciador-jornalista constrói de si. Diante disso, o fato de o enunciador construir uma imagem para si mesmo implica, em contrapartida, uma produção imaginária desse leitor (coenunciador).

Na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, o chamado etos discursivo se refere às manifestações que produzem sinais do enunciador deixados no discurso na/pela/sobre a linguagem. Essa imagem discursiva cumpre uma função essencial: um contrato discursivo que localiza enunciador e coenunciador na rede dialógica, que ambos compartilham na enunciação, nas trocas interdiscursivas que definem cada posicionamento.

Consideramos que o leitor (coenunciador) ao qual os jornais se reportam, além de apresentar-se como um sujeito ativamente responsivo, opondo-se, portanto, a uma imagem de passividade (devido ao caráter constitutivamente interativo), aparece já marcado no próprio discurso dos referidos jornais (CAMPOS, 2013, p. 31)

Em conformidade com Campos, os sujeitos discursivos atuam e se produzem de modo ativo nessa inerente interação, manifestando indícios encontrados na materialidade linguística de um texto. Por meio disso, tanto o leitor poderá construir e incorporar a seu universo particular uma imagem discursiva do enunciador, quanto este produzirá um juízo

daquele para construir sua materialidade. Nesse contexto, essas escolhas e esses perfis imaginários que um constrói do outro reciprocamente provocam a construção de um posicionamento ativo e responsivo.

Todo texto escrito, mesmo que o negue, tem uma “vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”, estando eles, por sua vez, associados a uma caracterização do corpo do enunciador (e, bem entendido, não do corpo do enunciador extra discursivo), a um “fiador”, construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação (MAINGUENEAU, 2011, p. 18).

Por meio de suas escolhas (de palavras, de modos de organização textual e de quaisquer outras manifestações implícitas do etos), o enunciador veiculará de si uma impressão que se converte em uma representação, um juízo imaginário de si e do outro. Ademais, o plano discursivo, por consequência, produz um conjunto de traços caracterizadores que permite a construção de imagens, que, pela reiteração, acabam criando o efeito cristalizador de determinados sujeitos.

Essas imagens alcançadas por meio de pistas discursivas estão associadas à constituição de uma cena enunciativa. Trata-se da situação de enunciação de um texto, representada pelos elementos que estão na base do próprio ato de enunciação, sustentando-o e, ao mesmo tempo, sendo tornados legítimos por ele.

Por meio do etos, o destinatário está, de fato, convocado a um lugar, inscrito na cena de enunciação que o texto implica. [...] A cenografia, com o etos da qual ela participa, implica um processo de enlaçamento: desde sua emergência, a fala é carregada de certo etos, que, de fato, se valida progressivamente por meio da própria enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra (MAINGUENEAU, 2008, p. 70-71).

Conforme os estudos de Dominique Maingueneau a respeito do etos, a cena de enunciação participa do próprio processo de encadeamento dos enunciados, uma vez que é ela a responsável pela veiculação dos conteúdos semânticos acessados pelo destinatário de um discurso durante o diálogo implícito com o produtor dos enunciados.

Tomemos a seguinte manchete para exemplificar essas imagens produzidas na manchete:

DURMIENDO
CON EL
ENEMIGO

Harta de las brutales palizas de su pareja, Vanesa Coniberti abandonó el hogar con su pequeño de 5 años. Destruída psicológicamente, la mujer denuncia que venció la restricción perimetral, la justicia no actúa y teme que la mate en cualquier momento³.

Crónica – 01/07/2016

A cena enunciativa produzida na manchete do *Crónica* (1) constrói um diálogo entre o fato enunciado e a obra cinematográfica “Sleeping with the Enemy”. Ficção e realidade estabelecem laços intertextuais: tanto a personagem Laura Williams, interpretada por Julia Roberts, quanto a agredida Vanesa Coniberti abandonam seus lares em função das intensas agressões cometidas no matrimônio. Com isso, o enunciador-jornalista produz uma cena enunciativa trágica. Por meio de caracterizações, do estado em que a agredida se encontra, dos vestígios que apontam a narrativa do evento vivido por ela e a prática violenta do agressor, é possível produzir imagens sobre esses sujeitos.

Esses traços levam a um tipo de juízo sobre o enunciador e sobre o coenunciador, e também sobre como são assumidos os sujeitos referidos no evento noticioso, considerando as caracterizações e os rótulos materializados no enunciado. Esses caminhos de exploração se baseiam nos estereótipos sociais ativados, mas também na rejeição de uma condição social, cultural, política, histórica etc., emanados no ato de enunciação.

Na manchete do *Crônica*, o enunciador-jornalista parece produzir, discursivamente, uma sensibilização sobre a condição vivenciada pela agredida, sobretudo pelas escolhas linguístico-discursivas empregadas, promovendo sua atitude de rejeição às agressões. Ademais, sinaliza-se que a justiça não está correspondendo como deveria agir, o que difunde o pressuposto de que esta deveria coibir/combater as violências. Nesse sentido, essa manchete não apenas produz o efeito de chamar a atenção do leitor para a notícia de destaque, mas também o de comoção e de atitude social. A ênfase discursiva e as escolhas lexicais que reconstroem uma imagem de superação e de posicionamento ativo, demonstrando a escolha pela vida, a atitude ativa frente à agressão. Está subentendido que, tal como Vanesa Coniberti, as agredidas podem fugir de uma condição de desgaste psicológico e físico promovido pelo

³ Dormindo com o inimigo. Farta das brutais surras de seu marido, Vanesa Coniberti abandonou seu lar com seu filho de 5 anos. Destruída psicológicamente, a mulher denuncia que venceu a restrita proximidade do agressor, a justiça não atua e a agredida teme que o agressor a mate a qualquer momento. (CRÓNICA, 01 de julho de 2016, tradução nossa)

agressor, rejeitando essa condição em função de sua sobrevivência. Estamos diante de uma imagem do coenunciador.

Sendo assim, o enunciado analisado do *Crónica* (1) construiu uma imagem de um enunciador denunciativo, de modo a favorecer uma cobrança pública diante de um fato noticioso. Dessa maneira, somente mediante essas idas e vindas, quer consciente, quer inconscientemente, imagens discursivas e efeitos de sentido são produzidos.

Considerando essa exposição teórica que possibilita uma reflexão possível diante das pistas encontradas na construção do nosso *corpus*, a seguir, convidamos o leitor a entender os princípios metodológicos de nossa pesquisa.

2 METODOLOGIA

2.1 Descrição da construção do *corpus*

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, apresenta como *corpus* manchetes que abordam a violência local, inseridas no campo discursivo da criminalidade urbana, que ganharam circulação por meio dos jornais populares *Meia Hora* e *Crônica*, publicadas ao longo do segundo semestre de 2016. Nesta seção, uso a primeira pessoa do singular, a fim de explicitar minha relação direta enquanto pesquisador na construção desta investigação.

Puxando um gancho em meu passado, é possível resgatar o contato que tive com o jornal investigado *Meia Hora de Notícias*. No Ensino Médio, em uma escola pública, composta por uma sala super lotada e por um programa curricular que não nos tocava, um professor de Língua Portuguesa, cuja memória marcará para sempre a minha prática docente, porque foi com ele que me motivei a seguir a carreira profissional que construo hoje, começou a utilizar, em suas aulas de leitura, manchetes do *Meia Hora*. De modo sempre interrogante, ele nos levava a ir além do humor, a ultrapassar a materialidade. Contrastando aqueles fatos e as múltiplas realidades que compunham a classe, explorávamos não apenas os traços linguísticos, mas também suas implicações em nossos mundos.

Ainda que pessoas falassem que o jornal escolhido pelo professor não nos forneceria contribuições, nós, alunos, víamos que aquelas incríveis discussões surtiam, de algum modo, efeitos em nossas realidades. Criticar aquelas chamadas, concordando ou discordando, nos provocava um repensar, bem como dialogava com uma realidade próxima a nós. De fato, houve apreço, não apenas em função do que o jornal propunha em suas manchetes, mas pelas aulas fantásticas que aquele professor produzia a partir daqueles textos, o que me marcou profundamente.

Lembro-me que, em uma disciplina, agora, já na graduação, fui motivado por uma professora a escrever um artigo. Eu ainda não sabia bem o que pesquisaria. E a partir dos caminhos de investigação levantados por essa professora nessa disciplina da graduação, algo me motivava a explorar aquela experiência que o meu professor do Ensino Médio me mostrou como extraordinária.

Após ler e avaliar o meu trabalho, essa professora teceu contribuições para minhas ambições pessoais. Inclusive, ela me indicou uma conversa com um pesquisador que havia

realizado, naquele momento, um trabalho sobre esse mesmo objeto de análise. Surgia-me, então, ganas de manter acesa aquela motivação desde o meu Ensino Médio e de prosseguir em uma investigação científica em nível de Pós-Graduação. Eis, pois, como tudo começou.

Estando aprovado e já cursando as disciplinas do mestrado, uma professora me aborda e demonstra interesse em orientar o meu trabalho. Muito feliz, obviamente firmamos ali o início de nossa parceria. Em uma de nossas primeiras conversas, minha orientadora me propôs um estudo que envolvesse dois jornais, a partir dos meus interesses. Como exemplo, ela me contou do estudo que realizara em sua pesquisa de mestrado sobre manchetes de um jornal alemão e outro brasileiro. Gostei da ideia: a possibilidade de estudar sobre manchetes nas línguas com que tenho relação profissional – professor de Língua Portuguesa e Espanhola.

Foi necessário, então, pensar em critérios que seriam relevantes para selecionar o outro jornal que iria compor minha pesquisa. Ressalto-os:

- Dispor de capa impressa em site próprio;
- Circular em grande capital da América Latina;
- Situar-se na retórica popular, semelhante ao *Meia Hora*;
- Quantitativo populacional semelhante ao quantitativo do Rio de Janeiro;

Realizei, pois, uma investigação por meio do buscador Google, o que me possibilitou acompanhar alguns jornais concebidos como populares. Diante da oferta encontrada e dos critérios adotados no início da pesquisa, defini que o trabalho se realizaria em paralelo com o jornal *Crónica – Firme junto al pueblo*.

Como investigador, percebi que trabalhar diante do grande círculo midiático que envolvia celebridades, fatos desportivos ou ainda políticos poderia se tornar um problema, em virtude de estar diante de duas realidades diferentes, sobretudo porque imaginava se tornar difícil a construção de paralelo investigativo. Ao observar pistas diante do corpus construído no decorrer de 01 de junho até 31 de dezembro, notei que havia recorrência, em ambos os jornais, de fatos noticiosos que colocavam em evidência sujeitos comuns (não vinculados à grande mídia) envolvidos em ocorrências de criminalidade urbana. A partir disso, foi possível construir um *corpus* composto por diferentes tipos de violência praticados por sujeitos em uma ótica local.

Desse modo, construí perguntas que nortearam a pesquisa: (i) Como esses sujeitos envolvidos em ocorrências noticiosas locais atreladas à criminalidade foram assumidos? (ii) De que modo se processavam discursivamente as implicações dessas caracterizações? Para

responder a esses questionamentos, construímos um Mapa Investigativo com o nosso *corpus*, reunindo em uma única tabela todas as manchetes dedicadas ao trabalho analítico. No Mapa Investigativo, buscamos pistas que nos permitissem produzir eixos analíticos, de modo que pudéssemos agrupar as manchetes diante de traços comuns.

Partindo disso, ao longo desse período, reunimos 61 textos⁴. No entanto, considerando as limitações de espaço de uma dissertação, tivemos que nos restringir à argumentação de 20 manchetes, a fim de explorar efeitos de sentido produzidos e tecer reflexões no que toca ao processo de ensino e aprendizagem de línguas, objetivando alcançar uma formação crítica, transformadora e humanística dos alunos diante dos fatos que se fizessem próximos à realidade local. Assim, buscarei discutir com a análise de que modo o estudo diante de fatos noticiosos locais contribui para o processo de ensino e aprendizagem. Diante das perguntas que motivam a pesquisa e das pistas que o material me fornecia foi importante investigar os pressupostos e subentendidos envolvidos nesses enunciados. Além disso, os efeitos de sentido serão explorados diante de premissas discursivas, as quais foram discutidas anteriormente.

2.2 Cartografia: a construção da pesquisa

Conforme vimos elucidando o surgimento e o desenvolvimento da presente pesquisa, como um processo plural, aberto e multidimensional, não partimos de um quadro pronto e padronizado, com início e fim estáveis, mas sim das pistas fornecidas pelo próprio objeto analisado. Buscamos, pois, um método que dialoga com a discussão desenvolvida no tópico anterior, na qual o investigador fez parte do processo.

Este método de investigação atua no sentido da prática ao objetivo a ser cartografado, já que os caminhos possíveis de análise e intervenção partem do contato direto com a realidade. Nesse sentido, a cartografia é entendida “como método de *pesquisa-intervenção* que pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, *por regras já prontas*, nem com *objetivos previamente estabelecidos*” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17, grifo nosso).

De tal modo, o método científico não está dado anteriormente à análise, mas se constrói à medida que o pesquisador se insere no contexto prático de investigação. Ou seja, o

⁴ Conforme é possível observar o anexo nomeado como Mapa Investigativo

cartógrafo reconhece ações que culminarão em direções científicas, mas não delimita, antecipadamente, os efeitos ou itinerários que serão percorridos na análise. São as riquezas das pistas que indicarão os rumos produtivos para a intervenção em um dado fenômeno da realidade, uma vez que “a cartografia reverte o sentido tradicional de método” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17).

A prática da cartografia, pois, busca entender e/ou pontuar as pistas que construirão o todo inter-relacionado dos fenômenos, por meio do encontro e dos desencontros passíveis de uma pesquisa. De modo mais visual, recorremos à metáfora do rizoma contida na teoria filosófica de Deleuze e Guattari (1995). Assim como a estrutura biológica gera a sensação de construção e reconstrução do todo, ou ainda, a sensação de confluência e interligações, a prática cartográfica também se baseia no ensejo multidimensional para conceber as diretrizes do percurso da pesquisa, “considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 18).

Segundo os autores, a estrutura do conhecimento não deriva, por meios lógicos, de um conjunto de princípios primeiros, mas a partir de todos os pontos sob a influência de diferentes observações. Nessa perspectiva, “todo conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas, estando necessariamente determinados, neste jogo de forças: valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças, etc.” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 19). Diante disso, o método de pesquisa-intervenção faz parte de um processo de criação de novos territórios.

Quanto a esse campo de implicações cruzadas, no conceito de transversalidade de Guattari, não há verticalidade nem horizontalidade na construção do objeto, mas apresenta mobilidade em diferentes sentidos, tal como o rizoma. A noção de transversalidade é fundamental, neste sentido, para que seja compreendido o encontro plural de caminhos possíveis em uma pesquisa. Nas palavras de Felix Guattari:

A transversalidade é uma dimensão que pretende superar os dois impasses, quais sejam o de uma verticalidade pura e de uma simples horizontalidade; a transversalidade tende a se realizar quando ocorre uma comunicação máxima entre os diferentes níveis e, sobretudo, nos diferentes sentidos (GUATTARI, 2004 [1964], p. 111).

Desse modo, o pesquisador está sempre em movimento, imbricando-se com o objeto pesquisado, com o contexto e com os envolvidos. Ele faz parte não apenas do processo, mas também do mapeamento dos eventos. Ou seja, ele estará implicado na investigação como parte ativa. Assim é que a pesquisa-intervenção constrói suas diretrizes de análise.

Nessa perspectiva, buscamos nos ocupar da pista 6 do método da cartografia (PASSOS; EIRADO 2009: 109), que estabelece a cartografia como dissolução do ponto de vista do observador, já que procuramos descrever processos, e não estados de coisas resultantes de mera observação, ou seja, pretendemos analisar de que modo as manchetes produzem determinadas imagens sobre as violências inseridas no campo discursivo da criminalidade, e não indicar quais as imagens de violências estão dadas nessas manchetes.

Entendemos, assim como Arantes (2018), que essa cartografia do processo só pode ser possível se nos implicarmos no processo de análise, a partir do qual a realidade a ser estudada aparece em sua composição de linhas (DELEUZE; GUATTARI, 1995; GUATTARI; ROLNIK 1999). “É pela desestabilização das formas, pela sua abertura (análise) que um plano de composição da realidade pode ser acessado e acompanhado” (PASSOS; EIRADO 2009, p. 109).

Sendo assim, diante da perspectiva teórica a que nos filiamos, o discurso não é assumido de modo homogêneo, mas se constrói a partir da confluência de outras vozes que sustentarão sua própria constituição. Dessa forma, para a discussão das análises construídas, remetemo-nos aos fundamentos anteriores de Authier-Revuz (1990), sobre a heterogeneidade, construindo diálogo com as contribuições de Bakhtin (2003) com respeito ao conceito de polifonia, bem como às contribuições de Ducrot (1987) com respeito à noção de posto, pressuposto e subentendido. Por fim, levantaremos as discussões sobre os impactos práticos no contexto de ensino e aprendizagem. De todo modo, ressaltamos que as categorias usadas não estão definidas de modo antecipado, mas contribuirão a partir dos dados observados.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Tendo em vista o arcabouço teórico desenvolvido anteriormente, nossa análise buscará evidenciar que “compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário” (MAINGUENEAU, 2004, p. 20). Diante dos pressupostos da Análise do Discurso, afastamo-nos dessa concepção de mera interpretação de textos, para refletir sobre caminhos possíveis alicerçados em marcas linguísticas fundamentadas no contexto em que se inserem. Essas discussões se propõem a favorecer o contexto de ensino e aprendizagem.

A reflexão a que nos propomos foi realizada por meio de pistas que o enunciado produz, através das quais construímos hipóteses diante de “um contexto que não é um dado pré-estabelecido e estável” (MAINGUENEAU, 2004, p. 20). Tendo como meta situar, indissociavelmente, a dimensão social e textual do discurso, a partir do recorte da criminalidade, investigamos os efeitos de sentido produzidos discursivamente em manchetes que envolvem a descrição do sujeito local.

Por meio desse campo discursivo, buscamos explorar de que modo esses eventos noticiosos locais, que assumem sujeitos que não estão diretamente envolvidos com a grande mídia – que não são socialmente conhecidos/famosos para além do seu eixo de interação local –, podem favorecer uma formação humanística, crítica e transformadora na trajetória do ensino e aprendizagem.

Para tanto, construímos um mapeamento de manchetes para análise, inspirando-nos na concepção metodológica da Cartografia (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2009, p. 8), sobretudo por considerar que o pesquisador se implica na pesquisa e sua experiência “aponta sua inscrição no plano de forças, que constitui o plano de produção tanto do conhecimento quanto da realidade conhecida”.

Começamos as análises por investigar, dentro do *corpus* constituído por fatos envolvendo sujeitos locais, as temáticas que recorrentemente assumiam o lugar de manchete nos jornais. Ao analisá-las, observamos que acontecimentos locais incutidos no campo da criminalidade ganhavam destaque nos dois jornais com frequência. Chamou-nos a atenção o modo como os enunciados produziam efeitos discursivos ao se tratar da criminalidade local. Enquanto professor e pesquisador, esse caminho analítico trilhado, que reconhecia o plano local, atraiu-nos à medida que constatamos em nossa sala de aula o crescente interesse por parte do alunado em se discutir fatos inseridos em um plano próximo, o que nos provocava um posicionamento ativo em nossa própria realidade experienciada.

O primeiro passo da análise, diante do material que tínhamos, foi identificar de que modo as manchetes que tratavam a criminalidade local se relacionavam ou se distanciavam umas das outras. Para cada manchete, pontuamos características observadas por meio de nossa leitura preliminar. Assim, construímos nosso Mapa Investigativo⁵, a primeira etapa de análise. Fomos buscar marcas linguísticas e laços discursivos produzidos nesses textos. Isso nos levou ao seguinte agrupamento de manchetes:

Quadro 1 – Panorama geral

CRÓNICA					
Promoção de	denúncia	justiça pelas próprias mãos	traços trágicos	fragilidade e da polícia⁶	traços mistos
Qtd	5	6	13	4	4
Pistas	Pergunta retórica Uso de determinados verbos	Atitude justiceira pelas próprias mãos	Uso de adjetivo(s) e/ou advérbio(s)	Imagens da fragilidade	Comoção e denúncia Denúncia, comoção e fragilidade da polícia Justiça pelas próprias mãos e comoção Comoção e fragilidade da polícia
MEIA HORA					
Promoção de	humor sexual	justiça pelas próprias mãos	traços trágicos	fragilidade e da polícia⁷	traços mistos
Qtd	6	4	12	2	5
Pistas	Duplo sentido Léxico atrelado ao sexual	Atitude justiceira pelas próprias mãos	Uso de adjetivo(s) e/ou advérbio(s)	Imagens da fragilidade	Humor Assombroso Trágico

Fonte: O autor, 2018.

⁵ O Mapa Investigativo, contendo o detalhamento das observações encontradas em todo material pertinente baixado, está disponibilizado nos anexos desta dissertação.

⁶ Por razões de limites de uma dissertação, decidimos não aprofundar esse grupo em um eixo distinto para análise.

⁷ Por razões de limites de uma dissertação, decidimos não aprofundar esse grupo em um eixo distinto para análise.

Esse agrupamento que construímos, por meio da releitura do material baixado e, em seguida, seleção das manchetes vinculadas a criminalidades, foi possibilitado por nossa inserção na pesquisa. Esse quadro nos permitiu definir e traçar um panorama geral do nosso *corpus*, de modo a reunir nossas percepções iniciais sobre as manchetes que nos propomos a estudar. Considerando esse ponto de partida, construímos três possíveis eixos possibilitados pelo nosso material de pesquisa:

- Eixo 1 – pistas que parecem apontar manchetes denunciativas (*Crônica*) em contraste com manchetes humorísticas (*Meia Hora*)
- Eixo 2 – pistas que parecem apontar manchetes que tratavam da justiça pelas próprias mãos em ambos os jornais
- Eixo 3 – pistas que parecem apontar manchetes que tratavam do evento trágico/chocante em ambos os jornais

Diante desses eixos constituídos a partir das pistas que nosso *corpus* nos permitiu observar, aplicamos os pressupostos teóricos desenvolvidos na primeira parte deste trabalho. Sustentando-nos, fundamentalmente, em Maingueneau (2004, p. 64), buscamos aplicar às manchetes as categorias de reconhecimento do gênero: finalidade, estatuto dos enunciadores e organização textual⁸. Ao defendermos nossas ideias, recorreremos aos pressupostos e subentendidos considerados por Ducrot (1987), a fim de investigar os efeitos de sentido produzidos, conforme pode ser observado adiante.

⁸ Optamos por não repetir as noções de tempo e espaço e suporte na análise, uma vez que defendemos sobre esses princípios em manchetes em nossa parte teórica, conforme seção *Gênero manchete em contraste com gênero notícia*.

3.1 Eixo 1 – Pistas que possibilitaram o contraste entre as manchetes dos jornais estudados

Quadro 2 – Crônica – 01/06/2016, grifo nosso

<u>POLICHORROS EN ACCIÓN</u>		
<u>Dos uniformados</u> fueron detenidos por cometer asaltos. <u>La víctima de uno de los ilícitos, dueño de una carpintería</u> , se trenzó en lucha con <u>un ladrón</u> y <u>logró herirlo a cuchilladas en el estómago</u> . <u>El efectivo</u> está internado en grave estado. <u>¿Quién nos cuida?</u> ⁹		
Finalidade	Manifestar uma ocorrência criminal	Após se referir à luta entre um policial corrupto e um cidadão, o enunciado manifesta uma interrogação – <i>¿Quién nos cuida?</i> – que provoca pressupostos: (i) a população está desprotegida; (ii) quem deveria exercer proteção não exerce. Assim, o enunciado não apenas informa uma ocorrência transgressora por parte do policial, mas também cobra segurança pública.
Estatuto dos enunciadores	Enunciador cobrador de direitos	A materialidade textual constrói, possivelmente, um enunciador que está insatisfeito com a insegurança e, por isso, problematiza o fato de quem deveria resolver a situação. A referência designativa a esses policiais corruptos é preenchida por “polichorros”. Correferencialmente, o enunciado produz características ao infrator, como “ilícito” e “ladrón”, construindo sua imagem transgressora e delitiva.
Organização textual	Ênfase no infrator, transgressor	A organização sintática do enunciado prevê a construção de foco discursivo no infrator, corroborando a leitura de cobrança das ações praticadas pelos transgressores.
	Pergunta retórica	A marca linguística que aponta para a caracterização desse enunciador parece ser o modo como promove o desfecho do texto: por meio da pergunta retórica, pois não objetiva a uma resposta de fato; ela parece explicitar uma denúncia. O tom interrogante produzido no encerramento da manchete

⁹ Falsos policiais em ação - Dois fardados foram detidos por cometer assaltos. A vítima de um dos ilícitos, dono de uma carpintaria, lutou com um dos ladrões e conseguiu referi-lo a facadas no estômago. O meliante está internado em estado grave. Quem cuida de nós?

		tende a construir, desse modo, a imagem discursiva do cidadão que não se cala, que interroga sobre seus direitos.
--	--	---

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Conforme o exposto, esta manchete parece utilizar a composição “polichorros” para caracterizar aqueles que cometem delito(s), aqueles que corrompem direitos. Linguisticamente, essa caracterização contribui para a marcação do posicionamento do jornal, construindo discursivamente um comportamento denunciativo. O termo é recorrentemente usado para qualificar a um policial corrupto, que comete roubos. O enunciador convida o coenunciador que compartilha dessa visão de aversão a esses corruptos a refletir sobre quem poderia defendê-los contra a criminalidade. Ou seja, a quem a sociedade poderia pedir socorro se aqueles que deveriam protegê-la cometem atentados contra o povo.

Portanto, são essas marcas linguísticas produzidas ao se referir ao policial infrator que parecem apontar o tom de rejeição, repugnância e denuncia a ações delituosas cometidas por esses tipos de agentes da segurança pública. Desse modo, ao produzir um caráter denunciativo, o fiador constrói na corporalidade textual o tom de cobrança de direitos. Ou seja, o enunciado problematiza o assalto e cobra uma atitude ativa da polícia, tendo em vista que o próprio cidadão se defendeu pela ausência dela. O segmento “¿Quién nos cuida?” parece produzir, pois, a cobrança cidadã por direitos, produzindo um efeito denunciatório, podendo se caracterizar no pressuposto de que a polícia deveria fazer o seu papel de zelar pela segurança pública.

Quadro 3 – Crónica – 24/09/2016, grifo nosso

¿QUIÉN DEFIENDE A LOS ABUELOS?		
ALARMA POR REITERADAS ESTAFAS A JUBILADOS		
Bajo las distintas modalidades del cuento del tío, siete de cada diez adultos mayores caen en la trampa. Los casos más comunes y los nuevos trucos delictivos. Las claves para estar alertas y no terminar en las garras de estos estafadores ¹⁰		
Finalidade	Manifestar e denunciar uma ocorrência	Este enunciado evoca os seguintes pressupostos: (i) os idosos não estão sendo defendidos; (ii) idosos são alvos de golpistas; (iii) os golpes a essa parcela da população são frequentes. Esse entendimento propicia a leitura de

¹⁰ Quem defende os avôs? – Alerta de repetidos golpes a aposentados – Diante de diferentes modalidades do conto do padre, sete a cada dez idosos caem em trapaças. Os casos mais comuns e os novos truques dos criminosos. As dicas para se manter alerta e não terminar nas garras desses golpistas

	criminal	cobrança de direitos e por isso, possivelmente, manifesta um posicionamento por meio do questionamento.
Estatuto dos enunciadores	Enunciador cobrador de direitos	A materialidade textual constrói, nesse sentido, um tom de denuncia por meio da cobrança de direito e de defesa do idoso. Dessa forma, problematiza o fato de quem deveria protegê-los. No contexto em que o enunciado se insere, não são quaisquer sujeitos que deveriam defender os avôs, senão a instância pública, talvez, enfatizando, assim, o dado de que sete em cada dez idosos caem em golpes. Um correferente significativo que corrobora essa leitura é o fato de produzir a caracterização desses idosos a partir do lugar que ocupam socialmente: aposentados.
Organização textual	Ênfase nos fatos que violam os idosos	A organização sintática do enunciado prevê a construção de foco discursivo nas violações a que os idosos constantemente vêm sofrendo. Subentende-se que a recorrência não tem sido considerada pelo poder público, o que os torna alvos dos que cometem golpes.
	Pergunta retórica	A marca linguística da pergunta problematiza o fato de que os idosos são, constantemente, golpeados por criminosos e, ao mesmo tempo, tende a cobrar direitos à segurança pública. A interrogação produzida no início da manchete parece construir, portanto, a imagem discursiva de denuncia e de combate à criminalidade. Percebemos, com isso, o posicionamento do jornal.

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Sendo assim, a manchete anterior também parece construir um tom denunciativo frente aos frequentes roubos que vitimam aposentados. Há um pressuposto de que essa parcela está indefesa, desprotegida quanto aos ataques dos criminosos, o que parece construir, discursivamente, o tom de denúncia pública. Nesse sentido, o fragmento “¿Quién defiende a los abuelos?” reclama atenção e segurança para os aposentados, que se tornaram alvo de criminosos. Tal como a primeira manchete analisada, como percebemos, esta também problematiza uma questão social. Neste caso, os constantes golpes a aposentados, cobrando atenção a essa parcela da sociedade. Percebemos que se pressupõe que o não conhecimento,

por parte dos idosos, desses golpes possibilita sua frequência. Ou seja, ao considerá-los, produz-se não só uma divulgação de fatos, mas também uma contribuição social no sentido de conscientizar sobre novos e velhos casos recorrentes que tomam aos idosos como vítimas vulneráveis, bem como questiona medidas para sua proteção.

Quadro 4 – Crônica – 31/07/016, grifo nosso

VECINOS EN PÁNICO POR VENGANZA DE MOTOCHORROS		
Asesinaron a balazos a un joven, de 21 años, que trabajaba como delivery en una pizzería. <u>La víctima y sus familiares habían denunciado a los criminales, a quienes pretendían expulsar del barrio. La gente reclama justicia y el fin de la impunidad en la zona</u>¹¹		
Finalidade	Manifestar e denunciar uma ocorrência criminal	Após a contextualização do fato local, assassinato de um jovem por motoqueiros criminosos, o enunciado evoca o posicionamento ativo da população, considerando que os transgressores foram denunciados pela vítima e por sua família. Diante disso, o enunciado promove o subentendido de que o problema não foi resolvido com a denúncia, evidenciando, talvez, uma fragilidade da segurança pública, ao ter como resultado a morte de um jovem denunciante. São considerações possíveis resgatadas pelo enunciado: (i) está posto que o jovem [que tinha apenas 21 anos] assassinado trabalhava como delivery em uma pizzaria, construindo um ethos positivo de trabalhador, de um cidadão atuante profissionalmente; (ii) está pressuposto que esses “motochorros” são vingativos. Dessa maneira, a vizinhança está convivendo com o medo. Subentende-se disso que a morte do jovem foi decorrência de uma atitude de vingança pelo fato da denúncia que fora realizada. Além disso, o fato da população pedir justiça pressupõe que agentes públicos não estão fazendo justiça, tal como também a impunidade é um fator

¹¹ Vizinhos em pânico por vingança de ladrões motoqueiros – Assasinararam a tiros um jovem de 21 anos que trabalhava como motoboy em uma pizzaria. A vítima e seus familiares tinham denunciado os criminosos, os quais pretendiam expulsar do bairro. As pessoas exigem justiça e o fim da impunidade na área

		<p>presente neste lugar; (iii) isso também gera subentendidos que apontam para a ideia de que este lugar está esquecido pelos órgãos públicos, frente à recorrência de ações criminosas, fazendo-se necessária, nesse caso, uma atitude ativa por parte do poder público. Assim, o enunciado não apenas informa um evento transgressor, mas também cobra segurança pública.</p>
Estatuto dos enunciadores	Enunciador cobrador de direitos	<p>A materialidade textual constrói o posicionamento ativo de insatisfação diante da insegurança, produzindo, possivelmente, o tom denunciativo. O enunciado evoca a voz da população moradora solicitando a solução do problema, que lhes é de direito. A referência designativa a esses infratores é preenchida por “motochorro” e, correferencialmente, produz-se caracterizações implícitas, por exemplo, como assassinos, vingativos, criminosos, construindo uma cena enunciativa de terror, de desespero, de ameaça, o que tende a apontar para um contexto de descaso por parte do poder público que parece não ter tomado as devidas providências.</p>
Organização textual	Foco no posicionamento ativo da população	<p>A organização sintática do enunciado constrói pistas que promovem ênfase à população que solicita uma atitude frente ao problema, conforme nossos grifos no texto. A manchete inicia por se referir aos moradores que estão em pânico. Em seguida, desenvolve-se o fato da morte do jovem, provavelmente, inocente, marcando o posicionamento da população frente à criminalidade e a cobrança desses mesmos referentes por justiça e pelo fim da impunidade na área. Isso também marca um posicionamento do jornal, construindo um caráter de aliança com o povo, o que nos parece construir um diálogo com lema do jornal “firme junto al pueblo”.</p>
	Verbos que apontam	<p>Ao afirmar que “la gente <u>reclama</u> justicia y el fin de la impunidad en la zona”, o enunciado constrói</p>

	posicionamento ativo	posicionamento. Trata-se do resgate da voz de sujeitos que compartilham da cobrança de direitos dos cidadãos.
--	-------------------------	---

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Considerando o exposto, esta terceira manchete também reconstrói um contexto de insegurança social. Motoqueiros, assumidos como ladrões, aterrorizam a população para se vingar da denuncia realizada. É importante ressaltar, com isso, a ênfase discursiva construída nessas manchetes: o tom denunciativo, produzindo foco na insegurança e na impunidade. Marca-se, além disso, um retorno social por parte do jornal, que pressupõe qual deve ser a atitude, possivelmente, do poder público no que se refere à segurança.

A partir disso, argumentamos, em conformidade com Maingueneau (2004), que, como vimos, incorporamos determinados traços, inseridos no plano microtextual, na constituição da enunciação, os quais produzem efeitos no modo de apresentação e apreensão do discurso, no plano macrotextual. A confluência desses planos possibilita a identificação de “um tom que dá autoridade ao que é dito” (MAINGUENEAU, 2004, p. 98).

De modo contrastivo, vejamos três manchetes do jornal *Meia Hora*. Atentemo-nos para o modo como esse jornal reconstruiu o fato da criminalidade em suas manchetes, assim como também para os efeitos de sentido assumidos que marcam a construção de um caráter e de uma corporalidade nesses enunciados.

Quadro 5 – Meia Hora – 10/08/2016, grifo nosso

<u>GAROTA CORREU MAIS QUE O BOLT!</u>		
<u>PRIMA METE</u> CELULAR DE EQUIPE DO JUDÔ E <u>DÁ</u> 'WAZARI' EM COPA		
Gringo que ganhou medalha vai atrás da moça e acaba na delegacia		
Finalidade	Satirizar uma ocorrência criminal	Esta manchete contextualiza uma ocorrência criminal ocorrida em Copacabana. Relata-se uma transgressão à lei provocada pela subtração de um celular de um componente de uma equipe estrangeira de judô. Por meio do pressuposto que há subtração de celular no bairro, o enunciado anuncia o ocorrido entrelaçando traços jocosos ao fato da subtração do pertence.
Estatuto dos enunciadores	Enunciador engraçadinho	Os traços jocosos mostram-se como um fator recorrente nas manchetes do <i>Meia Hora</i> . O enunciador (i) compara a

		<p>agilidade do sujeito que subtrai o celular com a rapidez do atleta jamaicano, (ii) recupera vozes ambíguas com o uso do verbo meter; (iii) e ainda constrói efeitos jocosos com o neologismo “wazari”, que parece construir tanto relação com um golpe quase perfeito em uma luta de judô, quanto ao azar da descoberta da subtração pelo vitimado, fazendo-o chegar à delegacia com o objetivo de resolver o problema. De outro lado, a referência à vítima é construída por meio do grupo a que pertence: “equipe de judô” e “gringo que ganhou medalha”. Esses traços contribuem para uma imagem de enunciador engraçadinho, construindo rótulos e envolvendo dualidade semântica em suas produções.</p>
Organização textual	Ênfase discursiva no ato transgressor	<p>O enunciado anuncia a ocorrência criminal em Copacabana por se referir, em primeiro plano discursivo, à transgressora que subtrai o celular do judoca estrangeiro. O verbo <u>meter</u>, materializado para referir-se à ação de subtração, resgata conotações ambíguas que parecem dialogar com sua atuação profissional. Essa conotação parece reforçar uma visão preconceituosa e discriminatória quanto às profissionais, uma vez que parece cristalizar o ato criminal à imagem da profissão de modo generalista.</p>
	Comparação e duplo sentido	<p>Em “<u>garota</u> corre mais que o Bolt”, a palavra destacada carrega um sentido diferente do que habitualmente a palavra possui, possivelmente também se referindo à profissional do sexo. Esse entendimento é ratificado por meio do correferente “prima”, que resgata, no uso informal da língua, a menção a essas profissionais. Acentua-se, com isso, de acordo com Bakhtin (2003), a marcação de um discurso polifônico, à medida que a este enunciado estão recuperadas fontes enunciativas do contexto discursivo popular, ao conceber a profissional do sexo. Para o autor, a linguagem é necessariamente polifônica e dialógica, uma vez que a todo</p>

		tempo recuperamos inumeráveis enunciações anteriores. Além disso, o enunciado compara velocidade praticada pela transgressora para fugir com o celular e a velocidade do atleta jamaicano Bolt praticada nas pistas de corrida, construindo um tom jocoso na manchete. Além disso, o tom também se reforça por meio das construções “mete o celular” e “dá wazari”.
--	--	---

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Quadro 6 – Meia Hora – 14/07/2016, grifo nosso

<p>ATORES VÃO TER QUE SOLTAR <u>A LÍNGUA NA DP</u> <u>AFOGARAM</u> <u>O GANSO NA PRAIA</u> <u>COM AREIA E TUDO!</u></p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block; margin-left: auto; margin-right: auto;">Deu pau na filmagem!</div>		
Gravação de filme de sacanagem no Recreio vira polêmica, e polícia dá dura em produtora		
Finalidade	Satirizar uma ocorrência criminal	Esta manchete contextualiza uma cena de atentado ao pudor em local público, em decorrência da gravação de um filme para adultos. Ao relatar o ocorrido, promove-se um tom humorístico ao inter-relacionar a ação criminal com o ato sexual praticado. Anuncia-se tanto o ato de sexo explícito na praia do Recreio, quanto à atitude da polícia ao repreender o evento.
Estatuto dos enunciadores	Enunciador engraçadinho	A imagem de um enunciador dúbio é produzida por meio das construções linguísticas empregadas. As escolhas parecem favorecer sentidos duais, por exemplo: “soltar a língua”, “afogaram o ganso”, “dá dura”, “deu pau na filmagem”, o que contrasta o evento noticioso com o ato sexual praticado. Essas pistas discursivas apontam para a imagem desse enunciador. À medida que são produzidos sentidos ambíguos no plano discursivo, o enunciador parece construir um tom humorístico a essas manchetes.
Organização textual	Ênfase na atividade transgressora	Na construção do enunciado, mescla-se o sentido de transgressão à lei com os efeitos decorridos em uma cena de sexo. Notemos, por exemplo, que “soltar a língua na DP”

		tanto pode fazer alusão a sexo oral, quanto relatar sobre a ocorrência na delegacia.
	Duplo sentido	A materialidade linguística aponta traços de duplo sentido, produzindo uma imagem de enunciador engraçadinho, aquele que faz uso de jogos linguísticos atrelados ao universo sexual.

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Quadro 7 – Meia Hora – 03/09/2016, grifo nosso

<p>ESTUPRADOR DE PROSTITUTAS É PRESO CAÇADOR DE PRIMAS DA QUINTA CURTE A SEXTA-FEIRA NA CADEIA</p> <p>Vítima contou que maníaco a espancava, lia a Bíblia e ouvia ópera durante o abuso sexual</p>		
Finalidade	Satirizar uma ocorrência criminal	Esta manchete anuncia a prisão do estupro em decorrência de agressões cometidas a prostitutas. No entanto, a construção parece produzir um subentendido quanto à condição desse agressor: um desequilibrado mental. O agressor é aquele que caça, que tem mania de espancar e de impor não só a leitura da Bíblia, como também a audição de ópera durante o abuso sexual.
Estatuto dos enunciadores	Enunciador engraçadinho	O sujeito reconhecido como “estuprador de prostitutas”, por correferência (MAINGUENEAU, 2004, p.180), também é assumido como “caçador de primas da Quinta”. Nesse sentido, são construídos sentidos semelhantes no campo semântico designado: a ação de estupro e a de caçar parecem ter equivalência. Dessa maneira, a construção possibilita um subentendido que reconhece as agredidas da Quinta como “caça” desse agressor. Isso nos parece projetar, novamente, um sentido depreciativo e cristalizador a essas profissionais. Além disso, a vítima é rotulada como uma parte separada dentre um grupo mais amplo de mulheres, a

		<p>classe profissional das prostitutas. Notemos que essas mulheres agredidas sexualmente por esse agressor estão marcadamente sendo caracterizadas por meio do lugar social que ocupam, o de prostitutas. É importante a indagação diante da carga semântica recuperada para a produção deste enunciado. Que tipo de sujeito é o caçador? O que ele caça? Concebemos que, normalmente, um caçador é um sujeito que vai à procura de animais. Nesse caso, por analogia, ao dizer que esse sujeito que estupra é caçador, o efeito discursivo produzido concebe como presa o que ele vai caçar, as prostitutas, no caso. Diante disso, a designação atua na cristalização e estabilização do sentido de quem é caçada: as prostitutas. Dessa forma, o discurso produzido parece sugerir a reafirmação do lugar delas como presas, produzindo um tipo de humor negro.</p>
<p>Organização textual</p>	<p>Ênfase na atividade transgressora</p>	<p>O enunciado enfatiza a ação praticada, a de estuprar e caçar prostitutas. O entorno da Quinta da Boa Vista tem sido um ponto de encontro escolhido por muitas profissionais do sexo, talvez por razões estratégicas para se conseguir clientes. Trata-se de um local bastante arborizado, pouco movimentado por pedestres e pouco iluminado. É comum nesse entorno encontrar profissionais do sexo com idade mais avançada. Por isso, e por ser um ponto da cidade mais perigoso, os serviços, normalmente, têm um custo mais baixo, se comparado com o de outras áreas da cidade, como, por exemplo, a Zonal Sul. A partir disso, é possível considerarmos a possibilidade de um jogo linguístico construído pelo jornal, o que, espantosamente, pode provocar subentendidos, conforme Ducrot (1987, p.17-25), negativos a essas profissionais que atuam nesse local: “primas da quinta” – posição, categoria, escala, hierarquia.</p>
	<p>Ironia</p>	<p>Por meio do uso do verbo curtir, é possível perceber o que Maingueneau (2004, p.174) entende por subversão da própria</p>

		<p>enunciação. Nesse contexto, o verbo apresenta conteúdo semântico oposto ao seu sentido dicionarizado. Esse sentido divergente se constrói por meio da ironia, imbuindo uma carga negativa aos seus momentos vindouros, já que o sujeito está preso. O contexto discursivo parece apontar que o agressor curtiu o estupro na quinta, e agora curte a cadeia na sexta, o que parece produzir um tom de deboche.</p>
--	--	--

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

A análise das manchetes dos jornais estudados, que partiu de uma perspectiva micro para uma ótica macrotextual, nos indicou de que modo são produzidas imagens discursivas que apontam para o tom incorporado nos textos analisados. Paralelamente, essas imagens nos instigaram a percepções distintas da criminalidade assumidas nos jornais estudados, o que nos faz construir efeitos significativos no plano da leitura.

Conforme vimos, de um lado, o *Crônica* tende a questionar e/ou problematizar a criminalidade, cobrando uma medida que preserve direitos. De outro, o *Meia Hora* tende a satirizar o ato criminal, com vistas à produção de ênfase na ocorrência e em efeitos de duplo sentido. Ou seja, relata-se o fato noticioso, construindo, evidentemente, posicionamentos por meio de suas escolhas, mas não os questionando.

Vejamos a sistematização do tom produzido nesses textos:

- Concluimos, por meio das manchetes do *Crônica*, um tom que aponta para uma *imagem denunciativa*, o que não se mostrou no *Meia Hora*. Os enunciados analisados parecem traçar uma marca de reclamação de direitos e demonstram insatisfação social quanto à insegurança. As manchetes expostas produziram um perfil diante da criminalidade: a problematização do fato criminal, a não concordância com a impunidade e o posicionamento ativo no sentido de cobrar segurança pública.
- Concluimos, por meio das manchetes do *Meia Hora*, um tom que aponta para uma *imagem expositiva* diante da criminalidade. Os eventos criminais parecem promover uma explanação sobre uma ocorrência criminal. Os enunciados analisados parecem traçar um perfil humorístico ou debochado ao se referir a uma ocorrência criminal.

Como vimos, essas manchetes não se destinam unicamente ao plano informacional, conforme o senso comum. Elas, além disso, assumem também um perfil que cobra direitos sociais, que promove reflexão diante do legítimo papel do cidadão e do Estado e que constrói evidência para o fato da criminalidade, em alguns casos, com valor humorístico, *sendo necessária uma leitura crítica que inter-relacione a materialidade textual e a sua instância social*. Quanto a isso, em um contexto de ensino e aprendizagem, sugere-se a construção dessas problematizações discutidas, com vistas à formação crítica do alunado. Ao reconstruirmos laços discursivos no plano da leitura, permitimo-nos ir além das fronteiras superficiais dos textos, para explorar caminhos mais amplos que possibilitam um repensar, um posicionamento ativo diante de textos.

Além disso, a leitura que produzimos por meio dessas manchetes, que alcança limites macrotextuais, nos resgata do lugar de leitores planos, para o lugar de sujeitos transformadores de nossa realidade. O questionamento dessas pistas materializadas no texto promove progresso, sendo um caminho possível de contribuições para uma leitura crítica, não tomando o posto como um fim estático, tal como se imaginava uma visão representacionista da linguagem. Ao contrário, a problematização e a leitura dos implícitos, diante do contexto construído, aponta para caminhos possíveis de desconstrução de ideias cristalizadas e de formação de uma consciência transformadora e humanista.

3.2 Eixo 2 – Pistas que apontaram para o ato da justiça pelas próprias mãos

Quadro 8 – Crônica – 02/06/2016, grifo nosso

<u>SE CANSÓ Y LE VOLÓ LA CABEZA</u> A SU EX YERNO		
<u>Un individuo asesinó salvajemente a un joven, de 27 años, para impedir que vuelva a acosar a su hija, con quien había mantenido una relación amorosa. El homicida está prófugo y es intensamente buscado por la policía.</u> ¹²		
Finalidade	Explicar uma ocorrência	A construção “se cansó y le voló la cabeza a su ex yerno” indica como pressuposto que o sujeito infrator vinha não

¹² Cansou e estourou a cabeça do ex-genro. Um indivíduo assassinou de modo selvagem um jovem de 27 anos, para impedir que voltasse a abusar de sua filha, com quem o jovem tinha mantido uma relação amorosa. O homicida está foragido e é intensamente buscado pela polícia.

	criminal	admitindo seu genro até que, em um dado momento, se farta e, por isso, age criminalmente. Nesse sentido, subentende-se que o relacionamento não tinha aprovação e que o assassinato foi causado pelo entendimento de insistência do genro. Isso parece, discursivamente, explicar as razões do crime. Além disso, está posto que o assassinato tinha como finalidade impedir o abuso sexual.
Estatuto dos enunciadores	Enunciador juiz	O enunciador parece assumir uma imagem de juiz à medida que a materialidade textual tende a reconhecer o assassinato como resultado do enfadamento do pai, a partir da moléstia por parte genro. Ou seja, há a marcação de um posicionamento na construção “se cansó y le voló la cabeza” que produz explicação sobre o fato. Somado a isso, a marcação “ex yerno” também aponta para o reconhecimento do enunciador sobre o sujeito assassinado. Em conformidade com Orlandi (1998, p.73), entendemos que somos sujeitos políticos inerentemente e, por isso, no ato de enunciar produzimos escolhas e construímos posicionamentos. Por essa razão, os contextos não são dados, mas construídos.
Organização textual	Ênfase na produção de justiça	Notemos um encaixamento significativo no enunciado: a oração subordinada substantiva objetiva direta se encaixa dentro da subordinada adverbial final reduzida de infinitivo: [“para impedir”] [“que vuelva a acosar a su hija”]. Esse encaixamento não apenas constrói o objetivo do assassinato, mas, discursivamente, também explica que o ato foi decorrente do abuso sexual que a filha do infrator sofria. Ou seja, parece que um sujeito só transgrediu a lei por defender a sua filha do sujeito infrator que foi assassinado. Notemos, no plano discursivo, que foi este quem “había mantenido una relación amorosa”, o que projeta o subentendido que a filha foi seduzida pelo sujeito que foi morto, o que também aponta para posicionamentos

		que justificam o etos do enunciador.
	Causa e consequência	O enunciador, pois, parece construir essa personalidade que decide sobre um fato noticioso. Por meio do advérbio “ <u>selvajemente</u> ”, constrói-se na materialidade textual um julgamento enunciativo quanto ao assassinato e, ainda, por meio dos efeitos discursivos produzidos pela escolha, por exemplo, dos verbos “ <u>se cansó</u> y le <u>voló</u> la cabeza”, produz-se nesse enunciado uma relação de causa e consequência que tendem a explicar a ocorrência criminal.

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Quadro 9 – Crônica – 03/08/2016, grifo nosso

<u>JUSTICIA POR MANO PROPIA CONTRA ABUSADOR</u>		
<p><u>Los vecinos</u> casi asesinan a un vendedor ambulante por manosear a una nena de 12 años. La policía llegó justo y lo rescató del linchamiento. Quedó en libertad, porque la madre de la víctima no quiso hacer la denuncia¹³</p>		
Finalidade	Explicar uma ocorrência criminal	O fragmento “justicia por mano propia contra abusador” parece construir uma justificativa: o ato tinha como alvo um abusador. Pressupõe-se que pelas próprias mãos é possível fazer justiça. Essa explicação nos parece indicar que abusador deve ter como consequência de seus atos a justiça pelas próprias mãos: o linchamento.
Estatuto dos enunciadores	Enunciador juiz	A imagem de um enunciador juiz parece se produzir pelas escolhas linguístico-discursivas. O fragmento “por manosear a una nena de 12 años” é a causa para seu quase assassinato. Em seguida, constrói-se uma imagem da polícia, aquela que impediu o linchamento, mas que não pode prosseguir em função da não denúncia da mãe da vítima de 12 anos. Nesse contexto, no plano discursivo, chocam-se duas extremidades: de um lado, justiça pelas próprias mãos e seu impedimento por parte da polícia e, de outro, a liberdade do abusador. Está

¹³ Justiça com as próprias mãos contra abusador. Os vizinhos quase assassinam um vendedor ambulante por apalpar uma garotinha de 12 anos. A polícia chegou na hora e o resgatou do linchamento. Ficou em liberdade, porque a mãe da vítima não quis denunciar.

		pressuposto que houve um crime de abuso sexual contra a menor e subentende-se disso que a justiça não foi alcançada nem pelas próprias mãos, nem pela denúncia da mãe da vítima. Esses implícitos, pois, contribuem para construção discursiva do etos do enunciador que produz juízos sobre o que seria produzir justiça.
Organização textual	Ênfase na produção de justiça	Conforme o exposto, a organização textual parece circundar o contexto de se produzir justiça. O enunciado explica a razão da justiça pelas próprias mãos por evidenciar que se trata de um abusador. O ato de dizer que a polícia resgatou o “abusador” do linchamento, abre o pressuposto de que isso estava por acontecer, não fosse a atuação da polícia. Além disso, subentende-se que a justiça não foi alcançada, tanto porque não houve o linchamento, quanto porque ele permaneceu em liberdade.
	Causa e consequência	Tanto a causa do ato criminal cometido pelo infrator quanto a consequência desse ato parecem se apresentar como marcas linguísticas que apontam para a explicação de um tom justiceiro, da necessidade de justiça, inclusive pelas próprias mãos, já que se trata de um abusador.

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Quadro 10 – Crônica – 24/07/2016, grifo nosso

FUSILÓ A SU PADRASTRO <u>POR DEFENDER A SU MADRE</u>		
Pibe de 14 años se hartó del hombre , <u>que le hacía vivir un calvario a su progenitora</u> . La policía llegó al lugar, incautó la escopeta calibre 16 y luego la <u>Justicia tuvo que dejarlo libre</u> porque es “inimputable” al ser menor. ¹⁴		
Finalidade	Explicar uma ocorrência criminal	Uma vez mais, o enunciado noticioso parece justificar a necessidade de um ato criminal. Neste caso, trata-se do assassinato do padrasto para defender a mãe. Subentende-se (i) que houve agressão à mulher, (ii) que

¹⁴ Fuzilou seu padrasto para defender sua mãe. Rapaz de 14 anos se cansou do homem que fazia sua mãe viver um calvário. A polícia chegou no lugar, confiscou a escopeta calibre 16, e em seguida a justiça teve que deixar o garoto solto porque é “inocente” por ser menor.

		era recorrente e (iii) que a agredida não conseguia sair do lugar de passividade em relação às agressões do marido. Em função disso, esse crime provoca outro: o assassinato do agressor pelo filho da agredida, a fim de defendê-la, de livrá-la do sofrimento. Ou seja, um crime é consequência de outro; se explica pelo outro, de modo que parece se fazer pertinente a justiça se dar pelas próprias mãos.
Estatuto dos enunciadores	Enunciador juiz	O fragmento “luego la Justicia tuvo que dejarlo libre” parece declarar o êxito do crime cometido pelo menor, produzindo o subentendido que a justiça pelas próprias mãos foi bem sucedida, que o problema chegou ao fim. Em outras palavras: o agressor foi morto, o menor não foi responsabilizado. Isso parece nos dar pista para a construção de um enunciador juiz, ao passo que justifica um crime pelo outro e que parece produzir, discursivamente, que o caso foi resolvido diante das ações praticadas.
Organização textual	Ênfase na produção de justiça	Diante do enunciado, o assassinato parece ter produzido justiça, porque a mulher se livrou das agressões do marido. De outro lado, a partir do enunciado, àquele infrator não lhe restaria nenhuma medida, pelo fato de ser menor e pela defesa de sua mãe. Essa ideia de ausência de uma medida legal contra o menor parece ser reforçada por meio do fragmento “luego la Justicia tuvo que dejarlo libre”. Essa construção “tuvo que dejarlo” parece resgatar a ideia de que, embora alguma medida legal devesse ter sido tomada quanto ao menor, nada pôde ser feito, o que parece fomentar uma imagem anti-heroica.
	Causa e consequência	Por fim, a relação causa e efeito assume especial destaque também nesta manchete. Assim, a causa de um crime é consequência para que ocorra outro, na tentativa

		de se produzir justiça, ainda que seja pelas próprias mãos. Com vimos, o segundo crime se fez justificável em função do primeiro.
--	--	---

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Quadro 11 – Meia Hora – 17/06/2016, grifo nosso

<p>DA ROCINHA PARA O PRESÍDIO DE BANGU</p> <p>PUDIM DE</p> <p>CACHAÇA</p> <p>ENFIA A</p> <p>FACA NA</p> <p>ESPOSA E</p> <p><u>LEVA COCA</u></p> <p>Covardão <u>passa a tarde na mangaça</u> e ataca a mulher na frente do filho dela, de 4 anos</p>		
Finalidade	Explicar uma ocorrência criminal	Esta manchete parece assumir um perfil semelhante às recorrentemente encontradas no <i>Crônica</i> . Noticia-se um fato: a agressão com faca à esposa cometida por um sujeito alcoolizado. O posicionamento de ênfase quanto a seu estado de embriaguez, reconhecendo-o, inclusive, diante do rótulo “pudim de cachaça”, provoca como pressuposto que a causa do esfaqueamento parece recair sobre o álcool ingerido.
Estatuto dos enunciadores	Enunciador juiz engraçadinho	Além da explicação quanto às razões da ocorrência criminal, a construção “Da Rocinha para o presídio de Bangu” demonstra um posicionamento debochado de um enunciador que constrói, pelo próprio ato de enunciação, uma imagem daquele que julga. Os rótulos “pudim de cachaça” e “covardão” tanto marcam um julgamento realizado, como também parecem apontar a causa do seu ato de agressão a sua mulher.
Organização textual	Ênfase na produção de justiça	Coloca-se em evidência o agressor que ataca sua esposa na frente do filho dela de quatro anos. Segundo o texto, por justiça diante do seu ato de “covardia”, decorre-se disso não apenas sua prisão, mas também a coça levada, o que parece reafirmar o tom de justiça pelas próprias mãos.

	Causa e consequência	A manchete enfatiza, pelo menos, duas relações de causa e consequência que tendem a reforçar a ideia de justiça pelas próprias mãos. São elas: (i) a bebida parece ser a causa que gera como consequência o “covardão” esfaquear sua esposa; (ii) o esfaqueamento gera como consequência a necessidade de que esse agressor leve uma coça. Ou seja, agressão pela agressão, a coça se explica em função da agressão anteriormente realizada contra a esposa. Por isso, em decorrência desses fatos, tem-se como consequência sua prisão em Bangu.
--	----------------------	---

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Conforme o exposto, este enunciado recorre a um uso metafórico que recupera, nas vozes informais da periferia do Rio de Janeiro, aquele que é impregnado de cachaça: o alcoólatra que, tal como o adocicado é inerente ao pudim, tem em si o odor e os efeitos da cachaça de modo entranhado.

A referência a pudim, dessa forma, produz efeito de sentido outro, o qual só se constrói discursivamente. Pudim de cachaça, fora desse contexto que caracteriza o agressor, não teria, pois, o mesmo sentido do que é produzido nessa construção. O que poderia significar “doce feito de cachaça”, nesse contexto, passa a ser o rótulo linguístico que possibilita a caracterização ou o reconhecimento do agressor como um dependente do álcool: “pudim de cachaça”.

Diante disso, percebemos, em conformidade com Maingueneau (2004, p.20), que somente é possível entender o enunciado dentro de seu contexto discursivo. Daí nosso posicionamento de que a língua não tem uma função meramente representacionista. Se assim fosse, se nós apenas representássemos o mundo por meio do sistema linguístico, estaríamos atribuindo um valor instrumental à língua. Ou seja, com “x” mais “x” se faz 2x.

Opostamente a tal concepção, assumimos que os efeitos de sentidos são produzidos a partir de outros já ditos (SOARES; MIRANDA, 2009, p.45-46), os quais não são fins estaques e estáticos, mas são construídos, recuperados ou readaptados no momento da interação. Da mesma forma que uma engrenagem produz uma força motriz capaz de produzir movimentos, acreditamos que os sujeitos, necessariamente, projetam em seus enunciados os engajamentos discursivos outrora vivenciados. E somente mediante essas idas e vindas, quer consciente, quer inconscientemente, que produzimos efeitos de sentido.

Sendo assim, esse sujeito agressor é caracterizado como o cachaceiro e o álcool se mostrou como uma das causas que parece ter motivado seu ato agressivo. No entanto, caberia à cachaça, ou aos efeitos dela, a sustentação para a ação de enfiar a faca na esposa? A responsabilidade estaria na cachaça ou na ação do agressor? É possível notar que o enunciado produz um sentido de “desresponsabilização” ao homem agressor. E isso é uma marca de posicionamento que, inerentemente, se produz no discurso. Parece estar na cachaça a motivação para enfiar a faca na esposa. Percebemos que é o efeito da bebida que se sobressai na manchete, como se o efeito da cachaça que possibilitou o ocorrido e não um ato realizado e escolhido pelo sujeito agressor.

Quadro 12 – Meia Hora – 06/07/2016, grifo nosso

SERÁ QUE A PRIVADA ENTUPIU? <u>CORNO DECEPA</u> <u>ESTROVENGA</u> <u>DO RICARDÃO,</u> <u>TACA NO VASO</u> <u>E DÁ DESCARGA</u> Mesmo cotó, <u>garanhão pediu desculpas ao ciumento pelo chifre</u>		
Finalidade	Explicar uma ocorrência criminal	Nesta manchete, explica-se que a traição foi a causa da agressão por mutilação cometida. Relata-se a sucessão de ações desencadeadas em consequência do lugar de traído que se encontrava o, então, agressor, quem “decepa a estrovença do Ricardão”, “taca no vaso” e “dá descarga”.
Estatuto dos enunciadores	Enunciador juiz engraçadinho	Por meio da materialidade textual, constrói-se um etos de um enunciadador que burla o contexto trágico-dramático por meio do humor. O trecho “será que a privada entupiu?” é a marca jocosa que desconstrói o limbo entre traição e mutilação. Arelado a isso, sua imagem de juiz é possibilitada, talvez, em função das escolhas linguísticas utilizadas para caracterizar os sujeitos.
Organização textual	Ênfase na produção de justiça	Nesse caso, o sujeito agredido, em função do lugar de traído, deixa o lugar de vítima para ocupar o lugar de agressor justiceiro, conseqüentemente. De outro lado, inverte-se também o lugar daquele que fora tido como “garanhão”, passando ao lugar de “cotó”. Além dos rótulos

		que caracterizam tanto o sujeito traído quanto o sujeito que atuou na traição, que constroem posicionamentos significativos, o desfecho do ocorrido se fundamenta no pedido de desculpas, o que reforça a ideia de solução da ocorrência e, ao mesmo tempo, o sentido de justiça pelas próprias mãos como algo bem sucedido. Isso se trata de uma marca política de posicionamento, independente se consciente ou inconsciente.
	Causa e consequência	Dessa maneira, no plano discursivo, a traição e a mutilação são faces de um ato de justiça pelas próprias mãos, de modo que esta é consequência daquela. Percebemos, com isso, que a mutilação se justifica em função da causa: a traição. Subentende-se dessa construção, portanto, se não houvesse traição, talvez, o ato de decepamento não haveria ocorrido. Assim, a ênfase não se produz nos sujeitos agentes, senão nas ações praticadas pelos três envolvidos.

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Quadro 13 – Meia Hora – 12/10/2016, grifo nosso

<p><u>DANADINHO</u> TEM 69 ANOS E <u>APANHO</u> QUE NEM BOI LADRÃO <u>HISTÓRIA DE AMOR</u> ENTRE IDOSO E MULA <u>ACABA</u> <u>EM PORRADA</u></p> <p>Homem pula cerca de sítio pra <u>fazer saliência</u> com o bicho, mas <u>entra no pau</u></p>		
Finalidade	Explicar uma ocorrência criminal	Mais uma vez, a manchete contextualiza um fato de modo a promover a justiça pelas próprias mãos. A zoofilia é crime previsto na Lei de Crimes Ambientais (9.605/98). No entanto, explica-se a ocorrência criminal atribuindo ênfase à consequência sustentada pela agressão. Diante da manchete, desconhece-se o crime de agressão ao idoso para evidenciar a justiça pelas próprias mãos: “apanhou que nem boi ladrão”, “acaba em porrada” e “entra no pau”.
Estatuto dos enunciadores	Enunciador juiz	Muitas são as entradas linguísticas que constroem o valor de deboche à manchete. Por exemplo, “danadinho”, “que

	engraçadinho	nem boi ladrão”, “história de amor”. Ocorre, nesse caso, o que Maingueneau (2004, p.174) entende por subversão da própria enunciação. Essas escolhas constroem posicionamento que apontam para um julgamento. Além disso, no fragmento “homem pula cerca de sítio pra fazer saliência com bicho, <u>mas entra no pau</u> ”, o segmento opositivo marca também um posicionamento, produzindo a imagem enunciativa daquele que julga a medida aplicável à transgressão.
Organização textual	Ênfase na produção de justiça	Enfatiza-se a consequência do ato transgressor que se fundamenta na produção de justiça pelas próprias mãos. Nesse caso, em função do crime de zoofilia, justifica-se e/ou se destaca outro crime, mas que não é assumido como crime por se tratar de um ato que produziria justiça, segundo os subentendidos da manchete.
	Causa e consequência	Essa organização textual, pois, se sustenta na relação de causa e consequência, o que tende a justificar a produção de justiça embasada no estímulo agressor.

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Quadro 14 – Meia Hora – 13/07/2016, grifo nosso

<u>CASTIGO VEIO QUE NEM UM RAI</u>		
<u>LADRÃO CAI</u>		
<u>MORTINHO</u>		
<u>COM FAROFA</u>		
<u>EM ASSALTO</u>		
A IGREJA NA BAIXADA		
Bandido passa mal e empacota de repente quando roubava templo evangélico em Caxias		
Finalidade	Explicar uma ocorrência criminal	Essa manchete parece também objetivar evidenciar uma ocorrência criminal: o assalto que um sujeito cometera. Ademais, ao declará-la também aponta para a consequência desse ato. Isso produz pressupostos: (i) o ato de assaltar implica em castigo e (ii) a morte é um castigo.

Estatuto dos enunciadores	Enunciador juiz engraçadinho	Ao expor o ato criminal que o sujeito pretendia realizar, bem como ao declarar a consequência de seu ato, o enunciador se refere ao sujeito por designações que o caracterizam como ladrão e bandido. Ou seja, o ladrão/bandido parece merecer o castigo de morte. Essas pistas tendem à construção da imagem de enunciador juiz engraçadinho.
Organização textual	Ênfase na produção de justiça	Além disso, a materialidade textual parece organizar-se diante de um efeito de humor. O verbo <i>cair</i> , nesse contexto, parece se igualar a um verbo de ligação, caracterizando esse sujeito reconhecido como ladrão como aquele que <i>está mortinho com farofa</i> . Notemos, ainda, o efeito de humor produzido na escolha do verbo que se refere à sua morte: <i>empacota</i> . Assim, a produção de humor diante da morte parece, mais uma vez, apontar para uma banalização. Ou seja, a morte do “bandido” torna-se um castigo merecido e jocoso.
	Causa e consequência	Sendo assim, as escolhas implicam posicionamentos. As caracterizações que designam o sujeito apontam para reconhecimentos: o sujeito ladrão, bandido. Essas caracterizações enfatizam a ocorrência criminal: roubo/assalto a tempo evangélico em Caxias. Isso faz com que seja possível reconhecer o castigo como consequência desse ato criminoso.

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Conforme o exposto, a manchete anterior enfatiza o assalto a uma igreja, o que resultou como consequência do ato praticado o castigo que não tardou: a morte do sujeito. Essa consequência é colocada em evidência discursiva, como se resgatasse a ideia de que “bandido bom é bandido morto”. Ou seja, está pressuposto que a morte é um castigo. A morte do ladrão, desse modo, é naturalizada, como uma consequência comum e humorística. Em outras palavras, o enunciado parece produzir, uma vez mais, um tom justiceiro, que parece negar a vida ao “bandido”, construindo um caráter jocoso diante da morte e produzindo um

sentido avaliativo, apontando que o ato cometido gera castigo de morte sem demora, tal como um raio.

Essas ocorrências noticiosas, discursivamente, resultaram na naturalização da morte ou da agressão, tratando-a como uma consequência para o ato que viola a lei. No *Meia Hora*, correlaciona-se isso ao humor. Diante disso, percebemos implicações dessa naturalização da morte ou da agressão pela agressão como consequência de um ato criminal, visando ao processo de ensino e aprendizagem.

No plano da leitura, consideramos importante a discussão em contra desse pensamento que reconhece e enfatiza que a criminalidade possa ser combatida por uma justiça vinda das próprias mãos. Além do mais, discutir os implícitos construindo diante do humor, visto que tal posicionamento tende a produzir uma vitrine mercantil, sem problematizá-la.

3.3 Eixo 3 – Pistas que apontaram para a ênfase no evento trágico/chocante

Segundo Maingueneau (2004, p. 85), “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. O rastro de comoção construído nessas manchetes do Eixo 3 parecem apontar para cenas de enunciação. Construímos essa hipótese por meio da ênfase atribuída ao evento trágico, o que parece conduzir, talvez, à comoção como estratégia mercadológica. Maingueneau postula que os enunciados sejam compreendidos também a partir da articulação de diferentes cenas enunciativas: uma cena englobante, uma cena genérica e uma cenografia. Examinemos, por meio das manchetes a seguir, a articulação dessas cenas.

Quadro 15 – Crônica – 05/06/2016, grifo nosso

<p>LO MATAN FRENTE A SU FAMILIA</p> <p>Tres delincuentes armados lo asesinaron de cuatro balazos. <u>La víctima fatal</u> fue agredida en la casa que vivía con su esposa y sus hijos.¹⁵</p>

Disponível em: <https://www.cronica.com.ar> Acesso em: 05 de jun de 2016.

Além de informar a ocorrência noticiosa (cena genérica), o enunciado anterior pertence ao discurso jornalístico (cena englobante). Em articulação a essas cenas, a construção discursiva parece produzir um tom de comoção. Nesse sentido, soma-se a esse

¹⁵ Matam na frente da família. Três criminosos armados o assassinaram com quatro tiros. A vítima fatal foi agredida na casa em que vivia com sua esposa e seus filhos.

quadro cênico a cenografia, que invoca a garantia de outra cena de fala: uma espécie de reflexão comovente.

O leitor não é convidado apenas a ler o evento noticioso, mas também participa, imaginariamente, de uma reflexão que circunda o ato de um indivíduo ser morto, e, aliado a isso, o fato ter acontecido de modo chocante: na frente de sua família, com quatro tiros e na sua casa, onde vivia com sua esposa e seus filhos. Percebamos, pois, a construção de um contexto imaginário que enfatiza o trágico, mesclando-se à finalidade primária da manchete.

Nesse sentido, o fato de dizer, por exemplo, que o sujeito foi morto “frente a su familia” e “en la casa que vivía con su esposa y sus hijos” resgata uma cena que parece apelar para a sensibilização (cenografia), talvez como estratégia de venda. Essas pistas nos levam à construção de um enunciador comovente.

Diante disso, uma espécie de cilada parece ser construída quando o texto percorre esse caminho de leitura. A cenografia, pois, leva o quadro cênico a se deslocar para o segundo plano: o ato de atrair/chamar a atenção do maior número de leitores se construiria por meio da ênfase do trágico/chocante, o que produziria a sensibilização do público leitor, sendo, talvez, um caminho estratégico situado na comoção.

Quadro 16 – Crónica – 06/06/2016, grifo nosso

DEGOLLADA POR UN PAR DE MONEDAS

Encontraron el cuerpo de una **kiosquera salvajemente golpeado y tajeado** en el local instalado **en su propia vivienda**, en Vila Diamante. Los delincuentes dejaron junto al **cadáver un cuchillo de cocina** y se fugaron **con el dinero**.¹⁶

Disponível em: <https://www.cronica.com.ar> Acesso em: 06 de jun de 2016.

Nesta manchete, a ênfase que motivou o degolamento suscita o entendimento de que algumas moedas foram suficientes para que seu corpo fosse “selvajemente golpeado y tajeado”. Notemos a ênfase desse enunciador ao declarar o lugar de vendedora a que a vítima pertencia; ao declarar ainda que o local em que ela se instalava para vender era dentro de sua própria casa, em Vila Diamante; que o ato criminal se processou “selvajemente”. Essas marcas apontam para o necessário posicionamento do enunciador, implicando um processo de enlaçamento paradoxal.

¹⁶ Degollada por algumas moedas. Encontraram o corpo de uma vendedora de jornais brutalmente espancado e esfaqueado na barraquinha montada na sua própria casa, em Vila Diamante. Os criminosos deixaram junto do cadáver uma faca de cozinha e fugiram com o dinheiro.

Assim, notemos que, ao quadro cênico do texto, é inserido também um efeito semelhante de comoção diante do fato noticioso narrado. Esta manchete não deixa de cumprir sua finalidade enquanto tal, mas, além disso, outra cena parece se mesclar à primeira. Trata-se de um apelo no plano discursivo que tende a evocar uma situação de fala situada em um contexto comovente.

A cenografia implica, desse modo, um processo de *enlaçamento paradoxal*. Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia é *ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra*; ele legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la (MAINGUENEAU, 2004, p. 87).

Desse modo, o leitor se informa sobre um evento noticioso ocorrido, mas, além disso, a cenografia que se produz por meio dessa construção discursiva projeta um espaço que atrai/chama a atenção por meio da comoção, das escolhas que evidenciam as marcas de uma trágica ocorrência criminal.

Quadro 17 – Crónica – 10/09/2016, grifo nosso

LA VIDA NO VALE NADA

Tres asaltantes asesinaron **sin piedad al portero de una escuela**. La víctima había sido interceptada en la vía pública y, al intentar resistirse, terminó apuñalada. Uno de los responsables del **terrible crimen** tiene 17 años y fue detenido¹⁷

Disponível em: <https://www.cronica.com.ar> Acesso em: 10 de set de 2016.

Esse enunciado segue as normas impostas pelo gênero manchete: ele contextualiza o evento noticioso; constrói, nesse caso, lugar de vítima e agressor; contextualiza como e onde o fato se processou.

No entanto, por tudo que vimos defendendo, as manchetes desse Eixo 3 projetam uma cenografia que tende a comover o leitor. *Ou seja, mescla-se à teia informativa um enlaçamento que provoca uma reflexão comovente*. Isso é o que possibilita não apenas a informação, mas a participação, à medida que o enunciador se posiciona e convoca o co-enunciador a participar da reflexão sobre o assassinato do porteiro de uma escola de modo chocante.

¹⁷ A vida não vale nada. Três assaltantes assassinaram sem piedade o porteiro de uma escola. A vítima tinha sido parada na rua e, ao tentar resistir, terminou esfaqueada. Um dos responsáveis do terrível crime tem 17 anos e foi preso.

Paralelamente, vejamos como essa cenografia de venda da notícia através do apelo à comoção se constrói no *Meia Hora*.

Quadro 18 – Meia Hora – 08/07/2016, grifo nosso

**FILHO DE 8 ANOS DO CASAL ESTAVA NO BANCO DE TRÁS E VIU TUDO
EXECUTADO
NO SHOPPING**

Assassinos usavam camisas
com a inscrição “Polícia Civil”

Segurança é assassinado em estacionamento em Caxias, após sair do cinema com a família.
Esposa dele também foi baleada

Disponível em: <https://meiahora.ig.com.br/> Acesso em: 08 de jul de 2016.

A materialidade textual aponta a morte de um segurança por criminosos que usavam camisas com a inscrição da polícia. Ao evidenciar essa ocorrência criminal, o enunciado produz subentendidos: (i) o segurança e sua família eram procurados pelos criminosos; (ii) a cidade está violenta; (iii) um local com grande circulação de pessoas e com circuito de câmeras de segurança não intimida os assassinos; (iv) usar camisas com a inscrição da Polícia Civil poderia ser um recurso facilitador para os assassinos. Dessa forma, percebemos que sua finalidade primária é alcançada no quadro cênico do texto. Ao evidenciar essa ocorrência, o enunciatador relata a insegurança na zona.

No entanto, atrelado a esse plano discursivo que busca informar o leitor, evoca-se outro lugar de fala: a construção parece não apenas promover a exposição do acontecimento, mas também deixa rastros no enunciado de apelo à comoção: o fato de uma criança de 8 anos presenciar a morte do pai e também de a vítima ter saído para um momento de lazer em família. Notemos ainda que construir esses subentendidos é importante, porque parece produzir a necessidade de se manter informado na tentativa de escapar da violência. Parece haver também um lugar de fala que evoca um raciocínio: “conheça mais sobre o contexto violento em que vivemos para que não sejamos nós também a próxima vítima”. Esses traços fundamentam um contexto trágico e comovente que parece conduzir não apenas à informação, mas também à participação reflexiva dos enunciatadores, com vistas, talvez, a uma atividade mercadológica. Há, pois, um entrecruzamento de planos enunciativos que surge através dessa cenografia de venda da notícia por meio da comoção. Ou seja, produzir o sentimento de comoção do leitor para atraí-lo e, então, vender o produto jornalístico.

Somado a isso, vejamos que a organização sintática do enunciado de destaque omite o sujeito e o verbo auxiliar que compõe a locução verbal, e produz foco no segmento “executado no shopping”. Essa ênfase tende a expor a ação ocorrida: o ato de ser executado. A referência ao sujeito executado ocorre apenas na última etapa da manchete. Isso parece promover, portanto, uma ênfase discursiva na exposição da ocorrência criminal. Dessa forma, talvez exista a lógica de que quanto mais se evidencia o terror/trágico mais os leitores se sentirão comovidos à compra do produto.

Nesse contexto, o uso enfático do particípio “executado” aponta para um efeito: evidenciar o ato que resultou em uma morte, em um local público. Ao relatar esse fato, coloca-se em questão, de um lado, a insegurança social – talvez, nem tanto com a prerrogativa de combatê-la, mas também de alarmar os leitores objetivando a eixo mercadológico – e, de outro, o uso de camisetas com a inscrição da Polícia Civil pelos executantes. Além disso, nota-se que a referência à Polícia Civil foi realizada entre aspas, marcando, possivelmente, um desvio de sentido. Possivelmente, uma tentativa de marcar a falsidade dos assassinos, que tentaram ludibriar ou se disfarçar.

Nesse caso, percebemos um foco no evento trágico, a morte do segurança. A materialidade textual parece apontar, pois, um tom de comoção como estratégia de venda. Até aqui vimos nas manchetes do *Crónica* e do *Meia Hora* uma tentativa, possivelmente, de sensibilizar os leitores produzindo uma imagem que apieda a vítima. Nesse sentido, quanto mais sensibilizados ou alarmados ficam os leitores, mais parece crescer o conhecimento das tragédias e de seus efeitos, o que também parece aumentar a necessidade de se manterem informados, a fim de evitar ser a próxima vítima.

Vejamos, nesse caminho possível de raciocínio, que não nega outros, nem se qualifica como verdade absoluta, que as pistas na materialidade textual parecem apontar para cenas enunciativas:

- A cena de enunciação do discurso jornalístico, cujos parceiros se encontram reunidos com fim na informação (cena englobante)
- A cena de enunciação da manchete por intermédio da qual a comunidade editorial tende a atrair/chamar a atenção dos leitores para a notícia de maior destaque jornalístico (cena genérica)
- A cena de enunciação da venda, que constrói um contexto trágico e que comove o leitor, convidando-o a refletir e/ou conhecer mais sobre o evento noticioso (cenografia)

Quadro 19 – Meia Hora – 12/07/2016, grifo nosso

COVARDIA NO ENGENHO NOVO

**SOLDADO TROCA
PLANTÃO COM
COLEGA E VIRA
59º POLICIAL
EXECUTADO NO
RIO EM 2016**

Lotado na UPP do Lins, PM foi **atacado com tiro na nuca quando dirigia viatura**

Disponível em: <https://meiahora.ig.com.br/> Acesso em: 12 de jul de 2016.

Este enunciado afirma sobre o fato do crescente número de execuções de policiais no Rio e que essas mortes são assumidas como posições (*ranking*), produzindo os seguintes pressupostos ao evidenciar essa ocorrência criminal: (i) soldado se torna estatística de execução; (ii) policiais estão sendo executados. Isso parece objetivar a ênfase na ocorrência do ato criminal, o que resulta, como estamos argumentando, o plano informacional (quadro cênico) e o plano mercadológico (cenografia).

Ao evidenciar mais uma ocorrência de execução de policiais, produz-se uma designação que caracteriza o soldado como 59º policial executado. A morte, desse modo, torna-se um número. Essa construção que produz um rótulo ao sujeito executado parece produzir também uma naturalização da execução, como mais um caso de violência frente a tantos outros. Daí a necessidade de se manter informado e, paralelamente, de comprar o produto jornalístico. A caracterização parece entrecruzar-se com um discurso de “apenas mais um dado estatístico”.

Tragicamente, a organização do enunciado destaca a posição do executado, fazendo com que a morte represente uma estatística, apenas. A ênfase parece consistir em declarar o crescente número de execução de policiais no Rio de Janeiro em 2016.

O fato de caracterizar o soldado morto por um número, talvez, produz um sentido de banalização da execução e de síntese de sua imagem pública de Policial Militar diante da posição entre os mortos. Ou seja, esse rótulo aponta para um posicionamento sobre o imaginário de Policial Militar e para uma recorrência que parece estar se tornado comum. Não percebemos a problematização do fato, senão a caracterização dos executantes como covardes.

Conforme o exposto, a morte parece se resumir a um dado quantitativo. Parece ser algo normal, como se estivéssemos todos acostumados, em virtude da recorrência, a casos

como esses, o que parece legitimar sua caracterização como 59°. Ao executado, parece haver o resgate de outras vozes que corroboram com o apontamento de que “virou só mais um dado estatístico”. Tem-se, com isso, possivelmente, um tom expositivo dos fatos, contribuindo para uma banalização da execução e, conseqüentemente, para um sentido de desprestígio à vida de um profissional que compunha o quadro da Polícia Militar, à medida que o designa como um número estatístico.

Quadro 20 – Meia Hora – 08/12/2016, grifo nosso

ADOLESCENTE DE 15 ANOS ESCONDEU CORPO EMBAIXO DA CAMA

NOVINHA DO MAL

MATA A MÃE COM

40 PEIXEIRADAS

Peste tacou fogo no cadáver e disse que fumaça era de celular que explodiu

Disponível em: <https://meiahora.ig.com.br/> Acesso em: 08 de dez de 2016.

Imaginemos que um leitor hipotético entre em uma banca, veja os jornais disponíveis e se depare com a manchete anterior. É possível que, após a leitura desta manchete, esse leitor (i) não produza enunciado em interação com o texto lido ou (ii) produza a partir das identificações genéricas, por exemplo, algum dos seguintes enunciados hipotéticos: *Nossa, meu Deus, que tragédia!; Como as relações estão violentas!; Temos que ficar atentos porque ninguém está livre de se deparar com uma peste dessas!; Gente, como ela pôde fazer isso com a própria mãe?; Tão nova e tão cruel!; E aí, será que ela está solta?; O que aconteceu com a novinha do mal?; De inocente essa menina não tem nada... Estava com muita raiva!; O que motivou um crime desse?*

Se, por exemplo, enunciados hipotéticos como esses (ou outros) viessem a ser produzidos, é provável que o texto tenha estimulado o interesse por maiores detalhes sobre essa ocorrência criminal. Se a manchete, de algum modo, atraiu a atenção de seus leitores, ficando esses interessados em conhecer mais sobre o evento noticioso, a manchete cumpriu sua finalidade enquanto gênero discursivo.

É possível que, após esse “chamariz”, de algum modo, um leitor hipotético A tenha se sentido satisfeito/informado com esse texto sintético. De outro lado, se o texto motivou a compra do jornal, um leitor hipotético B, talvez, tenha se sentido atraído por saber mais sobre o caso, comprovando ou não suas hipóteses iniciais, posteriormente, por meio da leitura integral da notícia, no interior do jornal.

Com efeito, estamos diante de, pelo menos, dois planos enunciativos: um mais imediato, o fazer divulgar com o objetivo de informar/compartilhar um evento noticioso local, e outro mais implícito ou estratégico, o fazer comover pelo acontecimento trágico com o objetivo de vender o produto jornalístico.

Observemos o encadeamento da cena de enunciação:

Adolescente de 15 anos > novinha do mal > peste

Matou > escondeu o corpo > tacou fogo no cadáver > dissimulou

Percebamos, pois, as escolhas linguísticas que não apenas informam, mas que também constroem posicionamentos e juízos sobre o ato de transgressão às leis. Sendo assim, o quadro cênico (cena englobante e cena genérica) tende à promoção da notícia, entrecruzada com a cena de enunciação da venda (cenografia) através do apelo à comoção trágica.

Nesse mesmo raciocínio, por fim, vejamos o processamento dos efeitos de sensibilização: a promoção, como notícia de maior destaque diário, do evento trágico e chocante.

Quadro 21 – Meia Hora – 07/10/2016, grifo nosso

SELVAGERIA EM NOVA IGUAÇU

**COVARDE É
POUCO... ELE
É MONSTRO!**

Demônio atropela e espanca a namorada no meio da rua. Depois, ainda se oferece na cara de pau pra ser acompanhante dela no hospital. Família só reconheceu a vítima por um sinal no pé

Disponível em: <https://meiahora.ig.com.br/> Acesso em: 01 de out de 2016.

Notemos que além de informar a agressão praticada à mulher, constroem-se posicionamentos: tanto a comoção ao lugar da vítima, quanto o julgamento do agressor como selvagem, covarde, monstro, demônio e dissimulado. Daí a impossibilidade de neutralidade que argumentamos, visto que todo ato enunciativo implica a necessária tomada de posicionamento, sendo, inclusive, a omissão um ato político.

Por tudo que vimos defendendo, acreditamos ser superficial entender o texto manchete com um simples instrumento que atrai com vistas à comunicação ou à informação noticiosa, em função dos efeitos implícitos que constroem tanto posicionamentos, quanto também uma atividade mercadológica, conforme defendemos.

Sendo assim, a pesquisa evidenciou que o quadro cênico (MAINGUENEAU, 2004, p. 87) da promoção informativa da notícia trágica parece se mesclar com o progressivo *enlçamento* do plano enunciativo da venda do produto jornalístico (cenografia). Essas cenas enunciativas validam a produção de um discurso de comoção/sensibilização, à medida que, implicitamente, está sendo produzido o convite à reflexão e/ou ao conhecimento mais profundo sobre o evento ocorrido, a partir da compra do produto jornalístico. Ou seja, atrelada à finalidade primária do gênero, a cenografia da venda da notícia através do apelo à comoção também se mostrou presente no plano dessa enunciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, produzimos discussões sobre a produção de sentidos em enunciados e seus efeitos discursivos. Reconhecemos que esse interesse não é restrito a determinadas linhas científicas, mas é próprio das relações humanas, dos atravessamentos de vozes anteriores e sucessoras.

Conforme defendemos, todos estabelecemos olhares críticos às produções languageiras, porque nos reconhecemos e nos construímos nelas e através delas. Não se tratou aqui de validar ou invalidar caminhos, mas de apontar possibilidades e, além disso, de produzir diálogos por meio de pontos de interseções ou afastamento.

Por entendermos que todos nos implicamos nessa teia, sem início ou fim estáticos, observável diante de diversos campos e a partir de traços de confluências e divergências, fez-se pertinente analisar construções e suas produtividades linguístico-discursivas em manchetes de jornais populares.

Com efeito, investigar, no campo discursivo da criminalidade, o processamento de manchetes do *Meia Hora* e do *Crónica* implicou ir além do contraste de estruturas linguísticas, bem como de afirmações unívocas. De outro modo, buscamos explorar caminhos possíveis, partindo de marcas linguísticas que nos permitissem argumentar sobre os laços discursivos e sociais vinculados à constituição desses textos que projetam ocorrências noticiosas.

Este estudo investigou, por meio da construção de três eixos de análise, (i) como sujeitos envolvidos em ocorrências noticiosas locais atreladas à criminalidade foram assumidos; (ii) de que modo se processavam discursivamente as implicações dessas caracterizações; (iii) de que modo esses enunciados cumprem sua finalidade de chamar a atenção do leitor para a notícia de maior destaque. Em resultado disso, propusemo-nos a discutir essas percepções analíticas como contribuições ao contexto de ensino e aprendizagem. As reflexões realizadas nos levaram aos seguintes resultados:

✓ Quanto às análises do Eixo 1

Os estudos realizados com os textos do *Meia Hora* e do *Crónica* apontaram recorrência, de um lado, de manchetes que construíam um tom humorístico e, de outro lado,

um tom denunciativo respectivamente. Esse entendimento no plano macrotextual foi possível a partir de pistas encontradas no plano microtextual, conforme os critérios defendidos:

Quadro 22 – Contraste entre os jornais

CRÓNICA	MEIA HORA
Finalidade: <u>Manifestar</u> uma ocorrência criminal	Finalidade: <u>Satirizar</u> uma ocorrência criminal
Estatuto dos enunciadores: Enunciador <u>cobrador de direitos</u>	Estatuto dos enunciadores: Enunciador <u>engraçadinho</u>
Organização textual: (i) Ênfase no infrator, transgressor, presença de pergunta retórica; (ii) Ênfase nos fatos que violam os idosos, presença de pergunta retórica; (iii) Foco no posicionamento ativo da população, Verbos que apontam posicionamento ativo (reclamam, pedem...)	Organização textual: (i) Ênfase discursiva no(a) ato/atividade transgressor(a), presença de comparação, duplo sentido e ironia.

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Conforme critérios adotados, só foi possível concluir uma imagem de manifestação, possibilitada por um tom denunciativo, nas manchetes do *Crónica*. Os enunciados analisados permitiram a observação de marcas de reclamação de direitos e demonstraram insatisfação social quanto à insegurança. As manchetes expostas produziram a problematização do fato criminal, a não concordância com a impunidade e o posicionamento ativo no sentido de cobrar segurança pública.

Em contrapartida, as manchetes do *Meia Hora* permitiram a conclusão de um tom humorístico que apontou para uma *imagem expositiva* diante da criminalidade. Os eventos noticiosos criminais pareceram promover uma explanação sobre a ocorrência, entrelaçando-a com traços jocosos e/ou dúbios. Esses enunciados não apenas projetam uma informação, mas, concomitantemente, uma espécie de entretenimento por meio de um contexto de humor.

Nesse sentido, acreditamos que permanecer no plano de oposição de palavras ou no aferimento de assertivas quanto à divulgação dos acontecimentos seria tomar o texto pelo texto, unicamente. De modo oposto a isso, *argumentamos a favor de ir além da materialidade textual, atrelando-a, indissociavelmente, a sua dimensão social*, conforme as considerações de Maingueneau (1997).

Nesse sentido, *a leitura das manchetes anteriores conjecturou a consideração do contexto, dos sujeitos envolvidos, da finalidade do texto, dos efeitos no plano do discurso, das imagens construídas na e pela linguagem, objetivando entender processos que permitissem*

construir um perfil possível diante das manchetes dos jornais estudados, o que não inviabiliza ou invalida outros.

✓ **Quanto às análises do Eixo 2**

Os estudos realizados com os textos do *Meia Hora* e do *Crónica* apontaram recorrência, em ambos os jornais, de manchetes que construía uma imagem de justiceiro. Produz-se um conceito de justiça destoante, do crime pelo crime, como se valesse tudo para se fazer justiça. Nesse sentido, um crime é capaz de produzir justiça frente a outro anterior, realizando-a pelas próprias mãos.

Quadro 23 – Traços em comum

CRÓNICA	MEIA HORA
Finalidade: Explicar uma ocorrência criminal	
Estatuto dos enunciadores: Enunciador juiz	Estatuto dos enunciadores: Enunciador juiz engraçadinho
Organização textual: Ênfase na produção de justiça, e nas relações de causa e consequência.	

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Concluimos, por meio das manchetes do *Crónica* e do *Meia Hora*, um perfil bastante semelhante. Identificamos uma concepção de justiça que tendem a inverter as leis sociais pelas “leis do homem”. Assim, pressupõe-se que pelas próprias mãos é possível produzir justiça. Isso chamou-nos a atenção para, talvez, a produção de uma imagem anti-heroica. Por meio da relação de causa e consequência, percebemos marcas que justificaram a presença de um enunciador juiz, aquele que produz juízos sobre o que seria produzir justiça.

Somado a isso, no *Meia Hora*, percebemos a intensificação de traços jocosos. Além disso, a construção de um posicionamento sobre a produção de justiça, que se mostrou embasado em um tom de deboche contra o agressor, justo o que nos possibilitou o entendimento de um enunciador juiz engraçadinho. Dessa forma, o enunciador, pelo próprio ato da enunciação, constrói a imagem daquele que julga sob a base de um tipo de humor, produzindo um etos daquele que burla o contexto trágico-dramático.

Dessa maneira, se os enunciados analisados parecem explicar um crime como consequência de outro anterior, recorrentemente, na tentativa de se produzir justiça, ainda que seja pelas próprias mãos, parece-nos ser necessário que continuemos a problematizar, no contexto da sala de aula, o conceito de justiça que se produz e o que a sociedade anseia. Acreditamos ser necessário desconstruir a naturalização desse tipo de justiça, que tende a

produzir um efeito de uma prática bem-sucedida. Argumentamos, pois, que um crime não pode se justificar por outro. Isso projeta a reafirmação da ideia de que é possível produzir justiça por si mesmo, por meio da agressão ou da morte. *Será que por esses meios a justiça se faria presente? Ou precisamos continuar a reivindicar maiores acessos e direitos à Educação que favoreçam o repensar e a diminuição dos índices de vulnerabilidade social? Com Soares (2010), acreditamos que precisamos seguir reivindicando políticas de segurança cujas prioridades sejam a vida, os direitos e as liberdades com equidade.*

✓ Quanto às análises do Eixo 3

Encontramos recorrência de marcas produzidas no discurso que tendem a enfatizar o evento chocante, com vistas, conforme argumentamos, à comoção/sensibilização. Assim, defendemos, por meio das manchetes do Eixo 3, a projeção de, pelo menos, dois planos enunciativos: (i) um mais imediato, o fazer informar com o objetivo de divulgar/compartilhar um evento noticioso local; (ii) outro mais implícito, o fazer comover por meio do acontecimento trágico com o objetivo de vender o produto jornalístico.

Quadro 24 – Cenas enunciativas

Cena englobante: A cena de enunciação do discurso jornalístico, cujos parceiros se encontram reunidos com fim na informação.
Cena genérica: A cena de enunciação da manchete por intermédio da qual a comunidade editorial tende a atrair/chamar a atenção dos leitores para a notícia de maior destaque jornalístico, construindo informação sobre uma ocorrência noticiosa.
Cenografia: Soma-se a esse quadro cênico, uma espécie de reflexão comovente. Trata-se da cena de enunciação de venda, que constrói um contexto trágico e que comove o leitor, convidando-o a refletir e/ou conhecer mais sobre o evento noticioso.
Plano A: Cena englobante + Cena genérica → Produção informativa
Plano B: Cenografia → Venda do produto jornalístico através do apelo à comoção

Fonte: MAINGUENEAU, 2004, p. 66-68.

Por meio das manchetes desse eixo, concluímos que o leitor não é convidado apenas a ler um evento noticioso, mas também a participar, imaginariamente, de uma reflexão no tocante ao trágico e ao chocante. Por meio das marcas linguísticas encontradas nessas manchetes, percebemos haver uma mescla entre o ato de comover e de informar. Essas pistas nos levam à construção de um enunciador comovente. Diante disso, uma espécie de cilada parece ser construída quando o texto percorre esse caminho de leitura: o ato de atrair/chamar a atenção do maior número de leitores se construiria por meio da ênfase do trágico/chocante, o que produziria a sensibilização do público leitor, sendo, conforme argumentamos, um

caminho estratégico da atividade mercadológica situada na comoção. Há, pois, um entrecruzamento de planos enunciativos que surge através dessa cenografia de venda da notícia por meio da comoção. Ou seja, produzir o sentimento de comoção do leitor para atraí-lo e, então, vender o produto jornalístico.

Sendo assim, esta pesquisa argumentou que somos sujeitos políticos e que, ao construir enunciados, produzimos posicionamentos explícita ou implicitamente. A partir disso, a produção de sentidos se concretiza por meio de escolhas que apontam para pautas políticas. Por isso que defendemos que contextos não são dados, mas sim construídos.

A leitura de caminhos convergentes ou divergentes nos possibilitou afirmar progresso à ciência, que não se tornou um conjunto de ideias indissociáveis, mas baseadas em premissas de retomadas, de confrontos e de avanços. É nessa medida que entendemos que só poderia existir questionamento diante de uma concepção política imediatamente anterior e, por meio desse embate dialógico, pode existir possibilidade de, em cada mudança, traçar novos planos, independentes se melhores ou piores, sem linearidade.

Por isso defendemos a necessidade de que o ensino dialogue com a realidade dos alunos, pensando em seus contextos sócio-históricos e culturais, e não se limite a trabalhos restritos às memorizações lexicais e às sistematizações gramaticais. Nessa perspectiva, a atuação no mundo, possibilitada por uma trajetória teórico-prática diante de gêneros, requer uma inserção passível de reflexão, desconstrução, reformulação, transformação. Esse atuar no mundo na e pela linguagem requer que leiamos as relações das quais fazemos parte, que construamos posicionamento, que ampliemos teias de diálogo. Através dessa prática leitora, reconhecida como um processo sócio-discursivo que se realiza num contexto enunciativo, é possível perceber a existência de outros laços discursivos em determinadas produções, reconstruindo os atravessamentos de vozes que os constitui.

Assim, aprendemos a somar ideias e não a rebatê-las meramente por serem diferentes das nossas. Isso é o que permite que nos situemos sobre quais são nossas pautas políticas e de que modo essas pautas nos afetam e nos transformam, para que escolhas sejam produzidas diante de bases democráticas, conscientes e éticas.

Ao construirmos esta pesquisa no campo discursivo da criminalidade, conseqüentemente, alimentamo-nos ainda mais do entendimento de que é necessário problematizar os direitos, sejam eles, por exemplo, à saúde, à educação, ao trabalho. Ademais, claro, alimentamo-nos também da necessidade de continuarmos a produzir questionamentos sobre as criminalidades e sobre os efeitos discursivos entrelaçados ao se falar dessas ocorrências criminais.

Defendemos, com isso, que esta pesquisa jamais poderia se encerrar nela, e esperamos que esta seja uma fonte impulsionadora para, em breve, outros diálogos que continuem a contribuir para a formação de cidadãos críticos, o que é – e precisa continuar sendo – um projeto de Educação. Assim, espera-se que esta reflexão seja percebida como estímulo para outros autores, a fim de que promovam com nossos aprendizes o espírito da criticidade, da criatividade, da autonomia e da transformação social, reconhecendo diversidades de posicionamentos diante dos fatos sociais.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, ano 4, n. 8, p. 84-135, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a05.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6. ed. melhorada e aumentada. Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1931] 1964.

ALTMAN, C. Didática da língua portuguesa e da literatura. In: _____. *Princípios gerais da linguística*. São Paulo: USP, 2011.

ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. A contribuição das políticas públicas na recente redução da pobreza e das desigualdades no Brasil. In: *Encontro da ABCP*, 7. 2010, Recife/PE, Rio de Janeiro: ABCP, 2010. v. 1. p. 1-25. Disponível em: <<http://cienciaparaeducacao.org/eng/publicacao/alves-j-e-d-cavenaghi-suzana-a-contribuicao-das-politicas-publicas-na-recente-reducao-da-pobreza-e-das-desigualdades-no-brasil-in-7-encontro-da-abcp-4-a-7-de-agosto-de-2010-recifepe/>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

AMARAL, M. Sensacionalismo: inoperância explicativa. *Revista de Biblioteconomia e Comunicação*, Porto Alegre, v. 9, p. 133-146, 2003.

_____. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Sensacionalismo, um conceito errante*. In: *Texto* (UFRGS. Online), Porto Alegre, v. 13, p. 01-13, 2005. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4212/4464>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

_____. *Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular?*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29. 2006, Brasília. *Anais do...* Brasília, 2006.

ANGRIMANI, D. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

ARANTES, P. C. C. *Imagens de leitores em jornais populares do Brasil e da Alemanha*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

_____. *Desconstruindo o imaginário sociodiscursivo sobre a opinião na imprensa popular*. In: WANDER EMEDIATO. (Org.). *A construção da opinião na mídia*. 1.ed. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p. 203-222.

_____. *Imagens de aprendizes de ALE em livros didáticos e o disciplinamento do saber*. *Pandaemonium Germanicum*, v. 21, p. 1-30, 2018.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1998.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, 261-306.

BENVENISTE, E. Saussure após meio século. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes, v. 1, p. 34-49, 2005a.

_____. Os níveis de análise linguística. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes, v. 1, p. 127-140, 2005b.

_____. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes, v. 1, p. 177-183, 2005c.

_____. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes, v. 1, p. 284-293, 2005d.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral*. Trad. Marco Antônio Escobar. 2. ed. Campinas: Pontes, v. 2, p. 81-90, 2006.

BISSACO, C. M. Pós-método: o importante papel da reflexão do professor nas escolas em sala de aula. *Travessias*, v. 9, n. 1, 23.ed., 2015.

BOHN, H. Os aspectos 'políticos' de uma política de ensino de línguas e literaturas estrangeiras. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 3, n. 1, p. 117-138, 2000.

BONINI, A. Página, seção, notícia, nota: critérios de identificação do gênero no jornal. *ABRALIN (Curitiba)*, Fortaleza, v.1, n.26, p. 616-618, 2003.

_____. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* v. 11, p. 679-704, 2011. (Impresso).

BRUM, A. M. de. *Da língua como instrumento de comunicação ao discurso*. Seminário de estudos em Análise do Discurso, 2005.

CAMPOS, R.S. *Poda mal dada deixa o Rio no escuro: um estudo discursivo sobre a construção de imagens de enunciador em manchetes dos jornais Meia Hora e Expresso*. 2013. 197 f. Dissertação (mestrado) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

COSTA, C. F. *Filosofia da linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 20 de novembro de 1923. Postulados da linguística. In: _____. *Mil Platôs capitalismo e esquizofrenia*, v. 2. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DEUSDARA, B.; GIORGI, M. C. Práticas de Linguagem como Atividade Social: o linguísta frente ao desafio de apreender a complexidade dos diferentes modos de habitar o mundo. *Revista Signum: Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 1, p. 75-92, 2008.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Ed. Pontes, 1987.

FERNANDES, N. M. *Desenvolvimento de habilidades de leitura de textos a partir da análise de pressupostos e subentendidos*. Almanaque CIFEFIL, v. 1, p. 1, 2007.

FIGUEIREDO, P. de; LUZ, C. R. M. *Prestação de Serviços nos Novos Jornais Populares: um estudo de caso do Meia Hora*. Intercom: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS, 2010.

FLORES, V. Efeitos da teoria saussuriana na teoria enunciativa de Émile Benveniste: sobre a noção de sistema. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL, 15., 2008, Montevideo. *Libro de Resúmes – Anais do...* Montevideo: ALFAL, 2008.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FURLANETTO, M. M. Gênero do discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2005, v. 1, p. 260-281.

GUATTARI, F. A transversalidade (1964). In: _____. *Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional*. Aparecida: Ed. Idéias & Letras, 2004.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S.. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUCHEM, A. Saussure, Benveniste e o objeto da linguística. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 36, 2008.

JUNIOR, D. V. C.; VILLELA, W. V. A polissemia do conceito de violência. *Boletim do Instituto de Saúde*. n. 33, ago. 2004. Disponível em: <<http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/ses-4283>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. Souza-e-Silva e Décio Rocha. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11-29.
- MELLO, J. G.. *Dicionário multimídia: jornalismo, publicidade e informática*. São Paulo: Ed. Arte e Ciência, 2002.
- MITTMANN, S. Nem lá, nem aqui: o percurso de um enunciado. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- MOTTA-ROTH; HEBERLE. O conceito de 'Estrutura Potencial do Gênero' de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D.; Bonini, A. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.12-28.
- MOUFFE, C. Identidade democrática e política pluralista. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Org.). *Pluralismo cultural, identidade e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 410-430.
- NEVES, C. E. A. B. Modos de interferir no contemporâneo: um olhar micropolítico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 56, n.1, p. 2-19, 2004.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas (SP): Pontes, 2003.
- _____. Discurso e argumentação: um observatório do político. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 73-81, jan. 1998.
- PARREIRA, M. S. A importância do pensamento de Saussure e da teoria de Chomsky para a Linguística Moderna. *Domínios de Linguagem*, v. 11, p. 1024-1044, 2017.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.
- PASSOS, E.; EIRADO, A. do. Pista 6: Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOCIA, L. da. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 109-130.
- PERLMAN, J. E. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- PIOVEZANI, C. Legados de Saussure para a análise do discurso: reflexões sobre a história da Linguística. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 37, 2008, p. 33-42.
- PINO, A. *Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo*. Educação e Sociedade, p. 763-785, 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 08 fev. 2018.
- PORTO, M. S. G. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 4, n. 8 – jul./dez. 2002.

ROCHA, D. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. *Linguagem em (Dis)curso (Online)*, v. 14, p. 619-632, 2014.

ROCHA, D.; DAHER, D. C. Afinal, como funciona a linguística aplicada e o que pode ela se tornar?. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 31, p. 105-141, 2015. (PUCSP. Impresso).

SÁNCHEZ, B. Trabajar con titulares: un llamado instigante. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 6., 2006, Rio de Janeiro. *Anais do...* Rio de Janeiro: Zit gráfica, 2006 p.24-29. (UERJ).

SANTOS, L. C. B. Saia do vermelho: um olhar dialógico em manchetes sobre finanças pessoais. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 11, n. 1, 2017.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

SOARES, A. M. de C. O acúmulo da violência e da criminalidade na sociedade brasileira e a corrosão dos direitos humanos. *RIDH - Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*, v. 2, p. 161-189, 2014.

_____. Violência, crimes e jovens empobrecidos. In: GEY ESPINHEIRA (Org.). *Sociabilidade e violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do subúrbio*. 1.ed. Salvador: UFBA, 2004, v. 1, p. 09-198.

SOARES, L. B.; MIRANDA, L. L. Produzir subjetividades: o que significa? *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (online), v.9, p.40-60, 2009.

SOARES, L. E. *Crime e preconceito*. Le Monde Diplomatique Brasil, agosto 2010. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

VARELA ORTEGA, S. Sobre las conexiones entre estrutura y significado en el dominio de la palabra. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, v. 24, p.209-239, 2001. ILLP/FLUC.

VILELA, M. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática de texto*. 2. ed., Coimbra: Livraria Almeida, 1999.

ANEXO A – Mapa Investigativo: tabela que contempla todas as manchetes, relacionadas com pistas analíticas, que tratam da criminalidade local

PERIÓDICO CRÓNICA – FIRME JUNTO AL PUEBLO	
<p>Meu recorte de análise privilegia manchetes que se referem a acontecimentos envolvendo sujeitos que não estão diretamente envolvidos com a grande mídia, que não são socialmente conhecidos/famosos. Busco entender como esses sujeitos são assumidos nos jornais populares Meia Hora e Crónica</p>	
<p>PISTA DA PROMOÇÃO DE UMA ATITUDE DE DENÚNCIA (5 manchetes)</p>	
<p><u>POLICHORROSEN ACCIÓN</u> <u>Dos uniformados</u> fueron detenidos por cometer asaltos. La víctima de uno de los ilícitos, dueño de una carpintería, se trenzó en lucha con un ladrón y logró herirlo a cuchilladas en el estómago. El efectivo está internado en grave estado. ¿Quién nos cuida?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Policías / asaltantes / infractores • Conflito entre vítima e agente infrator • O infrator ocupa o principal plano enunciativo. Retomadas designativas sobre ele. • Pergunta retórica que instiga uma ação no outro: denúncia
<p><u>¿QUIÉN DEFIENDE A LOS ABUELOS?</u> ALARMA POR REITERADAS ESTAFAS A JUBILADOS Bajo las distintas modalidades del cuento del tío, siete de cada diez adultos mayores caen en la trampa. Los casos más comunes y los nuevos trucos delictivos. Las claves para estar alertas y no terminar en las garras de estos estafadores</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Pergunta retórica que instiga uma ação no outro: denúncia • Contribuição social: combate a agressões contra idosos; alerta social contra roubos a aposentados
<p style="text-align: center;">VECINOS EN PÁNICO POR VENGANZA DE MOTOCHORROS</p> <p>Asesinaron a balazos a un joven, de 21 años, que trabajaba como delivery en una pizzería. <u>La víctima y sus familiares habían denunciado a los criminales, a quienes pretendían expulsar del barrio. La gente reclama justicia y el fin de la impunidad en la zona</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Combate público a motoqueiros assaltantes • Posicionamento ativo contra o crime e a impunidade no local • Intensificação de detalhes da vítima, possivelmente para construir uma imagem de pessoa honesta • Denuncia pública: “La gente reclama justicia y el fin de la impunidad en la zona” • Verbo: reclamar

<p>EXCLUSIVO-LA MATANZA TERROR A BORDO EN COLECTIVO DE LA LÍNEA 91 <u>Tres ladrones desvalijaron a los pasajeros</u> y luego <u>uno de los asaltantes</u> murió tras tirotearse con policías. <u>Los otros dos</u> lograron fugar. <u>Los usuarios reclamaron mayor seguridad</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Necesidade de implementação de medidas de segurança pública: “Los usuarios reclamaron mayor seguridad” • Denúncia pública • Verbo: reclamar
<p>GRAVE DENUNCIA CONTRA UNA CLÍNICA DE FLORES MALDITA CIRUGÍA ESTÉTICA <u>La víctima tiene 15 años y pelea por su vida</u> en el Hospital Álvarez. <u>Había sido mamá hace poco tiempo y pagó \$30.000 para retocarse el abdomen. Los familiares piden justicia y aseguran que la operaron sabiendo que era menor.</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Motivo: busca de padrões estéticos. Resgate de uma imagem de padrão corporal na adolescência, de culto extremo ao corpo e aos padrões de beleza. • Procedimento médico em menor sem autorização familiar • Gravidez na adolescência • Crime contra a vida da menor • Denúncia> posicionamento ativo da família • A manchete me toca como um alerta social à gravidez precoce, aos padrões prototípicos de beleza e sua busca excessiva. E, além disso, justo por ser uma manchete, principal chamada para a notícia de maior destaque diário do jornal, me instiga a pensar em uma proposta exemplificadora do porque a sociedade precisa estar alerta a esses assuntos, sobretudo porque os índices de gravidez na adolescência nas classes C e D são crescentes, tal como também é alarmante a buscar por clínicas que praticam procedimentos cirúrgicos em jovens dessas classes sociais. • Verbo: pedir
<p>PISTAS DE PROMOÇÃO DE JUSTIÇA PELAS PRÓPRIAS MÃOS (6 manchetes)</p>	
<p>SE CANSÓ Y LE VOLÓ LA CABEZA A SU EX YERNO <u>Un individuo asesinó salvajemente</u> a un joven, de 27 años, <u>para impedir que vuelva a acosar a su hija, con quien había mantenido una relación amorosa. El homicida está prófugo y es intensamente buscado por la policía.</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Abusador foi morto por um indivíduo • Abuso sexual • O infrator ocupa o principal plano enunciativo. Grande número de retomadas designativas sobre ele • Caracteriza-se como foi o assassinato. A oração subordinada final não apenas relata a causa de seu ato justiceiro, como também o justifica. • Alerta público e contribuição social à medida que se dissemina a informação de que o agressor está sendo procurado de modo intenso pela polícia. Isso parece gerar um posicionamento ativo no leitor, caso este tenha pistas de sua localização.

<p>JUSTICIA POR MANO PROPIA CONTRA ABUSADOR <u>Los vecinos</u> casi asesinan a un vendedor ambulante por manosear a una nena de 12 años. La policía llegó justo y lo rescató del linchamiento. Quedó en libertad, porque la madre de la víctima no quiso hacer la denuncia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Perfil de justiceiro da sociedade contra o criminoso. Isso me resgata a ideia de que “bandido bom é bandido morto”. Não seria também um crime o ato de matar e/ou agredir o abusador? • Abuso de menor. Muito interessante e importante a escolha do jornal em rotular esse assunto como tema de destaque no dia. Atentemo-nos que essa notícia poderia não ocupar a capa, poderia não ser a manchete. Sendo assim, sua não escolha seria significativa, tal como sua escolha o é. • Esse discurso parece levantar outro: “que mãe é essa?” “como assim essa mãe fez isso?” Tais discursos que traçarão ponte para a notícia validarão a funcionalidade da manchete. A construção desse texto, pois, implica jogos de sentido, já que sua função é atrair e motivar a leitura da notícia.
<p>FUSILÓ A SU PADRASTRO POR DEFENDER A SU MADRE Pibe de 14 años se hartó del hombre, que le hacía vivir un calvario a su progenitora. La policía llegó al lugar, incautó la escopeta calibre 16 y luego la Justicia tuvo que dejarlo libre porque es “inimputable” al ser menor.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Assassinato • Defesa de sua mãe • Possessividade masculina, machismo, agressão à mulher • Penalização de menor • Justiça a própria mãos
<p>DISCAPACITADO FUE ABUSADO EN UN HOSPITAL <u>El agresor –ya separado de su cargo–</u> es un empleado del nosocomio que casi es linchado por otros trabajadores que cuidaban y alimentaban a la desprotegida víctima</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Notemos o cunho empresarial/capitalista nesse discurso midiático. A chamada, texto destacado que introduz a manchete, se constrói a partir de uma imagem carregada de juízos de valor, justo por adjetivar a vítima. Ou seja, seu reconhecimento é produzido a partir de uma condição que afeta a imagem se fará sobre a vida do indivíduo. Esse termo é usado para definir uma deficiência física ou mental. Quais seriam os efeitos de sentido ao rotular a vítima como um doente crônico? Notemos que esse sintagma nominal omite seu núcleo nominal para enfatizar sua caracterização, informação que instiga sensações. • É interessante observar que, apesar da manchete apresentar uma estrutura, a partir de manuais de comunicação social, sintética e objetiva, notamos, de modo contrário a esse pressuposto, que, inerentemente, há vozes circundantes que resgatam posicionamentos, experiências, valores. Desse modo, comprova-se que manifestação subjetiva

	<p>da(s) entidade(s) que produz(em) discursos se realiza inerentemente à linguagem e que esta só se produz a partir do intercruzamento de ideias, visões, posicionamentos, vivências. Ou seja, o discurso jamais poderia ser único em si e desprovido de diálogos anteriores.</p>
<p>SALÍO DE LA CÁRCEL Y ASESINÓ A SU ABOGADO Fue porque comprobó que, mientras estaba preso, el letrado mantuvo una relación amorosa con su novia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mais uma vez levantamos indícios de uma possível estratégia comercial/capitalista, uma vez que a empresa midiática visa chamar atenção do público para obter lucro com a venda das notícias, bem como de uma possível tendência do gênero manchete: o apagamento do sujeito e uma detalhada atenção na ação. • É bem verdade que a não marcação do sujeito, mas sim do complemento verbal é uma tendência na língua espanhola. De todo modo, o sistema da língua espanhola, tal como das demais línguas neorromânicas, pressupõe a existência da categoria de sujeito quer explícita ou implicitamente. Nesse discurso, existe um eu-enunciador que se dirige a um tu-coenunciador sobre um fato ocorrido entre uma terceira pessoa agressora e uma terceira pessoa vitimada, aquela que foi morta, ou coagressora, quem também agrediu ao primeiro agressor em função de uma traição. Diante desse contexto, nota-se que os sujeitos não recebem a mesma riqueza de detalhes neste texto sintético, mas sim as ações praticadas são mais claramente desenvolvidas. Caso observamos todas as demais manchetes desse eixo (Perfil justiceiro), perceberemos que o lide, segmento explicativo e contextualizador da chamada, texto chamariz de maior destaque e interesse jornalístico, já que ocupa letras com estilo e formato destacados, introduz um sintagma nominal que localiza, discursivamente, o(s) sujeito(s) de quem se fala. Essa constatação discursiva é fundamental para comprovação de nossa hipótese sobre o que parece ser um caminho estratégico para vender a notícia e/ou aguçar a curiosidade do leitor (função social desse texto), bem como sobre o apagamento do sujeito, o que parece ser uma construção relativamente padronizada do gênero. Ou seja, comumente, a construção chamariz provoca ênfase na ação ou no modo com o fato se desenvolveu, ao passo que o lide estabelece, na maioria dos casos, a retomada e a contextualização sobre o(s) sujeito(s).

<p>¡LE ROBARON EL CADÁVER!</p> <p><u>Una mujer denunció</u> que desconocidos retiraron de la morgue el cuerpo de su hermano, fallecido en un accidente. Los “caranchos” lo habrían hecho para cobrar el seguro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É bastante interessante notar que parece ser uma tendência do jornal Crónica dar voz à sociedade. Atentemo-nos que a manchete diz: “Uma mulher denunciou[...]”. Ou seja, o jornal toma como notícia importante do dia a denúncia de uma pessoa que talvez não seja famosa (porque, se o ocorrido apontasse para uma pessoa destacada socialmente, seu nome estaria em evidência, possivelmente). Isso nos permite o subentendido de que o jornal também assume como importante o respeito à memória de um ente falecido, o respeito à dor do outro, e também o combate à impunidade da violação de túmulos. 	
<p>PISTAS LINGUÍSTICAS DE PROMOÇÃO DO TRÁGICO E/OU CHOCANTE (13 manchetes)</p>		
<p>LO MATAN FRENTE A SU FAMILIA</p> <p>Tres delincuentes armados lo asesinaron de cuatro balazos. <u>La víctima fatal</u> fue agredida en la casa que vivía con su esposa y sus hijos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Assassinato • Tres delincuentes armados • La víctima fatal >su esposa y <u>sus</u> hijos 	<p>Comoção: local e família.</p>
<p><u>DEGOLLADA</u> POR UN PAR DE MONEDAS</p> <p>Encontraron el cuerpo de una <u>kiosquera salvajemente golpeado y tajeado</u> en el local instalado en su propia vivienda, en Vila Diamante. Los delincuentes dejaron junto al <u>cadáver un cuchillo de cocina</u> y se fugaron con el dinero.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Assassinato • El cuerpo de una kiosquera • Los delincuentes 	<p>Comoção: trabalhadora morta em sua casa.</p>
<p>LA VIDA NO VALE NADA</p> <p>Tres asaltantes asesinaron sin piedad al portero de una escuela. La víctima había sido interceptada en la vía pública y, al intentar resistirse, terminó apuñalada. Uno de los responsables del terrible crimen tiene 17 años y fue detenido</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Assassinato • SIN PIEDAD • TERRIBLE CRIMEN 	<ul style="list-style-type: none"> • Comoção: crime “brutal”, chocante.
<p>SECUESTRO, CRIMEN Y ACARREO</p> <p><u>Un hombre de 53 años</u> fue tomado cautivo, lo asesinaron y luego dejaron el cadáver en su auto, que <u>se lo llevó la grúa</u>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tragedia, violência, assassinato 	<ul style="list-style-type: none"> • Comoção: tortura e terror ao idoso.

<p>TERROR POR TOMA DE REHENES Un delincuente, que junto a un cómplice, escapaba de la policía, ingresó a una casa, y tomó cautivas a dos mujeres y al bebé de una de ellas. Los efectivos cercaron el lugar, detuvieron al malandra y rescataron a las víctimas. <u>La mamá salió por una ventana de la vivienda, con su hijo en brazos</u></p>		<ul style="list-style-type: none"> • Comoção: tortura e terror à mulher/mãe.
<p>LO MATAN A MACETAZOS La víctima fue un muchacho de 29 años y su cuerpo lo hallaron en el interior de una vivienda. El asesino, que es intensamente buscado, usó también una mancuerna para consumar el brutal crimen</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Comoção: crime “brutal”, chocante.
<p>BRUTAL: LO LINCHARON FRENTE A SU NOVIA Tres sujetos golpearon sin piedad a un hombre de 31 años, al que acusaron de ladrón. La víctima murió en el Hospital Gandulfo adonde había sido derivada y los agresores lograron escapar sin dejar ningún tipo de rastro</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Comoção: crime “brutal”, chocante.
<p>MATÓ A KIOSQUERO PORQUE NO LE VENDIÓ CERVEZA Un sanguinario delincuente, apodado “Pañal”, masacró salvajemente a golpes y cuchilladas al dueño del comercio, de 75 años. El criminal le robó la billetera y un reloj pulsera al anciano. Consternación entre los vecinos de la zona de Bosques</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Comoção: crime “brutal”, chocante.
<p>DESCUBRIÓ A SU MUJER EN UN TRÍO Y LO MATARON El hombre, de 35 años, fue salvajemente asesinado de una cuchillada tras una acalorada discusión que se originó en su propia casa con la esposa y sus dos amantes. Los tres sospechosos son intensamente buscados por la policía</p>	<ul style="list-style-type: none"> • TRAÍDO E ASSASSINADO EM SUA PRÓPRIA CASA 	<ul style="list-style-type: none"> • Comoção: crime “brutal”, chocante.

<p>ABUELA CON ALZHEIMER VIOLADA POR UN ALBAÑIL La víctima, de 78 años, fue sometida en la cocina de su vivienda ante la presencia de un cómplice del depravado. Ambos marginales se encuentran prófugos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ABUSO SEXUAL DE UNA IDOSA COM ALZHEIMER 	<ul style="list-style-type: none"> • Comoção: crime “brutal”, chocante.
<p>HIZO LA GRAN “BOMBITA” Y SE VOLÓ JUNTO A SU MUJER Tras una acalorada discusión, <u>el hombre</u> abrió la llave de gas, cerró puertas y ventanas e hizo explotar la vivienda para terminar la relación. Los cuerpos fueron hallados completamente carbonizados. Los hijos se salvaron de milagro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Descontrole emocional no fim do relacionamento • Suicídio • As crianças milagrosamente se salvaram 	<ul style="list-style-type: none"> • Comoção: crime “brutal”, chocante.
<p>BATALLA CAMPAL EN QUINTA DE MORENO ESTALLÓ LA PRIMAGUERRA Matías Nicolás Rivero, de 19 años, fue a divertirse a la fiesta clandestina “Proyecto XXX” con su novia y un primo y recibió un tiro mortal en el tórax. Drogas, alcohol y armas, un combo demasiado peligroso para los jóvenes</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Alerta contra o consumo de drogas, álcool e armas à juventude 	
<p>LA ACUSÓ DE GASTADORA Y LO MATÓ A PUÑALADAS Baño de sangre tras una acalorada discusión entre un hombre, de 75 años, y su pareja, de 50. La agresora se encuentra detenida y habría actuado en estado de ebriedad.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 	<ul style="list-style-type: none"> • Comoção: “mató a puñaladas”
<p>FRAGILIDADE DA POLICÍA (4 manchetes)</p>		
<p><u>BRUTAL ASALTO A SARGENTO DE LA BONAERENSE</u> <u>Le robaron la moto y la pistola y le pegaron tres tiros.</u> El suboficial permanece internado en grave estado. La justicia analiza las cámaras de seguridad del lugar donde ocurrió el ataque.</p>		

<p>¡SE ROBARON UN PATRULLERO! Efectivos policiales enfrentaron a delincuentes que habían sustraído un auto. Mientras uno de los uniformados detenía <u>a un malandra de 14 años</u>, dos ladrones se llevaron el móvil, que luego abandonaron. Otro dos menores, de 15 y 17, también resultaron arrestados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Roubo de carro, de viatura • Policiais fragilizados, frente a um ataque de jovens infratores. “Deram um cansaço neles” 	
<p>NARCO SE TIROTEÓ CON LA POLICÍA PERO LO LIBERARON El marginal, <u>que estuvo detenido diez minutos</u>, llevaba consigo cinco tubos de cocaína, pasta base y 31 sobres de marihuana. La <u>Fiscalía consideró que eran para uso personal</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de drogas • Liberação x prisão do usuário ou traficante • Ênfase do tempo de autuação dos infratores: rapidez na liberação do sujeito. 	
<p>SE FUGÓ UN PRESO Y NADIE LO SABÍA La policía detuvo a un ladrón que se había escapado de la U-24. Sin embargo, cuando llamaron al penal ningún guardia advirtió lo ocurrido. El reo estuvo 16 horas en libertad</p>		
<p>MANCHETES FRONTEIRÍSTICAS (linha tênue entre dois ou mais eixos) (4 manchetes)</p>		
<p>DURMIENDO CON EL ENEMIGO Harta de las brutales palizas de su pareja, Vanesa Coniberti abandonó el hogar con su pequeño de 5 años. Destruída psicológicamente, la mujer denuncia que venció la restricción perimetral, la justicia no actúa y teme que la mate en cualquier momento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Comoção • Denúncia 	<ul style="list-style-type: none"> • Comoção: foi necessário que ela abandonasse seu lar com seu filho de 5 anos • Agressão: violência contra a mulher <p>Sujeito em foco: a vítima Vanesa Coniberti>la mujer</p>
<p>MURGUEROS EN GUERRA Un joven, integrante de una comparsa de la localidad bonaerense de Bella Vista, pelea por su vida luego de ser agredido por un sujeto, que pertenece a otro grupo similar. Tras permanecer unas horas detenido, el agresor fue liberado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Denúncia • Comoção • Fragilidade da polícia 	

<p>DROGAS, ESCÁNDALO Y MUERTE EN BÉCCAR LA MASACRE DEL PASILLO David “Chuky” Rosas hirió a su ex pareja, mató a su suegra, a un vecino y se suicidó. El homicida, adicto a estupefacientes y barra de Tigre, estaba desquiciado porque no le dejaban ver a sus hijos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Justiça pelas próprias mãos • Comoção 	
<p>ASALTADA Y OBLIGADA A PRACTICAR SEXO ORAL Dos <u>peligrosos delincuentes</u> perpetraron el robo en el interior de una vivienda y uno de ellos abusó de la <u>indefensa</u> mujer. Los degenerados lograron darse a la fuga y son buscados intensamente por la policía.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Comoção • Frigilidade da polícia 	<ul style="list-style-type: none"> • Assalto e abuso sexual • Dos peligrosos delincuentes > uno de ellos > los degenerados • La indefensa mujer

A seguir, o leitor encontrará as manchetes coletas no eixo em questão relativas ao *Meia Hora*.

PERIÓDICO MEIA HORA DE NOTÍCIAS	
PISTAS DE PROMOÇÃO DE MANCHETES JOCOSAS E SEXUAIS (6 manchetes)	
<p><u>GAROTA</u> CORREU MAIS QUE O BOLT! <u>PRIMA</u> METE CELULAR DE EQUIPE DO JUDÔ E DÁ ‘WAZARI’ EM COPA</p> <p>Gringo que ganhou medalha vai atrás da moça e acaba na delegacia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom humorístico • Enunciador piadista • Foco sexual implícito (verbos: mete, dá)
<p>ESTUPRADOR DE PROSTITUTAS É PRESO CAÇADOR DE PRIMAS DA QUINTA CURTE A SEXTA-FEIRA NA CADEIA</p> <p>Vítima contou que maníaco a espancava, lia a Bíblia e ouvia ópera durante o abuso sexual</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom humorístico • Enunciador piadista • Violência sexual
<p>ATORES VÃO TER QUE SOLTAR <u>A LÍNGUA</u> NA DP <u>AFOGARAM</u> <u>O GANSO</u> NA PRAIA <u>COM AREIA</u> <u>E TUDO!</u></p> <p>Gravação de filme de sacanagem no Recreio vira polêmica, e polícia dá dá dura em produtora</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom humorístico • Enunciador piadista • Foco sexual
<p>BUNDALELÊ OLÍMPICO NA ZONA PORTUÁRIA LARGOU A TOCHA E BOTOU O POPOZÃO PRA JOGO</p> <p>Após participar do revezamento, músico protestou sem roupa. Manje na página 03</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom humorístico • Enunciador piadista • Foco sexual

<p>PESSOAL DEVE TER ACHADO QUE ESTAVAM MATANDO ALGUÉM</p> <p style="text-align: center;">ESCANDALOSA GRITA QUE NEM LEOA NO CIO DURANTE SEXO E VAI EM CANA</p> <p>Moça enche os cornos e leva pra casa cara que conheceu no bar, mas vuco-vuco rola no corredor do prédio. Vizinho chamou a poliçada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom humorístico • Enunciador piadista • Foco sexual
<p>ENQUANTO ELE GUIAVA, MULHER FAZIA SEXO ORAL. QUE TENSÃO, HEIN!</p> <p style="text-align: center;">TAXISTA BOTOU O BIGORRILHO PRA FORA E CARRO VIROU MOTEL EM PLENA AVENIDA BRASIL</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom humorista • Enunciador piadista • Foco sexual
<p>PISTAS DA PROMOÇÃO DO TRÁGICO E/OU ASSOMBROSO</p> <p>(12 manchetes)</p>	
<p>ADOLESCENTE DE 15 ANOS ESCONDEU CORPO EMBAIXO DA CAMA</p> <p style="text-align: center;">NOVINHA DO MAL MATA A MÃE COM 40 PEIXEIRADAS</p> <p>Peste tacou fogo no cadáver e disse que fumaça era de celular que explodiu</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom trágico • Enunciador juiz • Foco no assassinato
<p>SELVAGERIA EM NOVA IGUAÇU COVARDE É POUCO... ELE É MONSTRO!</p> <p>Demônio atropela e espanca a namorada no meio da rua. Depois, ainda se oferece na cara de pau pra ser acompanhante dela no hospital. Família só reconheceu a vítima por um sinal no pé.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom trágico • Enunciador juiz • Foco no assassinato

<p>COVARDIA NO ENGENHO NOVO SOLDADO TROCA PLANTÃO COM COLEGA E <u>VIRA</u> <u>59° POLICIAL</u> <u>EXECUTADO NO</u> <u>RIO EM 2016</u></p> <p>Lotado na UPP do Lins, PM foi atacado com tiro na nuca quando dirigia viatura</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom trágico • Enunciador relator • Foco no assassinato
<p>FILHO DE 8 ANOS DO CASAL ESTAVA NO BANCO DE TRÁS E VIU TUDO EXECUTADO NO SHOPPING</p> <p>Assassinos usavam camisas com a inscrição “Polícia Civil”</p> <p>Segurança é assassinado em estacionamento em Caxias, após sair do cinema com a família. Esposa dele também foi baleada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom trágico • Enunciador relator • Foco no assassinato
<p>COVARDÕES DE MACAÉ FORAM PRESOS EM CASA</p> <p>DEMÔNIOS ESTUPRAM MENINA E TORTURAM COM GOLPES DE MARTELO E MACHADO</p> <p>Garota de 16 anos escapou porque se fingiu de morta. Ela ouviu os monstros dizerem que voltariam mais tarde para se livrar do corpo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom trágico • Enunciador juiz • Foco no assassinato
<p>SEGUNDO A DUPLA, CRIME ROLOU PORQUE A VÍTIMA DISSE QUE TINHA AIDS FESTINHA COM SEXO E GORÓ TERMINA EM ASSASSINATO</p> <p>Após vuco-vuco a três e muito birinaite, casal mata costureira com seis peixeiradas no pescoço. Criminosos estão em cana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom de vingança • Enunciador relator • Foco na morte

<p>GAROTOS TINHAM 3 E 4 ANOS PAI FILMOU A MORTE DOS FILHOS E MANDOU O VÍDEO PRO 'ZAP' DA SOGRA</p> <p>Segundo mãe da criança, imagens mostram o monstro dando remédio para os meninos dormirem e depois atacando as vítimas a facadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom trágico • Enunciador relator • Foco no assassinato
<p>DOIDO QUE RECEBEU AS IMAGENS DEU DICAS SOBRE A MATANÇA MATOU A FAMÍLIA E TIROU SELFIE COM OS CORPOS</p> <p>Monstro esquarteja primos e tios, posa pra fotos e depois manda pelo Zap</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom trágico • Enunciador relator • Foco no assassinato
<p>Bianca Toledo contou tudo para a polícia, e o cara já tá enjaulado em Bangu</p> <p>PASTORA ACUSA O MARIDO PASTOR DE ESTUPRAR FILHO DELA DE 5 ANOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> •
<p>Tijukistão em chamas</p> <p>TÁ FOGO MORAR NO RIO</p> <p>Bonde de idiotas taca fogo em nove carros que estavam estacionados em ruas do bairro</p>	<ul style="list-style-type: none"> •
<p>Até 10 anos de cadeia</p> <p>MANÍACO DO ZAP OFERECEU LASANHA EM TROCA DE SEXO COM CRIANÇA</p> <p>Após o menino mostrar os áudios pro pai, polícia arma encontro e prende em flagrante o pedófilo de 65 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> •

<p>SELVAGERIA NA BAIXADA GRÁVIDA FOI ESQUARTEJADA, CARBONIZADA E JOGADA NO LIXO</p> <p>Polícia acredita nesse desfecho trágico para o sequestro de mulher na Central. Casal preso queria roubar o bebê.</p>	<ul style="list-style-type: none"> •
<p>FRAGILIDADE DA POLICIA (2)</p>	
<p>POLICIAL FOI DETIDO NO QUARTEL DE IRAJÁ</p> <p>PM DE TAXI MANDA BALA NA CARA DE FUNCIONÁRIO DO NOVA AMÉRICA</p> <p>Em discussão no estacionamento, covardão atirou no rapaz da cancela, que está internado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ação impropriedade com a imagem de policial
<p>ESSE ESTÁ FEDIDO! ESTUPRADOR TENTA FUGIR DA CADEIA E FICA NA M...</p> <p>Acusado de violentar a tia escapou pela privada da cela, mas acabou atolado num monte de cocô</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fragilidade da polícia • Não observou a ação do detento • Detento conseguiu escapar da cela
<p>MANCHETES MISTAS</p> <p>(5 manchetes)</p>	
<p>CASTIGO VEIO QUE NEM UM RAI LADRÃO CAI MORTINHO COM FAROFA EM ASSALTO A IGREJA NA BAIXADA</p> <p>Bandido passa mal e empacota de repente quando roubava templo evangélico em Caxias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Humor • tom justiceiro • Enunciador juiz

<p>MENINO DE 7 ANINHOS FOI AFOGADO EM CÓRREGO</p> <p>MÃE MANDA MATAR FILHO E PROMETE SEXO COMO PAGAMENTO A ASSASSINO</p> <p>Justiça decreta a prisão da malévola, que tinha medo de a criança entregar plano de roubo a banco</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Assombroso • Piadista
<p><u>MALVADINHAS</u> CHEGARAM A CAVAR UMA COVA. MOTIVO DA SELVAGERIA: CIÚME DOENTIO</p> <p>BONDE DAS NOVINHAS TORTURA COLEGA DA ESCOLA E FILMA TUDO</p> <p>Garotas entre 13 e 16 anos usam facão e pedaço de pau pra espancar menina durante quatro horas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tom trágico • Piadista • Enunciador juiz
<p>SALVE-SE QUEM PUDE!</p> <p>NO RIO DAS BALAS, NEM O CARDEAL ESCAPA</p> <p>Dom Orani Tempesta fica encurralado no meio do fogo cruzado em Santa Teresa. Tiro comeu solto no Fallet</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Humor • Tragédia
<p>SALVE-SE QUEM PUDE!</p> <p>BALAS PERDIDAS ESTÃO ACHANDO GERAL POR AÍ</p> <p>Jovem morre após ser atingida dentro de casa, no Engenho da Rainha, na frente da filha. Mais três pessoas são feridas na Penha e em Olaria.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Humor • tragédia

PISTAS DE PROMOÇÃO DA JUSTIÇA PELAS PRÓPRIAS MÃOS (4 manchetes)	
<p>DA ROCINHA PARA O PRESÍDIO DE BANGU PUDIM DE CACHAÇA ENFIA A FACA NA ESPOSA E LEVA COÇA</p> <p>Covardão passa a tarde na mangaça e ataca a mulher na frente do filho dela, de 4 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • JUSTIÇA PELAS PRÓPRIAS MÃOS
<p><u>DANADINHO</u> TEM 69 ANOS E <u>APANHO</u>U QUE <u>NEM BOI LADRÃO</u> HISTÓRIA DE AMOR ENTRE IDOSO E MULA ACABA EM PORRADA</p> <p>Homem pula cerca de sítio pra <u>fazer saliência</u> com o bicho, mas entra no pau</p>	<ul style="list-style-type: none"> • JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS • Enunciador piadista • Foco sexual • Humor • Trágico
<p>DANÇOU TENTOU ROUBAR NO BUSÃO COM METRALHADORA E LEVOU TRÁ, TRÁ, TRÁ</p> <p>Ladrão entra pela porta de trás na Avenida Brasil, anuncia o assalto dez minutos depois na altura da Maré e é morto por passageiro que largou o aço</p>	<ul style="list-style-type: none"> • JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS
<p>SERÁ QUE A PRIVADA ENTUPIU? CORNO DECEPA ESTROVENGA DO RICARDÃO, TACA NO VASO E DÁ DESCARGA</p> <p>Mesmo cotó, garanhão pediu desculpas ao ciumento pelo chifre</p>	<ul style="list-style-type: none"> • JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS

Material completo baixado: 61 manchetes, contabilizando ambos os jornais

ANEXO B – Capas das manchetes do jornal Crónica

Miércoles 1º de Julio de 2016

crónica.com.ar @crónicaar cronicar.com

HOY MAX 14° MIN 7°

LA SIDA EN EL CONURBANO Pág. 2

SUSPENDIERON EL TARIFAZO DE LUZ EN EL INTERIOR BONAERENSE

LA ESTERCIÓN DE LUZ EN UNACANTILAN PARA QUE SE REFACTUREN LAS DEUDAS

Firme junto al pueblo

TI 40423503

Crónica

Buenos Aires - JUNIO 30 - Nº 18.190 - PÁGINAS 62, 68

www.cronica.com.ar



EXCLUSIVO

ULISES JAITT: "MACARENA TENÍA SEXO CONMIGO Y SE IBA A VISITAR A FARINA"

REVELACIONES SOBRE LA MÁS HOT DE "GRAN HERMANO"

Pág. 26

EXCLUSIVO INDIGNACIÓN EN GONZÁLEZ CATÁN

POLICHORROS EN ACCIÓN



Los uniformados fueron detenidos por cometer asaltos. La víctima de uno de los ilícitos, dueño de una carpintería, se trenzó en lucha con un ladrón y logró herirlo a cuchilladas en el estómago. El efectivo está internado en grave estado. ¿Quién nos cuida?

Pág. 14-E

Enfero Delpedo, del Comando Patrulla de La Matanza, se recupera en el hospital.



FILAR

POLÉMICA EN EL BACHE

HURTOS DE LOS PUEBLOS, LOS VIVENDOS HICIERON LA PARTIDA DEL FAMEO PROGRAMACTV

Pág. 18



CRISIS EN FFA Pág. 10-11

OTRO PAPELÓN MADE IN AFA

MIENAS DESAPARÓ A MANCINI Y TODOS LLOS CANDIDATOS PRECIEN UNA REUNIÓN CON EL PRESIDENTE. DESDE UNA COPIA DEL COMUNICADO DE LA ENTIDAD SOBRE LAS ELECCIONES, UN MEMO DEL ESCÁNDALO, LOS CLUBES ARGENTINOS, MANCINI, INDEPENDIENTE, PRECISEN DENAR LA SUPRESIÓN EL PRESIDENTE

Pág. 24

COMPROBADO POR LA UCA

DURO INFORME SOBRE LA POBREZA

Pág. 7

CRIMEN EN BARRIO FRANKA

MADRE DE MICAELA SOSPECHA QUE EL ASESINO TUVO CÓMPLICES

Pág. 10

Sábado 24 de Septiembre de 2016

cronica.com.ar @cronicaviva cronicadigital

HOY MAX 17° MIN 5°
Cielo algo n. parcialmente nublado.

ENCUESTA Pág. 3

UN 60% DE LOS TRABAJADORES APOYA EL PARO DE LA CGT

LOS GREMALISTAS DECIDIRÁN LA FECHA LUGAR DE LA REUNIÓN DEL JUEVES PRÓXIMO CON FRAT GAY

Firme junto al pueblo

WhatsApp 11 40423503

Crónica

Buenos Aires • AÑO 53 • N° 18.707 • PRECIO: \$12,00

RECIBO POR FAVOR AL ENTREGAR EL D.I.

EXCLUSIVO LA TABLADA Pág. 22

SE ROBARON \$500.000 DE UN BANCO

¿QUÉ DEFENDE A LOS ABUELOS?

ALARMA POR REITERADAS ESTAFAS A JUBILADOS

Bajo las distintas modalidades del cuento del tío, siete de cada diez adultos mayores caen en la trampa. Los casos más comunes y los nuevos trucos delictivos. Las claves para estar alertas y no terminar en las garras de estos estafadores **Págs. 14-15**



ADMIRABLE

LA SUPERSOPA TRASPASÓ NUESTRAS FRONTERAS

VOCACIÓN DE PROFESORES Y ALUMNOS DE LA UNIVERSIDAD DE OULMS PARA AUMENTAR A LOS QUE MENOS TIENEN **Pág. 10**

TIMOR Y RETIRO

ESPIRITUAL

LA ESTRATEGIA DE CAMBIEMOS PARA RELANZAR EL GOBIERNO

Pág. 2

ATENCIÓN, AVELLANEDA

RACING VISITA A VÉLEZ Y EL ROJO RECIBE A TIGRE

Págs. 7 y 9



ESCÁNDALO Pág. 15

FIESTA SEXUAL ENTRE PILOTOS DEL TC

GALLONIGARDO Y DE BENEDETTI SE CRABARON EN PLANO ACTO CON UNA AMIGA DE COMODORA



HOY, SUPLE DEL ASCENSO

7
6
5
4
3
2
1

Domingo 31 de Julio de 2016

HOY MAX 13° MIN 13°
Probabilidad de lluvia



QUERESHOW
MANO A MANO
CON EL GALAN DE
"EDUCANDO A NINA"



ADemás
BIENESTAR & SALUD,
PARANORMAL,
CRONIQUETA
Y CRONIJUEGOS

Firme junto al pueblo

11 40423503

Crónica

Buenos Aires • AÑO 53 • N° 18.032 • PRECIO: \$13,00

Crónica

crónica.com.ar

crónica.com.ar

crónica.com.ar

EXCLUSIVO VILLA CELINA

VECINOS EN PÁNICO POR VENGANZA DE MOTOCHORROS

Asesinaron a balazos a un joven, de 21 años, que trabajaba como delivery en una pizzería. La víctima y sus familiares habían denunciado a los criminales, a quienes pretendían expulsar del barrio. La gente reclama justicia y el fin de la impunidad en la zona

Pág. 16



Twitter post with Arabic text and a photo of a man.

TRAS LA JODITA, PODRÍAN IR PRESOS

CONMOCIÓN POR FALSOS TERRORISTAS

DOS JÓVENES, DE 21 AÑOS, FUERON DETENIDOS POR AMENAZAR EN TWITTER AL PRESIDENTE. "SON DOS ESTUPIDOS", Dijo LA MADRE DE UNO DE ELLOS. SERÁN PROSECUIDOS POR "INTIMIDACIÓN PÚBLICA"

Pág. 3



INFORME DE CRÓNICA

EL PASO A PASO PARA COBRAR LA REPARACIÓN JUBILATORIA

SI FUISTE BENEFICIARIO, UNA GUÍA PRÁCTICA PARA PODER CALCULAR EL RESULTADO

Págs. 12-13



COPA ARGENTINA

UN TRÁMITE PARA SAN LORENZO

EL CICLÓN VENDIÉ POR 3-1 A UNIÓN DE SAN CARLOS DEL FEDERAL. A FUE EL DEBUT OFICIAL DEL DT ASURINO

Págs. 12-13



SANTA POLÉMICA ENTRE PELÉ Y MARADONA, FRANCISCO ELIGIÓ A MESSI

EL PAPA HABLÓ DURANTE UN ALMUERZO EN EL ARCEBISPADO DE POLONIA

Pág. 8

Jueves 2 de Julio de 2016

crónica.com.ar @cronicaar cronicatv

HOY MAXI 7º MIN 7º

COPA AMÉRICA EN ESTADOS UNIDOS Pág. 8

TIROTEO EN UNIVERSIDAD DONDE DEBÍA ENTRENAR BRASIL

UNO DE LOS JUGADORES DE LA SELECCIÓN DE BRASIL FUE HERIDO EN LA CABEZA DURANTE LA PRÁCTICA

Firme junto al pueblo

WhatsApp TI 40423503

Crónica

Buenos Aires - Año 81 - Nº 14.911 - Precio \$2,00

www.cronica.com.ar



HOY, GRATIS

LA GUÍA MÁS COMPLETA DE LA COPA AMÉRICA



EXCLUSIVO MIAMI

"A FEDE BAL LE GUSTABAN LAS PARTUZAS"

EL ENTRENADOR FRENÓFUSO DEL ULTIMO MUNDIAL "SALVÓ" Pág. 22

PANAMAPAPÍ

PROFUNDIZAN INVESTIGACIÓN CONTRA MACRÍ

Pág. 2

INFORME ALMAGRETE

CAMBIO DE HABITOS: EL CONSUMO YA SE EQUIPARA A 2001

Pág. 3

EXCLUSIVO GENERAL RODRÍGUEZ

SE CANSÓ Y LE VOLÓ LA CABEZA A SU EX YERNO

Un individuo asesinó salvajemente a un joven, de 27 años, para impedir que vuelva a acosar a su hija, con quien había mantenido una relación amorosa. El homicida está prófugo y es intensamente buscado por la policía Pág. 10



SELLAVARON TI PILOS Pág. 12-13

GOLPE COMANDO DE PELÍCULA EN PLENA AUTOPISTA

LLAMA DE BARRAS EN LA BUENOS AIRES-LA PLATA, 200 POLICÍAS HERIDOS

B
M
X



Miércoles 3 de Agosto de 2016

HOY MAX 14° MIN 6°
CIUDAD DE BUENOS AIRES

HOY, GRATIS
UN SUPLE QUE VALE ORO

LOS 70 ATLETAS ARGENTINOS, A HORAS DE PONER EN MARCHE LA ILUSIÓN OLÍMPICA

CÓDIGO QR

YA PODÉS DESCARGAR NUESTRA APLICACIÓN

Firme junto al pueblo

11 40423503

Crónica

Buenos Aires - AÑO 53 - N° 38.652 - PRECIO: \$12,00
MÁS DE 100 AÑOS DE HISTORIA

Crónica
CONSEJO EDITORIAL
ASOCIACIÓN DE EDITORES
COMISIÓN DE DEFENSA DEL CONSUMIDOR

EXCLUSIVO FLORENCIO VARELA

JUSTICIA POR MANO PROPIA CONTRA ABUSADOR

Los vecinos casi asesinan a un vendedor ambulante por manosear a una nena de 12 años. La policía llegó justo y lo rescató del linchamiento. Quedó en libertad, porque la madre de la víctima no quiso hacer la denuncia **Pág. 9**

ARRANCA EL 19 DE AGOSTO

FIXTURE DE PRIMERA

RIVER-BOCA SE JUGARÁ EN LA 19. EN EL MONUMENTAL. Y EN LA 24, QUE SERÁ LA FECHA DE TODOS LOS CLÁSICOS

Págs. 8-9



COPA ARGENTINA

LANÚS SIGUE A PASO FIRME

EL ÚLTIMO CAMPEÓN VENCió 2-0 A PATRONATO Y AVANzó A OCTAVOS. AHORA ENFRENTARá AL GANADOR DEL PARTIDO ENTRE EL SENEZ Y SANTAMARINA DE TANDIL

Pág. 10



JUAN CARLOS MESA

TENÍA 66 AÑOS

SE FUE UN GRANDE DEL HUMOR

EL ACTOR Y BUENISTA DE 10 SE INAGURARÁ FUERTE CON MÁS DE MEDIO SIGLO DE TRAYECTORIA

Págs. 20-21



NI RACHO VIALI

NI PICO MÓMACO

PAMPITA, BIEN VERDE PARA EL AMOR

VIVE ROMANCE CON UN MILLONARIO QUE TRABAJA EN MIAMI

Pág. 22

RELEVAMIENTO DE CRÓNICA

¡A NO TIRAR MANTECA AL TECHO!

EL TRADICIONAL ALIMENTO EMPESó A ESCASEAR EN LAS GÓNDOLAS

Pág. 3

7
D
I
A
S
X
X
X
X

Domingo 24 de Julio de 2016

DIARIO SHOW
MANO A MANO CON
NAZARENO MÓTTOLA

ADemás
BIENESTAR & SALUD,
PARANORMAL, CRÓNICA
Y CRONAJUEGOS

Firme junto al pueblo

11 40423503

Crónica

Buenos Aires - AÑO 52 - N° 35.645 - PRECIO: \$13,00

POR INTERNET Pág. 12-13

VENDEN HANDIES CON LA FRECUENCIA POLICIAL

Crónica

EXCLUSIVO MERLO

FUSILÓ A SU PADRASTRO POR DEFENDER A SU MADRE

Pibe de 14 años se hartó del hombre, que le hacía vivir un calvario a su progenitora. La policía llegó al lugar, incautó la escopeta calibre 16 y luego la Justicia tuvo que dejarlo libre porque es "inimputable" al ser menor

Pág. 14

¿QUÉ HARÁ CARLITOS? Pág. 4

TEVEZ, EN LA MIRA DEL NAPOLI Y DEL INTER



AMBOS EQUIPOS ITALIANOS HIRIÁN OFERTAS FORMIDABLES A BOCA, QUE YA SE QUEDÓ SIN ORION Y EL CATA DÍAZ



HOY MAX 12° MIN 9°

INFORME DE CRÓNICA

VIAJAR AL TRABAJO, UN GOLPE AL BOLSILLO

VENIR DESDE EL CONURBANO A CAPITAL Y COMPARAR PARA LLEGAR A DESTINO CUESTA UN PROMEDIO MENSUAL DE \$800 EN TRANSPORTE PÚBLICO

Pág. 3

SAN CRISTÓBAL

CONMOCIÓN POR OTRO ATAQUE EN BURUNDANGA

Pág. 21



MASIVA TETEAJA

LE PUSIERON EL PECHO EN TODO EL PAÍS

UNA MULTITUD DE MUJERES UNIDAS CONTRA LA CENSURA A LA LACTANCIA

Pág. 20



LO ACUSAN DE TRAIDOR

HIGUAÍN LA PIFIÓ FEÓ CON LOS HINCHAS NAPOLITANOS

SE FUE A LA ADVERTENCIA, QUE PIDIÓ CASI \$5 MILLONES DE EUROS, EMPAPELARON LA CIUDAD EN CONTRA DEL "SI" Y HASTA MARADONA LE DIO DURO

Pág. 2

60x60

Domingo 5 de Junio de 2016

cronica.com.ar @cronicaweb cronicaonline

HOY MAX 12° MIN 6°



ENTREVISTA EXCLUSIVA CON MAMAFIA, LA BANDA DEL MOMENTO



ADÉMÁS CRONIQUEA, PARANORMAL, BIENESTAR Y SALUD Y CRONJUEGOS

Firme junto al pueblo

11 40423503

Crónica

Buenos Aires - AÑO 23 - N° 18.594 - PRECIO: \$27,00

EXCLUSIVO FLORENCIO VARELA

MASACRAN A FIERRAZOS A VENDEDOR DE CHURROS PORQUE LO CONFUNDIERON CON UN LADRÓN Pág. 12-13

Crónica

EXCLUSIVO INGENIERO BUDGE

LO MATAN FRENTE A SU FAMILIA

Tres delincuentes armados lo asesinaron de cuatro balazos. La víctima fatal fue agredida en la casa que vivía con su esposa y sus hijos Pág. 12-13



ROLAND GARROS

CAMPEÓN DE LA VIDA

GUSTAVO FERNÁNDEZ PASO AL TENIS ARGENTINO EN LO MÁS ALTO. EL CORDOBÉS GANÓ SU PRIMER TORNEO DE GRAND SLAM COMO SINGLISTA, EN LA ESPECIALIDAD SOBRE SILLA DE RODAS. Pág. 24

INFORME ESPECIAL

ARANGUREN, EL MINISTRO MÁS CUESTIONADO

MACRI LO BANCA, PERO LLEVEN LAS CRÍTICAS Pág. 3

MURIÓ MUHAMMAD ALI

NOCAUT AL CORAZÓN

EMPEÑA DISPONER PARA EL MEJOR BOXEADOR DE TODOS LOS TIEMPOS, QUE FALLECÓ A LOS 34 AÑOS



COPA AMÉRICA

LE COSTÓ UN PERÚ

EL EQUIPO DE GARCÍA DEBÍO SUFRIR MÁS DE LA CUENTA PARA DEBROTAR AL DEBIL HAITI Christian Cueva alcanza a Paolo Guerrero, autor del único gol. Pág. 9



El fútbol con "Crónica" en sus manos, en 1997.

BAJO CERO

PÁLIDOS EMPATES DE PARAGUAY Y BRASIL Págs. 6-7-8

Págs. 18-19

Lunes 6 de Junio de 2016

crónica.com.uy @cronicarv @cronicarv

HOY MAX 16° MIN 4°
Cielos despejados

INFORME ESPECIAL Págs. 2 a 4

EL ALIVIO LLEGARÍA EN 2017

MIENTRAS EL TABLAZO DE LOS PIMENOS MIDE QUINCE Y LA CAJERA DEL CONDOMINIO DEBEN PAGAR EN EL DEBULLO, LA VICEPRESIDENTA SABERLANCHE TIENE OTRO QUE LA REACTIVACIÓN DE LA ECONOMÍA NO SE CENTRA EN EL SECTOR EMPRESARIAL, SINO EN EL CONSUMIDOR

Firme junto al pueblo 11 40-423503



Revista 8 días - AÑO 50 - N° 18.197 - PRECIO \$120,00

EXCLUSIVO

FINAL VOTO A VOTO ENTRE PEDRO KUCZYNSKI Y KEIKO FUJIMORI



EXCLUSIVO

DEGOLLADA POR UN PAR DE MONEDAS

Encontraron el cuerpo de una ladronera salvajemente golpeado y tajeado en el local instalado en su propia vivienda, en Villa Diamante. Los delincuentes dejaron junto al cadáver un cuchillo de cocina y se fugaron con el dinero

Págs. 10

CD PALMÉRICA

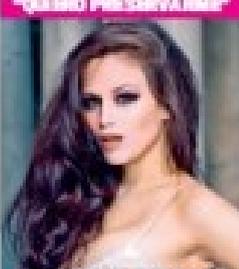
¡VAMOS, ARGENTINA!



EN EL ARRANQUE, JOSÉ MARTÍN DE CRISTÓBAL CD+CHILE, ÚLTIMO CAMPEÓN DEL CONTINENTE Págs. 11 a 13

MESSI, EN DUDA COMO TITULAR

"¿QUÉ PASÓ PRESERVÁMI?"



DESPEDIDA SIN DEBUT

¿QUÉ PASÓ CON KEIKO FUJIMORI? ¿QUÉ PASÓ CON KEIKO FUJIMORI? ¿QUÉ PASÓ CON KEIKO FUJIMORI? ¿QUÉ PASÓ CON KEIKO FUJIMORI?

Págs. 22

COMO VECES

"NO TENÍA PLATA PARA EL BOLETO"

ENVIÓ UNA CARTA A LOS DIRECTIVOS DE LA ESCUELA DE SU NIÑO PARA QUE LE AYUDARÁN PORQUE NO TENÍA DINERO PARA EL BOLETO

Págs. 25

MALDITOS MOTOCHORROS

LO FUSILARON DELANTE DE SU NOVIA

UN EMPLEADO SE FUGÓ A UN BARRIO EN LA FUERTA DE SU CASA, EN UN BARRIO EN EL QUE SE FUSILARON

Págs. 12-13

COMUN BOL A BÓLICO

TALLERES, DE PRIMERA



EL EQUIPO DE BÓLICO LE GANÓ 1-4 A LOS REYS EN FUERTE Y VOLVÓ A LA 1ª DESPUÉS DE 15 AÑOS

Págs. 14-15

Pablo Solari, el líder de la lista, fue el primero en salir a competir.

GRUPO MCM

Sábado 10 de Septiembre de 2016

cronica.com.ar

@cronicaar

cronicaar

HOY MAX 26° MIN 14°
Cielo parcialmente nublado



ALARMA EN ESTADOS UNIDOS Pág. 12

AL QAEDA AMENAZÓ CON OTRO 11-S

EL LÍDER DE LA ORGANIZACIÓN TERRORISTA LO ANUNCIÓ EN UN VIDEO, A 24 HORAS DE CUMPLIRSE 10 AÑOS DEL ATENTADO CONTRA LAS TORRES GEMELAS



PASADO HOT

PATA VILLANUEVA, ENTRE MONZÓN, TINELLI Y LUCIANO CASTRO

LA EX MODELO ENAMORÓ A LOS HOMBRÉS QUE PASARON POR SU CAMA

Pág. 28

Firme junto al pueblo

11 40423503

Crónica

Buenos Aires - AÑO 52 - N° 23.003 - PRECIO: \$12,00

Crónica

INFORMATE A TODA HORA

cronica.com.ar



EXCLUSIVO ALEJANDRO KORN

LA VIDA NO VALE NADA

Tres asaltantes asesinaron sin piedad al portero de una escuela. La víctima había sido interceptada en la vía pública y, al intentar resistirse, terminó apuñalada. Uno de los responsables del terrible crimen tiene 17 años y fue detenido

Pág. 10



PRIMICIA DE CRÓNICA

"ESTAMOS DE NOVIOS CON EL CHAPA"

LA PERIODISTA ALINA INIENE CONFIRMA SU RELACIÓN AMOROSA CON EL ENTRENADOR DE LOS LEONES

Pág. 25

LONGCHAMPS

MURIÓ EL POLICIA HÉROE

SE ENFRENTÓ CON LOS LADRONES QUE HABÍAN ENTRADO A ROBAR A UN SUPER CHINO. MATÓ A DOS DE ELLOS Y RECIBIÓ UN DISPARO EN LA CABEZA

Págs. 14-15

VALIAN 250.000 POR SU

SORPRESIVO PARO EN LA LÍNEA 60

OPERARIO DEL TALLER SUFRIÓ UN GRAN ACCIDENTE Y FALLECIÓ EN BARRIAGAS. RECLAMAN MÁS SEGURIDAD

Pág. 2



HABLO EL DT DE BOCA

SE INFLÓ LOS MELLIZOS

ANDRÉS SCHOLITTO PONE A CONTINUACIÓN DE TITULAR ANTE BELGRADO, PERO LE DA EL ULTIMATUM EN LA CONFERENCIA DE PRENSA: "NO PUEDE VOLVER A EQUIVOCARSE"

Pág. 13

FIN EL DUCO

HURACÁN Y QUILMES NO SE SACARON VENTAJA

Pág. 8



CRONICAZO: SALIÓ EL 14 EN LA NACIONAL VESPERTINA

ANEXO C – Capas das manchetes do jornal *Meia Hora*

* P5 02: Estado do Rio de Janeiro, Conselho de Imprensa - Grande Rio de Janeiro
Fórmula: AS 104 anos, letras em legibilidade superior a uma br (14.950.000)

H MEIA RA

DE NOTÍCIAS



MOTOR

LIGUE E ANUNCIE:

2532-5000

SÓ NO GRANDE RIO PEÇA O JORNAL SEM

R\$ 1

meiahora.com
O MAIS LIDO DO RIO*
QUARTA-FEIRA, 10/08/2016 • ANO 11 • Nº 3.858

DOMINGO GRÁTIS!



UM PACOTE DE COOKIES PIRAQUÊ, SABOR BAUNILHA.

DON JUAN 08

171 bom de azaração roubava a mulherada

GAME OVER 26

Jogador leva choque no videogame e morre

PROMOÇÃO
KIT CHURRASCO DO MEIA HORA
 Selo 3

GAROTA CORREU MAIS QUE O BOLT!

06

PRIMA METE CELULAR DE EQUIPE DO JUDÔ E DÁ 'WAZARI' EM COPA



Gringo que ganhou medalha vai atrás da moça e acaba na delegacia

CADERNO DE ESPORTES



TÉCNICO DIZ QUE NEYMAR PODE LARGAR A SELEÇÃO

Time do menino mimado faz jogo decisivo hoje

FUTEBOL FEMININO: BRASIL EMPATA E PEGA AUSTRÁLIA

DIA DOS PAIS

SMARTPHONE BARATO VOCÊ SÓ ENCONTRA NA

CASA & VIDEO

CONFIRA AS NOSSAS OFERTAS NO INTERIOR DO JORNAL



ATORES VÃO TER QUE SOLTAR A LÍNGUA NA DP

AFOGARAM O GANSO NA PRAIA COM AREIA E TUDO!



Gravação de filme de sacanagem no Recreio vira polêmica, e polícia dá dura em produtora

DEU PAU NA FILMAGEM!

03

FOTOGRAFADO POR JAPÃO NEWS

POLÍTICOS MORTOS EM SÉRIE 04

Pré-candidata é executada na Baixada

Bonde do mal atacou a mulher, de 49 anos, em bar na Barbuda



REDAÇÃO CORREIO

EM MAGÉ 08

Pai e dois filhos presos por tráfico

SINISTRO 28

Bandida diz que transou com cadáver



CADERNO DE ESPORTES



Victor Luis disputa a bola com rival do Bragantino

Empate em 2 a 2 é ótimo para o Fogão

SANTA PACIÊNCIA! VASCO MARCA AOS 43 E FICA NO 1 A 1 COM SANTA

ESPORTE/CONTRETO

*PS OS: Tamanho 10 e 11 em 2014. Consulte dados 2014 - Grande Rio de Janeiro
Filas: 15 16 anos, lotação: 140 000 passageiros a hora (14 500 000)

H

MEIA

RA

10 ANOS

DE NOTÍCIAS

O MAIS LIDO DO RIO*

SÁBADO, 03/09/2016 • ANO 11 • Nº 3.882

CASA & REFORMA
 LIGUE E ANUNCIE:
2532-5000
 SÓ NO GRANDE RIO PEÇA AO ZEBRALIBRO
R\$ 1

meiahora.com

PESSOAL DEVE TER ACHADO QUE ESTAVAM MATANDO ALGUÉM 21

ESCANDALOSA GRITA QUE NEM LEOA NO CIO DURANTE SEXO E VAI EM CANA

Moça enche os cornos e leva pra casa cara que conheceu no bar, mas vuco-vuco rola no corredor do prédio. Vizinho chamou a poliçada

ESPORTES



DANIEL CASTILHO

Scarpa de olhono Figueira

Bola rola hoje pra Fluzão e Vascão



PAULO FERNANDES VASCO

Nenê volta contra o Bahia

CHAPA QUENTE EM NITERÓI 04

EXCLUSIVO DO VEICULO

BANGUE-BANGUE NO BUSÃO!

Fuzileiro naval mata adolescente que assaltava passageiros



NA ILHA 03

MORTA A FACADAS DEPOIS DE DENUNCIAR O EX NA DP

Mulher é golpeada três vezes em casa. Ela sofria a meças

*PSS: Estatísticas Maplan SSB, Censalidade 2 014 - Grande Rio de Janeiro
Fórmula: 10 x a nos, loteria hipódromo de segunda a sexta (1450.000)



DAVEY CASTEL CORINCO

MEIA RA DE NOTÍCIAS R\$ 1

O MAIS LIDO DO RIO* SEXTA-FEIRA, 17/06/2016 • ANO 11 • Nº 3.804

Rio-2016 Faltam 49 dias

Bradesco

prezunic

herbarium

DA ROCINHA PARA O PRESÍDIO DE BANGU 06

PUDIM DE CACHAÇA ENFIA A FACULA NA ESPOSA E LEVA COÇA

Covardão passa a tarde na manguaça e ataca a mulher na frente do filho dela, de 4 anos

PROMOÇÃO DA MARMITA TÁ BOMBANDO!

SEGUNDA TEM CARTELA NOVA!

Mulher Melão testou a 'Marmita de Patrão': 'Sensacional, superprática' **PÁGINA 10**

CHEGA DE ANDAR DE BUSÃO!

10 CARROS MILHARES DE PRêmIOS

Compre e raspe: 3 resultados iguais e você já GANHOU dinheiro ou carro! 2 áreas raspeáveis são 2x mais chances!

Lotery HORA ESORTE

CÃO É BALEADO NO JACARÉ 03

Rio tá violento pra cachorro

SUPATRIKOLU/CÃO

Marmita de Patrão

Selo 5

CADERNO DE ESPORTES

Fluzão faz o Timão virar timinho em Brasília: 1 a 0

MOTOS

LIGUE E ANUNCIE: 2532-5000

SÓVO GRANDEIRO PEÇAO JOI NALERO

*9205 - Estatísticas Mapas SSB, Caixa Econômica - Grande Rio de Janeiro
Fóruns AS 104 - e nos, loterias digitais de segunda a sexta (1459.000)

H MEIA RA DE NOTÍCIAS R\$ 1

meiahora.com **O MAIS LIDO DO RIO*** QUARTA-FEIRA, 06/07/2016 • ANO 11 • Nº 3.823

Rio-2016 Faltam 30 dias

Bradesco prezonic herbarium

SERÁ QUE A PRIVADA ENTUPIU? 25

CORNO DECEPA ESTROVENGA DO RICARDÃO, TACA NO VASO E DÁ DESCARGA

Mesmo cotó, garanhão pediu desculpas ao ciumento pelo chifre

NO ROLA 08



REPRODUÇÃO/ARTEPRET

No primeiro dia no quartel, sargento PM é morto em operação

GATA BATE UM BOLÃO, MAS A ATUAL DO CARA TAMBÉM É CRAQUE 30



QUANTO SUAVA FLAMENGO

NÃO É SÓ GOL QUE O GUERRERO PERDE... OLHA A BÁRBARA EVANS!

Ex do atacante do Mengão posta em rede social foto quase peladinha

TRÁFICO 04

Sobrinho do Beira-Mar vai pra jaula na Baixada

MOTOR
LIGUE E ANUNCIE:
2532-5000

SÔNIO GRANDEIRO PEÇA AO JORNALERO



*PS OS: Circulação Nacional: 1.000.000 - Grande Rio de Janeiro: 1.450.000
Fórmula: AS 10+ anos, leitores liquidados segundo a sua lei (14.588/06)

SUZANE VON RICHTHOFEN VAI SAIR DA CADEIA PARA O DIAS DAS CRIANÇAS
PÁGINA 08



MOTOR
LIGUE E ANUNCIE:
2532-5000
SÓ NO GRANDE RIO PEÇAO JORNALISMO
R\$ 1

QUARTA-FEIRA, 12/10/2016 • ANO 12 • Nº 3.921

DANADINHO TEM 69 ANOS E APANHOU QUE NEM BOI LADRÃO

26



HISTÓRIA DE AMOR ENTRE IDOSO E MULA ACABA EM PORRADA



Homem pula a cerca de sítio pra fazer saliência com o bicho, mas entra no pau

CADERNO DE ESPORTES

DOMINICK REES/REUTERS



G-6 É LOGO ALI, FOGÃO!

Time do 'Camito' parte pra dentro da gauchada



● ALÔ, GABRIEL JESUS! SÓ NÃO SENTE O CHEIRINHO QUEM NÃO QUER! BRASIL FAZ AOS 7 DO 1º E 7 DO 2º TEMPO: 2 A 0

SEIS PRESOS E DOIS MORTOS

06

CHEIRINHO DE CADEIA

DAS estoura cativo na Baixada e liberta jovem mantida refém



REPRODUÇÃO/TV UOL

FILA ANDOU 03

Beltrame sai e avisa que salário vai atrasar

MONSTRO 08

Covardão pega 40 anos por morte de dançarina

*PS OS Estados do Brasil © 2016. Canal de TV 30/14 - Grande Flórida de mídia
Filas AS 18+ anos, todos os direitos reservados a sua tv (14 56 000)

H MEIA RA DE NOTÍCIAS R\$ 1

meiahora.com O MAIS LIDO DO RIO* QUARTA-FEIRA, 13/07/2016 ANO 11 Nº 3.830

Rio-2016
Faltam 23 dias

Bradesco
prezimir
herbarium

CASTIGO VEIO QUE NEM UM RAI 08

LADRÃO CAI MORTINHO COM FAROFA EM ASSALTO A IGREJA NA BAIXADA

Bandido passa mal e empacota de repente quando roubava templo evangélico em Caxias

ALÔ, POLÍCIA! PRENDE O CARA! 03

MANÍACO DO INSTAGRAM JURA JOELMA DE MORTE

REPRODUÇÃO/INTERNET

SEIS VÍTIMAS EM MENOS DE DOIS DIAS 04

Balas perdidas estão achando geral por aí

Pedreiro foi atingido na Vila Cruzeiro, e vendedora, em Japeri. Os dois morreram

“SE PREPARA PARA MORRER. VOU TE MATAR, SUA MENTIROSA. SE PREPARA PARA PASSAR O PIOR MOMENTO DA SUA VIDA. SABE O CASO DA ANA HICKMANN? VOU FAZER IGUAL”

CADERNO DE ESPORTES

SÃO PAULO DEIXA GANSO SAIR E CARAGLIO ENTRAR

EM MERITI 11

Preso por estupro a própria filha

Marmitta do Patrão Selo 3

*ISS: Estatuto Municipal 1591, Anexo Edital 3.034 - Grande Rio de Janeiro
 Filio: R\$ 104 a ano, letreiros líquidos de segurança a ser ato (14.95.000)

H MEIA RA DE NOTÍCIAS R\$ 1

meiahora.com **O MAIS LIDO DO RIO*** SEXTA-FEIRA, 08/07/2016 • ANO 11 • Nº 3.825

Rio-2016 Faltam 28 dias

Bradesco prezmiic herbarium

FILHO DE 8 ANOS DO CASAL ESTAVA NO BANCO DE TRÁS E VIU TUDO 03



Assassinos usavam camisas com a inscrição 'Polícia Civil'

EXECUTADO NO SHOPPING

Segurança é assassinado em estacionamento em Caxias, após sair do cinema com a família. Esposa dele também foi baleada

ESCÂNDALO 26
 Recusou sexo e foi demitida

MOTOS
 LIGUE E ANUNCIE:
2532-5000
 SÓCIO GRANDEIRO PEÇAO JOVIALBERTO



CONCORRA A 200 INGRESSOS
 PARA O FILME 'CARROSSEL 2'
 PÁGINA 32



RENUNCIOU E FICOU NO CHORORÔ 24
TIROU O CUNHA DA RETA

CORRE LÁ 02
 Feirão tem 1.400 vagas de emprego

NEM A LIQUIDAÇÃO MALUCA TEM PREÇOS TÃO BAIXOS.

QUÊÊÊÊÊÊIMA CASA & VIDEO

PRODUTOS COM ATÉ **80% DE DESCONTO**

2 LOJAS PARTICIPANDO. APROVEITE! ESTOQUE LIMITADO.

ITAGUAI
 Rua Rio- Santos, s/n
 Zona Industrial

ITABORAÍ
 Itaboraí Plaza Shopping
 Rodovia BR 101
 KM 295 - Sentido Norte

ATÉ 16 DE JULHO

COMPRA NOSSO ANÚNCIO NO MEIO DO JORNAL.

*PDS - Estado de São Paulo Consolidado 2014 - Cia. de São Paulo
Fórmula AS 10+ anos, todos os dias de segunda a sexta (R\$ 50,00)

H MEIA RA DE NOTÍCIAS R\$ 1

meiahora.com **O MAIS LIDO DO RIO*** TERÇA-FEIRA, 12/07/2016 • ANO 11 • Nº 3.829

Rio-2016 **Faltam 24 dias**

Bradesco **prezmiric** herbarium

COVARDIA NO ENGENHO NOVO 03

SOLDADO TROCA PLANTÃO COM COLEGA E VIRA 59º POLICIAL EXECUTADO NO RIO EM 2016



Lotado na UPP do Lins, PM foi atacado com tiro na nuca quando dirigia viatura

REPRODUÇÃO/CONTINENTE

DANADINHO 28



Silvio diz que leva revista de mulher pelada pro banheiro

DIVULGADO/REUTERS

CADERNO DE ESPORTES



FLA QUER DIEGO PRA FORMAR A SELEMENÇÃO!

Meia, ex-parceiro de Robinho no Santos, negocia com o Rubro-Negro

REPRODUÇÃO/LOUPEIRO/REUTERS

EM BANGU 08

Cadeirante é morto por bala perdida

AUTOPEÇAS
LIGUE E ANUNCIE: **2532-5000**
SÓ NO GRANDE RIO PEÇANOS JORNAL BBO



* PS OS: Cadastro Nacional de CNH, Consultar de 30/14 - Grande família de meio Filhos AS 16+ anos, bitar no liquidificador suspensão a um (14/58.000)

MEIA HORA DE NOTÍCIAS

meiahora.com

MULHER MELANCIA
PEGA PRAIA E
APROVEITA PRA
DEIXAR PELINHOS
DO POPOZÃO
LOURINHOS
PÁGINA 30

IMÓVEIS
LIGUE E ANUNCIE:
2532-5000
SÓ REGISTRAR O PEÇAO JORNALISTICO
R\$ 1

ADOLESCENTE DE 15 ANOS ESCONDEU CORPO EMBAIXO DA CAMA

22

NOVINHA DO MAL MATA A MÃE COM 40 PEIXEIRADAS

Peste tacou fogo no cadáver e disse que fumaça era de celular que explodiu

ANTHONY/OLIVEIRA/IMPRESSO/AGIAN



ESPORTES

Gata do Mengão elege os mais bonitos do Rubro-Negro

CHEIRINHO DE MUSA

ESPOSA DE CABRAL ENCAROU PRATO FEITO NA CADEIA

03



**ADRIANA
DESFILA
MODELITO
VERDE NA
PASSARELA
DE BANGU**

ROSE DE IMPRESSO/AGIAN

* P5 02: Escudo do Brasil. G10: Gráfico de 2014 - Grande Rio de Janeiro. Filas: AS 104 anos, letreiro Equilíbrio separado a um litro (14,50 000)

H MEIA RA DE NOTÍCIAS
O MAIS LIDO DO RIO*

meiahora.com

CHEIRINHO DE HEX A EM 2018: NE YMAR FAZ 300º GOLE BRASIL METE SX O NA BOLÍVIA **PÁGINA 26**

MOTOS
LIGUE E ANUNCIE:
2532-5000
SÓ POGANIZO IBO PEÇAO JOVIALIBRO
R\$ 1

SEXTA-FEIRA, 07/10/2016 • ANO 12 • Nº 3.916

SELVAGERIA EM NOVA IGUAÇU

COVARDE É POUCO... ELE É MONSTRO!

DEMÔNIO ATROPELA E ESPANCA A NAMORADA NO MEIO DA RUA. DEPOIS, AINDA SE OFERECE NA CARA DE PAU PRA SER ACOMPANHANTE DELA NO HOSPITAL. FAMÍLIA SÓ RECONHECEU A VÍTIMA POR UM SINAL NO PÉ. **PÁGINA 03**

REPRODUÇÕES





'ELE FICA BRAVO SÓ DE OUVIR A IDEIA', CONTA A GATA 40

Gracyanne quis sexo a três, mas Belo amarelou

Cantor diz que não topa porque sexo é 'muito íntimo'

REPRODUÇÃO DO SITE DO GLOBO



reprodução

NAMORADA ESCAPOU 04

POLICIAL DA CORE É EXECUTADO EM ASSALTO NO MÉIER

NÃO PERCA A CHANCE DE GANHAR BRINDES INCRÍVEIS DO MUNDO PIRA. VEJA MAIS NA PÁGINA 12.

piraquê
omundopira.com.br

